

2015
2016



CATEQUESES SOBRE A MISERICÓRDIA



Índice

Introdução	4
Obras da Misericórdia	5
A MISERICÓRDIA NO ANTIGO TESTAMENTO	6
O nome de Deus é “o Misericordioso”	6
Deus da compaixão e da aliança	9
Misericórdia e missão	12
Misericórdia e justiça	14
O Jubileu na Bíblia: justiça e partilha	17
Misericórdia e empenho	21
Misericórdia e poder	24
Misericórdia e correção	28
Misericórdia e serviço	31
Misericórdia e consolação	33
O Tríduo Pascal no Jubileu da Misericórdia	37
A misericórdia apaga o pecado	40
A MISERICÓRDIA NOS EVANGELHOS	44
O Evangelho da Misericórdia	44
Misericórdia e Esmola	47
Quero misericórdia, não sacrifício	49
As lágrimas da pecadora obtiveram-lhe o perdão	53
Vai e faz a mesma coisa	57
Misericórdia e reconciliação	60
A ovelha perdida	63
O Pai misericordioso	66
Misericórdia como piedade	70
Pobreza e misericórdia	72
Oração: fonte de misericórdia	75
A oração humilde obtém misericórdia	79
O primeiro sinal da misericórdia	82



A misericórdia é luz	85
Misericórdia e conversão	89
A misericórdia purifica o coração	91
Obras de misericórdia	94
A consolação para uma mãe	97
A misericórdia: instrumento de comunhão	101
A misericórdia oferece dignidade	104
É a misericórdia que salva	106
Mistério de Jesus	109
Misericórdia e redenção	112
Aprendeis de mim	115
Misericordiosos como o Pai	119
O perdão na cruz	122
AS OBRAS DE MISERICÓRDIA	126
Introdução	126
Alimentar os famintos e saciar os sedentos	130
Misericórdia e diálogo	133
Acolher o estrangeiro e vestir o que está nu	135
Visitar os enfermos e os encarcerados	138
A misericórdia e a inclusão	142
Suportar pacientemente as fraquezas do próximo	144
Aconselhar e ensinar	147
Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos	150



Introdução

Quis o Papa Francisco que a Igreja vivesse um Jubileu Extraordinário da Misericórdia de 8 de dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição, a 20 de novembro de 2016, solenidade de Cristo, Rei do Universo. Um tempo de graça para a Igreja, no qual o sumo pontífice exortou os fiéis a serem misericordiosos como o Pai.

«Sede misericordiosos como o Pai. (Lc 6,36) É um compromisso que interpela a consciência e a ação de cada cristão. Com efeito, não é suficiente experimentar a misericórdia de Deus na própria vida; é necessário que quem a recebe se torne também sinal e instrumento para os outros. Além disso, a misericórdia não está reservada só para alguns momentos particulares, mas abraça toda a nossa existência diária.»

Nesta publicação, reúnem-se as catequeses de Francisco durante o Ano Santo da Misericórdia.

OBRAS DE MISERICÓRDIA DOUTRINA CRISTÃ

OBRAS DE MISERICÓRDIA ESPIRITUAIS

- 1 DAR BOM CONSELHO;
- 2 CORRIGIR OS QUE ERRAM;
- 3 ENSINAR OS IGNORANTES;
- 4 SUPORTAR COM PACIÊNCIA
AS FRAQUEZAS DO PRÓXIMO;
- 5 CONSOLAR OS AFLITOS;
- 6 PERDOAR OS QUE
NOS OFENDERAM;
- 7 REZAR PELOS VIVOS
E PELOS MORTOS.

OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS

- 1 DAR DE COMER
A QUEM TEM FOME;
- 2 DAR DE BEBER A
QUEM TEM SEDE;
- 3 VESTIR OS NUS;
- 4 VISITAR OS DOENTES;
- 5 VISITAR OS PRESOS;
- 6 ACOLHER OS PEREGRINOS;
- 7 ENTERRAR OS
MORTOS.



A MISERICÓRDIA NO ANTIGO TESTAMENTO

O nome de Deus é “o Misericordioso”

Hoje começamos as catequese sobre a *misericórdia segundo a perspectiva bíblica*, de maneira a aprender a misericórdia, ouvindo aquilo que o próprio Deus nos ensina mediante a sua Palavra. Começamos a partir do *Antigo Testamento*, que nos prepara e nos conduz à plena revelação de Jesus Cristo, em quem se manifesta a misericórdia do Pai.

Na Sagrada Escritura, o Senhor é apresentado como «*Deus misericordioso*». Este é o seu nome, através do qual Ele nos revela, por assim dizer, a sua face e o seu coração. Como narra o Livro do Êxodo, revelando-se a Moisés, Ele mesmo assim se define: «*Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira, rico em bondade e em fidelidade*» (34, 6). Inclusive noutros textos voltamos a encontrar esta fórmula, com algumas variações, não obstante se ponha sempre a ênfase na misericórdia e no amor de Deus, que nunca se cansa de perdoar (cf. *Gn 4, 2; Gl 2, 13; Sl 86, 15; 103, 8; 145, 8; Ne 9, 17*). Vejamos juntos, uma por uma, estas palavras da Sagrada Escritura que nos falam de Deus.

O Senhor é «*misericordioso*»: este vocábulo evoca uma atitude de ternura, como a de uma mãe pelo seu filho. Com efeito, o termo hebraico usado pela Bíblia leva a pensar nas vísceras, ou então no ventre materno. Por isso, a imagem que sugere é a de um Deus que *se comove e sente ternura por nós*, como uma mãe quando pega o seu filho ao colo, unicamente desejosa de amar, proteger e ajudar, pronta a doar tudo, até a si mesma. Esta é a imagem que este termo sugere. Portanto, um amor que se pode definir, no bom sentido, «visceral».



Depois, está escrito que o Senhor é «*compassivo*», no sentido que concede a graça, tem compaixão e, na sua grandeza, se debruça sobre quantos são frágeis e pobres, *sempre pronto a acolher, compreender e perdoar*. É como o pai da parábola tirada do Evangelho de Lucas (cf. *Lc 15, 11-32*): um pai que não se fecha no ressentimento pelo abandono do filho mais novo mas, ao contrário, continua a esperar por ele — foi ele que o gerou! — e depois corre ao seu encontro e abraça-o, nem sequer o deixa terminar a sua confissão — como se lhe tapasse a boca — tão grandes são o amor e a alegria por o ter reencontrado; e em seguida vai chamar também o filho mais velho, que se sente indignado e não quer festejar, o filho que permaneceu sempre em casa mas vivia mais como um servo do que como um filho, e o pai debruça-se inclusive sobre ele, convida-o a entrar e procura abrir o seu coração ao amor, a fim de que ninguém seja excluído da festa da misericórdia. A misericórdia é uma festa!

Deste Deus misericordioso também se diz que é «*lento para a ira*», literalmente, tem um «*longo respiro*», ou seja, o *amplo respiro da longanimidade e da capacidade de suportar*. Deus sabe esperar, os seus tempos não são os tempos impacientes dos homens; Ele é como o sábio agricultor que sabe esperar, dá tempo à boa semente para crescer, não obstante o joio (cf. *Mt 13, 24-30*).

E finalmente, o Senhor proclama-se «*rico em bondade e em fidelidade*». Como é bonita esta definição de Deus! Ela contém tudo. Porque Deus é grande e poderoso, mas esta grandeza e poder revelam-se no amor a nós, que somos tão pequeninos, tão incapazes. A palavra «*amor*», aqui utilizada, indica o *carinho, a graça, a bondade*. Não se trata do amor das telenovelas... É o amor que dá o primeiro passo, que não depende dos méritos humanos, mas de uma imensa gratuidade. É a solicitude divina que nada pode impedir, nem sequer o pecado, porque ela sabe ir mais além do pecado, derrotar o mal e perdoá-lo.



Uma «*fidelidade*» sem limites: eis a derradeira palavra da revelação de Deus a Moisés. A fidelidade de Deus nunca esmorece, porque o Senhor é o Guardião que, como recita o Salmo, não adormece, mas vigia continuamente sobre nós, para nos levar à vida:

«Ele não permitirá que os teus pés vacilem;
não adormecerá aquele que te guarda.

Não, não dormirá, não cairá no sono
a sentinela de Israel.

[...].

O Senhor proteger-te-á de todo o mal;

Ele velará sobre a tua alma.

O Senhor guardará os teus passos,
agora e para sempre» (Sl 121, 3-4.7-8).

Este Deus misericordioso é fiel na sua misericórdia e são Paulo diz algo muito bonito: ainda que tu não lhe sejas fiel, contudo Ele permanecer-te-á fiel, porque não pode renegar-se a si mesmo. A fidelidade na misericórdia é precisamente o ser de Deus. E por isso Deus é totalmente e sempre confiável. A sua presença é firme e estável. Eis em que consiste a certeza da nossa fé. E então, neste Jubileu da Misericórdia, confiemo-nos inteiramente a Ele, e experimentemos a alegria de ser amados por este «Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira, rico em bondade e em fidelidade».

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, saúdo-vos cordialmente a todos, com menção especial para o grupo do Brasil. Não nos cansemos de vigiar sobre os nossos pensamentos e atitudes para saborear



desde já o calor e o esplendor do rosto de Deus misericordioso, que havemos de contemplar em toda a sua beleza na vida eterna. Desça, generosa, a sua Bênção sobre vós e vossas famílias!

Dou cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, em particular aos provenientes da Jordânia, da Terra Santa e do Médio Oriente. A Misericórdia é o nome de Deus e o seu modo de se expressar a si mesmo e o seu amor pelos homens. Ele chama-nos a ser misericordiosos uns com os outros para sermos verdadeiramente seus filhos. O Senhor vos abençoe, vos encha da sua Misericórdia e vos proteja do maligno!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos enfermos e aos recém-casados. Neste Ano Santo convido-vos a abraçar e partilhar a ternura de Deus Pai. Queridos jovens, sede portadores do amor de Cristo entre os vossos coetâneos; caros doentes, encontrais na carícia de Deus o alívio na dor; e vós, caros recém-casados, sede testemunhas da beleza do Sacramento do Matrimónio através do vosso amor fiel.

Antes de concluir este nosso encontro, durante o qual pudemos meditar juntos sobre a Misericórdia de Deus, convido-vos a rezar pelas vítimas do atentado ocorrido ontem em Istambul. Que o Senhor, o Misericordioso, conceda a paz eterna às vítimas, alívio aos familiares e determinação solidária à sociedade inteira, convertendo os corações dos violentos.

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 13 de janeiro de 2016

Deus da compaixão e da aliança

Na Sagrada Escritura, a misericórdia de Deus está presente ao longo de toda a história do povo de Israel.

Com a sua misericórdia, o Senhor acompanha o caminho dos Patriarcas, concede-lhes filhos não obstante a condição de esterilidade, conduzindo-os por veredas de graça e de reconciliação, como demonstra a história de José e dos seus irmãos (cf. Gn 37-50). E penso nos numerosos irmãos que vivem afastados numa família e não falam entre si. Mas este Ano da Misericórdia é uma boa ocasião para voltar a encontrar-se, para se abraçar, para se perdoar e para esquecer as situações desagradáveis. Contudo, como sabemos, no Egito a vida do povo torna-se árdua. E



é precisamente quando os israelitas estão prestes a sucumbir, que o Senhor intervém e realiza a salvação.

No Livro do Êxodo lê-se: «Muito tempo depois morreu o rei do Egípto. Os israelitas, que ainda gemiam sob o peso da servidão, clamaram e, do fundo da sua escravidão, o seu clamor subiu até Deus. Deus ouviu os seus gemidos e lembrou-se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob. Olhou para os israelitas e reconheceu-os» (2, 23-25). A misericórdia não pode permanecer indiferente diante do sofrimento dos oprimidos, do grito de quantos estão submetidos à violência, reduzidos à escravidão, condenados à morte. É uma realidade dolorosa que aflige todas as épocas, inclusive a nossa, e que nos faz sentir muitas vezes impotentes, tentados a empedernecer o coração e a pensar noutras coisas. Deus, ao contrário, «não é indiferente» (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016*, 1), nunca afasta o seu olhar da dor humana. O Deus de misericórdia responde e cuida dos pobres, daqueles que clamam o próprio desespero. Deus ouve e intervém para salvar, suscitando homens capazes de ouvir o gemido do sofrimento e de agir em benefício dos oprimidos.

É assim que começa a história de Moisés, como mediador de libertação para o povo. Ele enfrenta o Faraó para o convencer a permitir que Israel parta; e depois guiará o povo através do mar Vermelho e do deserto, rumo à liberdade. Moisés, que a misericórdia divina salvou recém-nascido da morte nas águas do Nilo, faz-se mediador daquela mesma misericórdia, permitindo que o povo nascesse para a liberdade, salvo das águas do mar Vermelho. E também nós, neste Ano da Misericórdia, podemos cumprir esta tarefa de ser mediadores de misericórdia com obras de misericórdia, para aproximar, para dar alívio, para promover a unidade. É possível realizar muitas obras boas!

A misericórdia de Deus age sempre para salvar. É totalmente oposta à obra de quantos agem sempre para matar: por exemplo, aqueles que promovem as



guerras. Mediante o seu Servo Moisés, o Senhor orienta Israel no deserto como se fosse um filho, educa-o para a fé e estabelece uma aliança com ele, criando um vínculo de amor extremamente forte, como aquele do pai com o filho, do esposo com a esposa.

A misericórdia divina chega até a este ponto. Deus propõe uma relação de amor particular, exclusivo, privilegiado. Quando dá instruções a Moisés, a respeito da aliança, Ele diz: «Se obedeceres à minha voz e guardardes a minha aliança, sereis o meu povo particular entre todos os povos. Toda a terra é minha, mas para mim vós sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa» (Êx 19, 5-6).

Sem dúvida, Deus já possui a terra inteira, porque foi Ele que a criou; mas o povo torna-se para Ele uma posse diferente, especial: a seu pessoal «reserva de ouro e prata», como aquela que o rei David afirmava ter concedido para a construção do templo.

Pois bem, assim nos tornamos para Deus, quando acolhemos a sua aliança e nos deixamos salvar por Ele. A misericórdia do Senhor faz com que o homem seja precioso, como uma riqueza pessoal que lhe pertence, que Ele conserva e na qual se deleita.

São estas as maravilhas da misericórdia divina, que alcançam o seu pleno cumprimento no Senhor Jesus, naquela «nova e eterna aliança» consumida no seu sangue que, mediante o perdão, destrói o nosso pecado e nos torna definitivamente filhos de Deus (cf. *1 Jo 3, 1*), jóias inestimáveis nas mãos do Pai bom e misericordioso. E se nós somos filhos de Deus e temos a possibilidade de receber esta herança — de bondade e de misericórdia — em relação aos outros, peçamos ao Senhor que neste Ano da Misericórdia também nós realizemos obras de misericórdia; abramos o nosso coração para chegar a todos com as obras de misericórdia, a herança misericordiosa que Deus Pai nos concedeu.



Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, especialmente aos fiéis de Brasília e de São José dos Campos, desejando-vos que nada e ninguém possa impedir-vos de viver e crescer na amizade de Deus Pai; mas deixai que o seu amor sempre vos regenere como filhos e vos reconcilie com Ele e com os irmãos. Desça, sobre vós e vossas famílias a abundância das suas bênçãos.

Por ocasião do Jubileu da Misericórdia, o Pontifício Conselho «Cor Unum» promoveu uma jornada de retiro espiritual para as pessoas e os grupos comprometidos ao serviço da caridade. A jornada, que terá lugar nas várias dioceses durante a próxima Quaresma, será uma ocasião para meditar sobre o apelo a sermos misericordiosos como o Pai. Convido todos a aceitar esta proposta, utilizando as indicações e os subsídios preparados por «Cor Unum».

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Amanhã celebra-se a memória litúrgica de S. Tomás de Aquino, padroeiro das escolas católicas. O seu exemplo vos leve, caros jovens, a ver em Jesus misericordioso, o único Mestre de vida; a sua intercessão vos dê, amados doentes, a serenidade e a paz presentes no mistério da Cruz; e a sua doutrina vos sirva de encorajamento, prezados recém-casados, para confiar na sabedoria do coração e cumprir a vossa missão.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 27 de janeiro de 2016

Misericórdia e missão

Entramos dia após dia no cerne do Ano Santo da Misericórdia. Com a sua graça, o Senhor guia os nossos passos enquanto atravessamos a Porta Santa e vem ao nosso encontro para permanecer sempre connosco, apesar das nossas falhas e contradições. Nunca deixamos de ter necessidade do seu perdão, porque quando nos sentimos débeis a sua proximidade torna-nos fortes e permite-nos viver a nossa fé com mais alegria.

Hoje gostaria de vos indicar o vínculo estreito que existe entre a *misericórdia* e a *missão*. Como recordava são João Paulo II: «A Igreja vive uma existência



autêntica quando professa e proclama a misericórdia e aproxima os homens das fontes da misericórdia» (cf. Enc. *Dives in misericordia*, 13). Como cristãos temos a responsabilidade de ser missionários do Evangelho. Quando recebemos uma boa notícia, ou vivemos uma experiência bonita, é natural que sintamos a exigência de partilhá-la com os outros. Sentimos dentro de nós que não podemos conter a alegria que nos foi doada: queremos compartilhá-la. A alegria suscitada é tal que nos impele a comunicá-la.

E deveria ser assim também quando nos encontramos com o Senhor: a alegria deste encontro, da sua misericórdia, comunicar a misericórdia do Senhor. Aliás, o sinal concreto de que nos encontramos realmente com Jesus é a alegria que sentimos ao comunicá-la também aos outros. E isto não é «fazer proselitismo», é oferecer um dom: dou-te o que me dá alegria. Lendo o Evangelho vemos que esta foi a experiência dos primeiros discípulos: depois do primeiro encontro com Jesus, André foi imediatamente contar ao seu irmão Pedro (cf. *Jo* 1, 40-42) e o mesmo fez Filipe a Natanael (cf. *Jo* 1, 45-46). Encontrar com Jesus equivale a encontrar o seu amor. Este amor transforma-nos e torna-nos capazes de transmitir aos outros a força que nos doa. De qualquer maneira poderíamos dizer que a partir do dia do Batismo a cada um de nós é dado um novo nome que se acrescenta ao que os pais nos deram, e este nome é «Cristóvão»: somos todos «Cristóvãos». O que significa? «Portadores de Cristo». É o nome da nossa atitude, uma atitude de portadores da alegria de Cristo, da misericórdia de Cristo. Cada cristão é um «Cristóvão», isto é, um portador de Cristo!

A misericórdia que recebemos do Pai não nos é dada como uma consolação individual, mas torna-nos instrumentos a fim de que também outros possam receber o mesmo dom. Há uma circularidade admirável entre a misericórdia e a missão. Viver de misericórdia torna-nos missionários da misericórdia, e ser missionários permite-nos crescer cada vez mais na misericórdia de Deus. Portanto,



levemos a sério o nosso ser cristãos, comprometendo-nos a viver como crentes, porque só assim o Evangelho pode comover o coração das pessoas e abri-lo para receber a graça do amor, para receber esta grande misericórdia de Deus que acolhe todos.

Saudações

De coração saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa: bem-vindos! Neste Ano Santo da Misericórdia, somos chamados a reconhecer que precisamos do perdão que Deus nos oferece gratuitamente porque, quando somos humildes, o Senhor nos torna mais fortes e alegres na nossa fé cristã. Desça generosa, por intercessão da Virgem Maria, a Bênção de Deus sobre cada um de vós e as vossas famílias.

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 30 de janeiro de 2016

Misericórdia e justiça

A Sagrada Escritura apresenta-nos Deus como misericórdia infinita, mas também como justiça perfeita. Como conciliar os dois aspetos? De que modo se articula a realidade da misericórdia com as exigências da justiça? Poderia parecer que são duas realidades que se contradizem; na verdade não é assim, porque é precisamente a misericórdia de Deus que leva ao cumprimento da justiça autêntica. Mas de que justiça se trata?

Se pensarmos na administração legal da justiça, vemos que quem se considera vítima de um abuso, dirige-se ao juiz no tribunal e pede que seja feita justiça. Trata-se de uma justiça retributiva, que inflige uma pena ao culpado, segundo o princípio que a cada um deve ser dado o que lhe é devido. Como recita o



livro dos Provérbios: «Quem pratica a justiça está destinado à vida, mas quem persegue o mal está destinado à morte» (cf. 11, 19). Também Jesus fala sobre isto na parábola da viúva que repetidamente ia ter com o juiz e lhe pedia: «Faz-me justiça contra o meu adversário» (cf. Lc 18, 3).

Contudo, este caminho não leva à verdadeira justiça porque na realidade não vence o mal, simplesmente limita-o. Mas é só respondendo com o bem que o mal pode ser deveras vencido.

Eis então outro modo de fazer justiça que a Bíblia nos apresenta como via mestra a percorrer. Trata-se de um procedimento que evita o recurso ao tribunal e prevê que a vítima se dirija diretamente ao culpado para o exortar à conversão, ajudando-o a compreender que está a praticar o mal, fazendo apelo à sua consciência. Deste modo, finalmente vendo e reconhecendo o próprio erro, ele pode abrir-se ao perdão que a parte lesada lhe está a oferecer. E isto é bom: depois da persuasão do que é o mal, o coração abre-se ao perdão que lhe é oferecido. Este é o modo de resolver os contrastes nas famílias, nas relações entre esposos ou entre pais e filhos, onde o ofendido ama o culpado e deseja salvar a relação que o une ao outro. Não se interrompa a relação, aquele relacionamento.

Certamente, é um caminho difícil. Requer que quem recebeu a ofensa esteja pronto a perdoar e deseje a salvação e o bem de quem o ofendeu. Mas só assim a justiça pode triunfar, porque se o culpado reconhecer o mal praticado e deixar de o fazer, eis que o mal já não existe, e aquele que era injusto torna-se justo, porque foi perdoado e ajudado a reencontrar a via do bem. E isto tem a ver precisamente com o perdão, com a misericórdia.

É assim que Deus age em relação a nós, pecadores. O Senhor oferece-nos continuamente o seu perdão e ajuda-nos a acolhê-lo e a tomar consciência do nosso mal para nos podermos libertar dele. Porque Deus não quer a nossa condenação, mas a nossa salvação. Deus não deseja a condenação de ninguém! Algum de vós



poderia perguntar-me: «Mas Padre, Pilatos merecia a condenação? Deus queria isto?» — Não! Deus queria salvar Pilatos e também Judas, todos! O Senhor da misericórdia queria salvar todos! O problema é deixar que Ele entre no coração. Todas as palavras dos profetas são um apelo apaixonado e cheio de amor que procura a nossa conversão. Eis o que o Senhor diz através do profeta Ezequiel: «Porventura comprazer-me-ei com a morte do pecador [...] ou com a sua conversão, de maneira que ele tenha vida?» (cf. 18, 23; e 33, 11), é isto que agrada a Deus!

Este é o coração de Deus, um coração de Pai que ama e deseja que os seus filhos vivam no bem e na justiça e, portanto, vivam em plenitude e sejam felizes. Um coração de Pai que vai além do nosso pequeno conceito de justiça para nos abrir aos horizontes infinitos da misericórdia. Um coração de Pai que não nos trata segundo os nossos pecados e não nos repreende, nem conserva a sua ira, como diz o Salmo (cf. 103, 9-10). É precisamente um coração de pai que queremos encontrar quando vamos ao confessor. Talvez nos diga algo para nos ajudar a entender melhor o mal, mas ao confessor vamos todos para encontrar um pai que nos ajude a mudar de vida; um pai que nos dê a força para continuar; um pai que nos perdoe em nome de Deus. E por isso ser confessor é uma responsabilidade tão grande, porque o filho, a filha que vai ter contigo espera encontrar um pai. E tu, sacerdote, que estás ali no confessor, estás no lugar do Pai que faz justiça com a sua misericórdia.

Saudações

Saúdo cordialmente todos os peregrinos de língua portuguesa. Queridos amigos, devemos deixar para trás o nosso pobre conceito de justiça e abrir o nosso coração à infinita misericórdia de Deus, que nunca se cansa de nos perdoar, para que possamos buscar a reconciliação com todos, começando pelos nossos familiares. Que Deus vos abençoe.



Dirijo cordiais saudações de boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em particular aos que provêm do Médio Oriente! Queridos irmãos e irmãs, a justiça de Deus é o seu perdão! Portanto, acolhamos este perdão divino para poder perdoar por nossa vez os irmãos. O Senhor vos abençoe!

De coração dou as boas-vindas aos peregrinos polacos. Caríssimos, a justiça de Deus é o seu perdão. E nós como filhos deste Pai bom, somos chamados a acolher o perdão divino e perdoar por nossa vez os irmãos. Rezemos a fim de que o Senhor nos torne capazes de pedir a Ele que «perdoe as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos têm ofendido» e de lhe poder chamar, em plena verdade, «Pai nosso». Louvado seja Jesus Cristo!

Dirijo um pensamento afetuoso aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje comemoramos São Brás, mártir da Arménia. Este santo bispo recorda-nos o compromisso de anunciar o Evangelho até em condições difíceis. Queridos jovens, sede corajosas testemunhas da vossa fé; amados doentes, ofereci a vossa cruz quotidiana pela conversão dos que se afastaram da luz de Cristo; e vós, queridos recém-casados, sede anunciadores do seu amor a partir da vossa família.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 3 de fevereiro de 2016

O Jubileu na Bíblia: justiça e partilha

É bom e também significativo realizar esta audiência precisamente nesta Quarta-Feira de Cinzas. Começamos o caminho da Quaresma e hoje meditaremos sobre a antiga instituição do «jubileu»; é antiga, já testemunhada na Sagrada Escritura. Encontramo-la de modo particular no Livro do Levítico, que a apresenta como um momento culminante da vida religiosa e social do povo de Israel.

A cada 50 anos, «no dia da expiação» (Lv 25, 9), quando a misericórdia do Senhor era invocada sobre todo o povo, o som da trombeta anunciava um grande acontecimento de libertação. Com efeito, no Livro do Levítico lemos: «Santificareis o quinquagésimo ano e anunciareis a liberdade na terra para todos os seus habitantes. Será o vosso jubileu. Voltareis cada um para a própria terra e para a sua



família [...] Nesse ano jubilar, cada um voltará à sua propriedade» (25, 10.13). Segundo estas disposições, se alguém tivesse sido forçado a vender a sua terra ou a própria casa, no jubileu podia voltar a apoderar-se delas; e se alguém tivesse contraído dívidas e, impossibilitado de as pagar, tivesse sido obrigado a pôr-se ao serviço do credor, podia voltar livremente à própria família e reaver todas as suas propriedades.

Era uma espécie de «perdão geral», com o qual se permitia que todos voltassem à situação originária, com o cancelamento de todas as dívidas, a restituição da terra e a possibilidade de gozar novamente da liberdade, própria dos membros do povo de Deus. Um povo «santo», onde prescrições como aquela do jubileu serviam para combater a pobreza e a desigualdade, garantindo uma vida digna para todos e uma distribuição equitativa da terra onde habitar e da qual haurir o próprio sustento. A ideia central é que a terra pertence originariamente a Deus e foi confiada aos homens (cf. *Gn 1, 28-29*), e por isso ninguém pode reivindicar para si a sua posse exclusiva, criando situações de desigualdade. Hoje podemos reconsiderar isto; cada qual no seu coração pense se possui demasiados bens. Mas por que motivo não os deixar a quantos nada possuem? Dez por cento, cinquenta por cento... Digo: que o Espírito Santo inspire cada um de vós.

Com o jubileu, quem se tinha tornado pobre, voltava a dispor do necessário para viver, e quantos se tinham tornado ricos restituíam ao pobre aquilo de que se tinham apoderado. A finalidade era uma sociedade fundamentada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro voltassem a tornar-se um bem para todos e não apenas para alguns, como hoje acontece, se não me engano... Mais ou menos, os números não são exatos, mas oitenta por cento das riquezas da humanidade estão nas mãos de menos de vinte por cento da população. É um jubileu — e digo-o, recordando a nossa história de salvação — para a conversão, para que o nosso coração se torne maior, mais generoso e mais filho de Deus, com



mais amor. Digo-vos algo: se este desejo, se o jubileu não chegar aos bolsos, não será um verdadeiro jubileu. Entendestes? E isto está na Bíblia! Não é este Papa que o inventa: está na Bíblia. A finalidade — como eu disse — era uma sociedade baseada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro se tornassem um bem para todos, e não só para alguns. Com efeito, o jubileu tinha a função de ajudar o povo a viver uma fraternidade concreta, feita de ajuda recíproca. Podemos dizer que o jubileu bíblico era um «jubileu de misericórdia», porque era vivido na busca sincera do bem do irmão necessitado.

Nesta mesma perspetiva, também outras instituições e outras normas governavam a vida do povo de Deus, para que se pudesse experimentar a misericórdia do Senhor através da misericórdia dos homens. Naquelas normas encontramos indicações, ainda hoje válidas, que fazem meditar. Por exemplo, a lei bíblica prescrevia a oferta dos «dízimos» destinados aos levitas, encarregados do culto que não possuíam terrenos, e aos pobres, aos órfãos e às viúvas (cf. *Dt 14, 22-29*). Ou seja, previa-se que a décima parte da colheita, ou do lucro de outras atividades, fosse oferecida àqueles que não tinham tutela alguma e viviam em estado de necessidade, de modo a favorecer condições de relativa igualdade no interior de um povo, no qual todos deviam comportar-se como irmãos.

Além disso, havia a lei relativa às «primícias». Do que se trata? A primeira parte da colheita, a parte mais preciosa, devia ser dividida com os levitas e com os estrangeiros (cfr. *Dt 18, 4-5; 26, 1-11*), que não possuíam campos, de tal forma que também para ele a terra se tornasse fonte de alimento e de vida. «A terra é minha e vós estais na minha casa como estrangeiros ou hóspedes», oráculo do Senhor (*Lv 25, 23*). Somos todos hóspedes do Senhor, à espera da pátria celeste (cf. *Hb 11, 13-16; 1 Pd 2, 11*), chamados a tornar habitável e humano o mundo que nos acolhe. E quem é mais feliz, quantas «primícias» poderia oferecer àqueles que vivem em dificuldade! Quantas primícias! Primícias não apenas dos frutos dos campos, mas de



qualquer outro produto do trabalho, dos salários, das poupanças, de tudo aquilo que o homem possui e que às vezes desperdiça. Isto acontece também hoje. À Esmolaria apostólica chegam muitas cartas, com um pouco de dinheiro: «Esta é uma parte do meu salário, para ajudar o próximo». E isto é bom; ajudar o próximo, as instituições de beneficência, os hospitais, as casas de repouso...; dar também aos forasteiros, a quantos são estrangeiros e estão de passagem. Jesus foi estrangeiro no Egito.

E pensando precisamente nisto, a Sagrada Escritura exorta com insistência a responder com generosidade aos pedidos de empréstimos, sem fazer cálculos mesquinhos e sem pretender juros impossíveis: «Se o teu irmão se tornar pobre junto de ti, e as suas mãos se enfraquecerem, sustentá-lo-ás, mesmo que se trate de um estrangeiro ou de um hóspede, a fim de que ele viva contigo. Não receberás dele juros nem lucro; mas temerás o teu Deus, para que o teu irmão viva contigo. Não lhe emprestarás com juros o teu dinheiro, e não lhe darás os teus víveres por amor ao lucro» (*Lv 25, 35-37*). Este ensinamento é sempre válido. Quantas famílias vivem na rua, vítimas da usura! Por favor, oremos a fim de que neste jubileu o Senhor tire do coração de todos nós esta ganância de ter mais, a usura. Voltemos a ser generosos, magnânimos. Quantas situações de usura somos obrigados a ver e quanto sofrimento e angústia existem nas famílias! E muitas vezes, no desespero, quantos homens acabam no suicídio porque não aguentam, não têm esperança, não têm uma mão estendida que os ajude, mas só uma mão que os obriga a pagar os juros. A usura é um pecado grave, um pecado que clama diante de Deus. O Senhor, ao contrário, prometeu a sua bênção a quantos abrem a mão para dar com magnanimidade (cf. *Dt 15, 10*). Ele dar-te-á o duplo, talvez não em dinheiro, mas noutras coisas; contudo, o Senhor dar-te-á sempre o duplo.

Caros irmãos e irmãs, a mensagem bíblica é muito clara: abrir-se com coragem à partilha, e isto é misericórdia! E se nós quisermos a misericórdia de Deus,



começemos nós mesmos a concedê-la. É isto: começemos a concedê-la entre concidadãos, entre famílias, entre povos, entre continentes. Contribuir para edificar uma terra sem pobres quer dizer construir sociedades sem discriminações, baseadas na solidariedade que leva a compartilhar quanto se possui, numa divisão de recursos assente na fraternidade e na justiça. Obrigado!

Saudações

Com ânimo feliz e agradecido, saúdo os professores e os alunos das diversas comunidades escolares de Barreiro, Bragança, Coimbra e Lisboa. Sobre vós e demais peregrinos de língua portuguesa, invoco a proteção da Virgem Maria. Que Ela vos tome pela mão durante os próximos quarenta dias, ajudando-vos a ficar mais parecidos com Jesus ressuscitado. Desejo-vos uma santa e frutuosa Quaresma!

Amanhã, memória da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes, celebra-se o XXIV Dia Mundial do Doente, que terá o seu apogeu em Nazaré. Na mensagem deste ano meditamos sobre o papel insubstituível de Maria nas bodas de Caná: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). Na solicitude de Maria refletem-se a ternura de Deus e a imensa bondade de Jesus misericordioso. Convido a rezar pelos enfermos e a fazer com que eles sintam o nosso amor. A mesma ternura de Maria esteja presente na vida de tantas pessoas que se encontram ao lado dos doentes, sabendo sentir as suas necessidades, até as mais impercetíveis, porque vistas com olhos cheios de amor.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 10 de fevereiro de 2016

Misericórdia e empenho

O Jubileu da Misericórdia é uma verdadeira oportunidade para entrar em profundidade no âmbito do mistério da bondade e do amor de Deus. Neste tempo de Quaresma, a Igreja convida-nos a conhecer cada vez mais o Senhor Jesus, e a viver de modo coerente a fé com um estilo de vida que expresse a misericórdia do



Pai. É um compromisso que estamos chamados a assumir para oferecer a quantos encontramos o sinal concreto da proximidade de Deus. O meu dia-a-dia, as minhas atitudes, o modo de andar na vida deve ser precisamente um sinal concreto do facto que Deus está próximo de nós. Pequenos gestos de amor, de ternura, de cuidado, que fazem pensar que o Senhor está connosco, está próximo de nós. E assim abre-se a porta da misericórdia.

Hoje gostaria de refletir brevemente convosco sobre o tema desta palavra que disse: o tema do compromisso. O que é um compromisso? E que significa comprometer-se? Quando me comprometo, significa que assumo uma responsabilidade, uma tarefa em relação a alguém; e significa também o estilo, a atitude de fidelidade e dedicação, de atenção especial com a qual levo por diante esta tarefa. Todos os dias nos é pedido para dedicar atenção ao que fazemos: na oração, no trabalho, no estudo, mas também no desporto, nas atividades livres... Em síntese, comprometer-se significa dedicar a nossa boa vontade e as nossas forças para melhorar a vida.

E também Deus se comprometeu connosco. O seu primeiro compromisso foi o de criar o mundo, e não obstante os nossos atentados para o destruir — e são tantos — Ele dedica-se a mantê-lo vivo. Mas o seu maior compromisso foi o de nos doar Jesus. Este é um grande compromisso de Deus! Sim, Jesus é precisamente o compromisso extremo que Deus assumiu em relação a nós. Recorda isto também são Paulo quando escreve que Deus «não poupou o próprio Filho, mas o entregou por todos nós» (*Rm 8, 32*). E, em virtude disto, juntamente com Jesus, o Pai nos proporcionará todas as coisas de que necessitamos.

E como se manifestou este compromisso de Deus por nós? É muito simples verificá-lo no Evangelho. Em Jesus, Deus comprometeu-se de maneira total para restituir esperança aos pobres, a quantos estavam privados de dignidade, aos estrangeiros, aos doentes, aos presos e aos pecadores que acolhia com bondade.



Em tudo isto, Jesus era expressão viva da misericórdia do Pai. E gostaria de mencionar um aspeto: Jesus acolhia com bondade os pecadores. Se pensássemos de modo humano, o pecador seria um inimigo de Jesus, um inimigo de Deus, mas Ele aproximava-se deles com bondade, amava-os e mudava o seu coração. Todos nós somos pecadores: todos! Diante de Deus todos temos alguma culpa. Mas não devemos desanimar: Ele aproxima-se precisamente para nos dar o conforto, a misericórdia, o perdão. É este o compromisso de Deus e por isso enviou Jesus: para se aproximar de nós, de todos nós e abrir a porta do seu amor, do seu coração, da sua misericórdia. E isto é muito bom. Muito bom!

A partir do amor misericordioso com o qual Jesus expressou o compromisso de Deus, também nós podemos e devemos corresponder ao seu amor com o nosso compromisso. E isto sobretudo nas situações de maior necessidade, onde há mais sede de esperança. Penso — por exemplo — no nosso compromisso com as pessoas abandonadas, com quantos são portadores de deficiência muito graves, com os doentes nas piores condições, com os moribundos, com quantos não são capazes de expressar reconhecimento... A todas estas realidades nós levamos a misericórdia de Deus através de um compromisso de vida, que é testemunho da nossa fé em Cristo. Devemos levar sempre aquela carícia de Deus — porque Deus nos acariciou com a sua misericórdia — levá-la aos demais, aos que têm necessidade, a quantos têm um sofrimento no coração e estão tristes: aproximar-se com aquela carícia de Deus, a mesma que Ele nos deu a nós.

Que este Jubileu possa ajudar a nossa mente e o nosso coração a ver concretamente o compromisso de Deus por cada um de nós, e graças a isto transformar a nossa vida num compromisso de misericórdia por todos.

Saudações



Amados peregrinos de língua portuguesa, a minha saudação fraterna para todos vós. Ao realizardes esta peregrinação jubilar, que Deus vos abençoe com uma grande coragem para abraçardes diariamente a vossa cruz e um vivo anseio de santidade para iluminardes com a esperança a cruz dos outros irmãos. Conto com as vossas orações por mim! Bom caminho de Quaresma!

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 20 de Fevereiro de 2016

Misericórdia e poder

Prossigamos as catequeses sobre a misericórdia na Sagrada Escritura. Em vários trechos fala-se dos poderosos, dos reis, dos homens que estão «no alto», e também da sua arrogância e dos seus abusos. A riqueza e o poder são realidades que podem ser boas e úteis para o bem comum, se forem postas ao serviço dos pobres e de todos, com justiça e caridade. Mas quando, como muitas vezes acontece, são vividas como privilégio, egoísmo e prepotência, transformam-se em instrumentos de corrupção e morte. Foi o que aconteceu no episódio da vinha de Nabot, descrito no capítulo 21 do primeiro Livro dos Reis, sobre o qual hoje meditaremos.

Neste texto narra-se que o rei de Israel, Acab, quer comprar a vinha de um homem chamado Nabot, porque aquela vinha confina com o palácio real. A proposta parece legítima, até generosa, mas em Israel as propriedades rurais eram consideradas quase inalienáveis. Com efeito, o livro do Levítico prescreve: «A terra não se venderá para sempre, porque a terra é minha, e vós estais na minha casa como estrangeiros ou hóspedes» (Lv 25, 23). A terra é sagrada, porque constitui um dom do Senhor que, como tal, deve ser guardado e preservado, pois é sinal da bênção divina que passa de geração em geração, e garantia de dignidade para



todos. Compreende-se assim a resposta negativa de Nabot ao rei: «Deus me livre de te ceder a herança dos meus pais!» (1 Rs 21, 3).

O rei Acab reage a esta rejeição com amargura e indignação. Sente-se ofendido — ele é o rei, o poderoso — diminuído na sua autoridade de soberano e frustrado na possibilidade de satisfazer o seu desejo de posse. Vendo-o tão abatido, a sua esposa Jezabel, uma rainha pagã que tinha aumentado os cultos idolátricos e mandava matar os profetas do Senhor (cf. 1 Rs 18, 4) — não era feia, mas maldosa! — decide intervir. As palavras com as quais se dirige ao rei são muito significativas. Escutai a maldade que está por detrás dessa mulher: «Não és tu, porventura, o rei de Israel? Vamos! Come, não te incomodes. Eu dar-te-ei a vinha de Nabot de Jezrael» (v. 7). Ela põe em evidência o prestígio e o poder do rei que, segundo o seu modo de ver, são postos em discussão pela rejeição de Nabot. Um poder que, ao contrário, ela considera absoluto e mediante o qual todos os desejos do rei se tornam uma ordem. O grande santo Ambrósio escreveu um livrinho sobre este episódio. Chama-se «Nabot». Seria bom lê-lo neste tempo de Quaresma. É muito bonito e deveras concreto.

Recordando tudo isto, Jesus diz-nos: «Sabeis que os chefes das nações as subjagam, e que os grandes as governam com autoridade. Não seja assim entre vós. Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, que se faça vosso servo. E o que quiser tornar-se o primeiro entre vós, que se faça vosso escravo» (Mt 20, 25-27). Se perdermos a dimensão do serviço, o poder transforma-se em arrogância, tornando-se domínio e opressão. É precisamente isto que acontece no episódio da vinha de Nabot. Sem escrúpulos, a rainha Jezabel decide eliminar Nabot e põe em acção o seu plano. Serve-se das aparências enganadoras de uma legalidade perversa: em nome do rei, envia cartas aos anciãos e aos notáveis da cidade, ordenando que falsas testemunhas acusem publicamente Nabot de ter amaldiçoado a Deus e ao rei, um crime que devia ser punido com a morte. Assim, assassinando Nabot, o rei pode



apoderar-se da sua vinha. E não se trata de uma história de outros tempos, mas é uma história também dos nossos dias, dos poderosos que, por terem mais dinheiro, exploram os pobres, exploram o povo. É a história do tráfico de pessoas, do trabalho escravo, dos simples que labutam clandestinamente, com um salário mínimo, para enriquecer os poderosos. É a história dos políticos corruptos, que querem cada vez mais! Por isso eu dizia que seria bom ler este livro de santo Ambrósio, porque se trata de um livro de atualidade.

Eis para onde leva o exercício de uma autoridade sem respeito pela vida, sem justiça e sem misericórdia. E eis para onde leva a sede de poder: torna-se ganância que deseja possuir tudo. A este propósito, há um texto do profeta Isaías que é particularmente iluminador. Nele, o Senhor alerta contra a avidez os ricos latifundiários que querem possuir cada vez mais casas e terrenos. E assim diz o profeta Isaías:

«Ai de vós, que ajuntais casa a casa / e que acrescentais campo a campo / até que não haja mais lugar / e que sejais os únicos / proprietários da terra» (Is 5, 8).

E o profeta Isaías não era comunista! No entanto, Deus é maior do que a malvez e os jogos sujos feitos pelos seres humanos. Na sua misericórdia envia o profeta Elias para ajudar Acab a converter-se. Agora viremos a página, e como continua a história? Deus vê este crime e bate também à porta do coração de Acab; e o rei, posto diante do seu pecado, compreende, humilha-se e pede perdão. Como seria bom se os poderosos exploradores de hoje fizessem o mesmo! O Senhor aceita o seu arrependimento; no entanto, um inocente foi assassinado, e a culpa cometida terá consequências inevitáveis. Com efeito, o mal praticado deixa os seus vestígios dolorosos, e a história dos homens traz as suas feridas.

Também neste caso, a misericórdia indica a via mestra que deve ser percorrida. A misericórdia pode curar as chagas e inclusive mudar a história. Abre o teu coração à misericórdia! A misericórdia divina é mais forte do que o pecado dos



homens. É mais forte, este é o exemplo de Acab! Nós conhecemos o seu poder, quando recordamos a vinda do Inocente Filho de Deus que se fez homem para destruir o mal com o seu perdão. Jesus Cristo é o verdadeiro rei, mas o seu poder é completamente diferente. O seu trono é a cruz. Ele não é um rei que mata mas, ao contrário, dá a vida. O seu ir ao encontro de todos, sobretudo dos mais frágeis, derrota a solidão e o destino de morte para o qual leva o pecado. Com a sua proximidade e ternura, Jesus Cristo leva os pecadores ao espaço da graça e do perdão. É nisto que consiste a misericórdia de Deus.

Saudações

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa, particularmente os fiéis de Leiria-Fátima, Nova Oeiras e Lisboa, bem como os fiéis vindos do Brasil. Faço votos de que a vossa peregrinação quaresmal a Roma fortaleça em todos a fé e consolide, no amor divino, os vínculos de cada um com a sua família, com a comunidade eclesial e com a sociedade. Que Nossa Senhora vos acompanhe e proteja!

Dou as cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, recordai-vos sempre que a misericórdia divina é mais forte do que o nosso pecado; ela pode curar as nossas feridas e mudar a nossa história. Que o Senhor vos abençoe!

Enfim, saúdo os jovens, os enfermos e os recém-casados. A Quaresma é um tempo favorável para intensificar a vida espiritual: estimados jovens, a prática do jejum vos sirva de auxílio, para adquirir um maior domínio sobre vós mesmos; amados doentes, a oração seja para vós o instrumento para confiar a Deus os vossos sofrimentos e para o sentir sempre próximo; e finalmente, queridos recém-casados, que as obras de misericórdia vos ajudem a viver a vossa existência conjugal abrindo-a às necessidades dos irmãos.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 24 de fevereiro de 2016



Misericórdia e correção

Falando da misericórdia divina, evocamos várias vezes a figura de família que ama os seus filhos, os ajuda, cuida deles, os perdoa. E como pai, educa-os e corrige-os quando erram, favorecendo o seu crescimento no bem.

É assim que Deus é apresentado no primeiro capítulo do profeta Isaías, no qual o Senhor, como pai afetuoso, mas também atento e severo, se dirige a Israel acusando-o de infidelidade e corrupção, para o reconduzir ao caminho da justiça. O nosso texto começa assim: «Ouvi, ó céus, e presta ouvidos, tu, ó terra, / porque fala o Senhor: / “Criei filhos e cuidei deles, / mas eles prevaricaram contra mim. / O boi conhece o seu possuidor, / e o jumento, a manjedoura do seu dono, / mas Israel não tem conhecimento, / o meu povo não entende”» (1, 2-3).

Deus, mediante o profeta fala ao povo com a amargura de um pai desiludido: fez crescer os seus filhos, e agora eles revoltaram-se contra Ele. Até os animais são fiéis ao seu dono e reconhecem a mão que os alimenta; ao contrário, o povo já não reconhece Deus, recusa compreender. Mesmo se ferido, Deus deixa falar o homem, e apela-se à consciência destes filhos degenerados para que se corrijam e se deixem amar de novo. Eis o que Deus faz! Vem ao nosso encontro para que nos deixemos amar por Ele, pelo nosso Deus.

A relação pai-filho, à qual com frequência os profetas fazem referência ao falar da relação da aliança entre Deus e o seu povo, desvirtuou-se. A missão educativa dos pais tem por finalidade fazê-los crescer na liberdade, torná-los responsáveis, capazes de realizar obras de bem para si e para os outros. Ao contrário, por causa do pecado, a liberdade torna-se pretensão de autonomia, pretensão de orgulho, e o orgulho leva à contraposição e à ilusão de autossuficiência.



Eis então que Deus chama o seu povo: «Erraste o caminho». Afetuosa e amargamente diz o «meu» povo. Deus nunca nos renega; nós somos o seu povo, o mais malvado dos homens, a mais maldosa das mulheres, os mais malvados dos povos são seus filhos. E este é Deus: nunca, nunca nos renega! Diz sempre: «Vem, filho». E este é o amor do nosso Pai; esta é a misericórdia de Deus. Ter um pai assim que nos dá esperança, nos dá confiança. Esta pertença deveria ser vivida na confiança e na obediência, com a consciência de que tudo é dom que vem do amor do Pai. E ao contrário, eis a vaidade, a estultícia e a idolatria.

Por isso agora o profeta dirige-se diretamente a este povo com palavras severas a fim de o ajudar a compreender a gravidade da sua culpa: «Ai da nação pecadora [...] dos filhos corruptos! / Deixaram o Senhor, / blasfemaram do Santo de Israel, / voltaram para trás» (v. 4).

A consequência do pecado é um estado de sofrimento, do qual sofre as consequências também o país, devastado e desertificado, a ponto que Sião — ou seja Jerusalém — se torna inabitável. Onde há a recusa de Deus, da sua paternidade, deixa de haver possibilidade de vida, a existência perde as suas raízes, tudo parece pervertido e aniquilado. Todavia, também este momento doloroso é em vista da salvação. A prova é dada para que o povo possa experimentar a amargura de quem abandona Deus, e, por conseguinte, confrontar-se com o vazio desolador de uma escolha de morte. O sofrimento, consequência inevitável de uma decisão autodestruidora, deve fazer refletir o pecador a fim de o abrir à conversão e ao perdão.

É este o caminho da misericórdia divina: Deus não nos trata segundo as nossas culpas (cf. Sl 103, 10). A punição torna-se o instrumento para provocar e refletir. Compreende-se assim que Deus perdoa o seu povo, concede a graça e não destrói tudo, mas deixa sempre aberta a porta à esperança. A salvação implica a decisão de ouvir e deixar-se converter, mas permanece sempre dom gratuito. Por



consequente, o Senhor na sua misericórdia, indica um caminho que não é o dos sacrifícios rituais, mas antes o da justiça. O culto é criticado não por ser inútil em si mesmo, mas porque, em vez de expressar a conversão, pretende substituí-la; e torna-se assim busca da própria justiça, criando a enganadora convicção que aquilo que salva são os sacrifícios e não a misericórdia divina que perdoa o pecado. Para a compreender bem: quando alguém está doente vai ao médico; quando alguém se sente pecador vai ter com o Senhor. Mas se em vez de ir ao médico, procura o curandeiro não se restabelece. Muitas vezes não vamos ao encontro do Senhor, mas preferimos percorrer veredas erradas, procurando fora d'Ele uma justificação, uma justiça, uma paz. A Deus, diz o profeta Isaías, não agrada o sangue de touros e de cordeiros (v. 11), sobretudo se a oferta é feita com mãos manchadas com o sangue dos irmãos (v. 15). Mas eu penso que alguns benfeitores da Igreja vêm com a oferta — «Tome esta oferta para a Igreja» — que é fruto do sangue de tanta gente explorada, maltratada, escravizada com o trabalho mal pago! Eu diria a estas pessoas: «Por favor, leva de volta contigo o teu cheque, queima-o» O povo de Deus, isto é, a Igreja, não precisa de dinheiro sujo, precisa de corações abertos à misericórdia de Deus. É preciso aproximar-se de Deus com mãos purificadas, evitando o mal e praticando o bem e a justiça. Admirável o modo como o profeta termina: «...cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; / praticai o que é reto; / ajudai o oprimido; / fazei justiça ao órfão; / tratai da causa das viúvas» (vv. 16-17).

Pensai nos tantos refugiados que desembarcam na Europa e não sabem para onde ir. Então, diz o Senhor, os pecados, mesmo que sejam vermelho escarlata, eles se tornarão brancos como a neve, e cândidos como a lã, e o povo poderá alimentar-se dos bens da terra e viver em paz (v. 19).

Eis o milagre do perdão de Deus; o perdão que Deus como Pai, deseja doar ao seu povo. A misericórdia de Deus é oferecida a todos, e estas palavras do profeta são válidas também hoje para todos nós, chamados a viver como filhos de Deus.



Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, cordiais saudações para todos vós, de modo especial para os fiéis da paróquia de Nossa Senhora do Lago de Brasília. Sobre os vossos passos, invoco a graça do encontro com Deus: Jesus Cristo é a Tenda divina no meio de nós. Ide até Ele, vivei na sua amizade e tereis a vida eterna. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção de Deus!

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 2 de março de 2016

Misericórdia e serviço

Estamos a aproximar-nos da festa de Páscoa, mistério central da nossa fé. O Evangelho de João — como ouvimos — narra que antes de morrer e de ressuscitar por nós, Jesus realizou um gesto que ficou gravado na memória dos discípulos: o lava-pés. Um gesto inesperado e perturbador, a ponto que Pedro não queria aceitá-lo. Gostaria de analisar as palavras finais de Jesus: «Entendeis o que vos tenho feito? [...] Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros» (Jo 13, 12.14). Deste modo Jesus indica aos seus discípulos *o serviço* como o caminho a percorrer para viver a fé n'Ele e dar testemunho do seu amor. O próprio Jesus aplicou a si a imagem do «Servo de Deus» usada pelo profeta Isaías. Ele, que é o Senhor, faz-se servo!

Lavando os pés aos apóstolos, Jesus quis revelar o modo de agir de Deus em relação a nós, e dar o exemplo do seu «mandamento novo» (Jo 13, 34) de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou, ou seja, dando a vida por nós. O próprio João o escreve na sua Primeira Carta: «Nisto, conhecemos a caridade: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. [...] Meus



filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade» (3, 16.18).

Por conseguinte, o amor é o *serviço* concreto que prestamos uns aos outros. O amor não são palavras, são obras e serviço; um serviço *humilde*, feito no *silêncio* e no *escondimento*, como o próprio Jesus disse: «não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita» (Mt 6, 3). Ele significa pôr à disposição os dons que o Espírito Santo nos dispensou, para que a comunidade possa crescer (cf. 1 Cor 12, 4-11). Além disso, expressa-se na *partilha* dos bens materiais, para que ninguém esteja em necessidade. A partilha e a dedicação a quem está em necessidade é um estilo de vida que Deus sugere também a muitos não cristãos, como caminho de humanidade autêntica.

Por fim, não esqueçamos que lavando os pés aos discípulos e pedindo-lhes para fazerem o mesmo, Jesus nos convidou também a confessar reciprocamente as nossas faltas e a rezar uns pelos outros a fim de nos sabermos perdoar de coração. Neste sentido, recordamos as palavras do santo bispo Agostinho quando escrevia: «Que o cristão não desdenhe de fazer o que Cristo fez. Porque quando o corpo se inclina até aos pés do irmão, também no coração se acende, ou se já existia alimenta-se, o sentimento de humildade [...] Perdoemo-nos reciprocamente as nossas faltas e rezemos pelas culpas uns dos outros, de modo que de alguma maneira nos lavaremos os pés mutuamente» (In Joh 58, 4-5). O amor, a caridade é o serviço, ajudar os outros, servir os outros. Há tanta gente que passa a vida assim, no serviço dos outros. Na semana passada recebi uma carta de uma pessoa que me agradecia pelo Ano da Misericórdia; pedia-me que rezasse por ela, para que pudesse estar mais próxima do Senhor. Esta pessoa passa a vida a cuidar da mãe e do irmão: a mãe é idosa e está acamada, lúcida, mas não se pode mover, e o irmão é deficiente, está numa cadeira de rodas. A vida desta pessoa consiste em servir, ajudar. E isto é amor! Quanto te esqueces de ti mesmo e pensas nos outros, isto é



amor! E com o lava-pés o Senhor ensina-nos a servir, ou melhor: servos, como Ele foi servo para nós, para cada um de nós.

Portanto, queridos irmãos e irmãs, *ser misericordiosos como o Pai significa seguir Jesus pelo caminho do serviço*. Obrigado.

Saudações

Uma saudação cordial a todos os peregrinos de língua portuguesa. Queridos amigos, nessa última etapa da quaresma, desejo-vos um serviço generoso aos irmãos que ajude a abrir-vos à luz pascal. E vos peço para rezardes a fim que as portas da misericórdia se abram em todos os corações. Abençoo-vos a vós e as vossas comunidades.

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 12 de março de 2016

Misericórdia e consolação

No livro do profeta Jeremias, os capítulos 30 e 31 são chamados «livro da consolação», porque neles a misericórdia de Deus apresenta-se com toda a sua capacidade de confortar e abrir o coração dos aflitos à esperança. Hoje queremos também nós ouvir esta mensagem de consolação.

Jeremias dirige-se aos israelitas que foram deportados para terras estrangeiras e denuncia-lhes o regresso à pátria. Este retorno é sinal do amor infinito de Deus Pai que não abandona os seus filhos, mas ocupa-se deles e salva-os. O exílio tinha sido uma experiência devastadora para Israel. A fé tinha vacilado porque em terra estrangeira, sem o templo, sem o culto, depois de terem visto o país destruído, era difícil continuar a crer na bondade do Senhor. Vem-me à mente



um pensamento pela vizinha Albânia e como depois de tantas perseguições e destruição conseguiu erguer-se na dignidade e na fé. Assim tinham sofrido os israelitas no exílio.

Por vezes, também nós podemos viver uma espécie de exílio, quando a solidão, o sofrimento e a morte nos fazem pensar que fomos abandonados por Deus. Quantas vezes ouvimos estas palavras: «Deus esqueceu-se de mim»: são pessoas que sofrem e se sentem abandonadas. E quantos irmãos nossos, por sua vez, estão a viver neste tempo uma real e dramática situação de exílio, distantes da sua pátria, tendo ainda nos olhos os destroços das suas casas, no coração o medo e muitas vezes, infelizmente, a dor pela perda de entes queridos! Nestes casos, podemos questionar-nos: onde está Deus? Como é possível que tanto sofrimento possa abater-se sobre homens, mulheres e crianças inocentes? E quando procuram entrar nalguma parte são-lhe fechadas as portas. E estão ali, na fronteira porque estão fechadas muitas portas e muitos corações. Os migrantes de hoje que sofrem o frio, sem alimentos e não podem entrar, não sentem o acolhimento. Fico muito feliz quando ouço ou vejo que há nações, governantes, que lhes abrem o coração e as portas!

O profeta Jeremias dá-nos uma primeira resposta. O povo exilado poderá voltar a ver a sua terra e a experimentar a misericórdia do Senhor. É o grande anúncio de consolação: também hoje Deus não está ausente, nestas situações dramáticas. Deus está próximo, e faz obras grandes de salvação para quem n'Ele confia. Não se deve ceder ao desespero, mas continuar a ter a certeza que o bem vence qualquer mal e que o Senhor enxugará todas as lágrimas e nos libertará de qualquer receio. Por isso Jeremias empresta a sua voz às palavras de amor de Deus pelo seu povo: «Com amor eterno te amei; / também com amável benignidade te atraí. / Ainda te edificarei, e serás edificada, / ó virgem de Israel! / Ainda serás adornada com os teus adufes / e sairás com o coro dos que dançam» (31, 3-4).



O Senhor é fiel, não abandona na desolação. Deus ama com um amor infinito, que nem sequer o pecador pode impedir, e graças a Ele o coração do homem enche-se de alegria e consolação.

O sonho confortador do retorno à pátria continua nas palavras do profeta que, dirigindo-se a quantos regressarão a Jerusalém, diz: «Hão de vir, e exultarão na altura de Sião, / e correrão aos bens do Senhor: / o trigo, e o mosto, e o azeite, / e os cordeiros, e os bezerras; / e a sua alma será como um jardim regado, / e nunca mais andarão tristes» (31, 12).

Na alegria e no reconhecimento, os exilados voltarão para Sião, subindo ao monte santo rumo à casa de Deus, e assim poderão novamente elevar hinos e orações ao Senhor que os libertou. Este regressar a Jerusalém e aos seus bens é descrito com um verbo que literalmente significa «afluir, escorrer». O povo é visto, num movimento paradoxal, como a enchente de um rio que escorre rumo à altura de Sião, subindo em direção ao cimo do monte. Uma imagem ousada para dizer quanto é grande a misericórdia do Senhor!

A terra, que o povo se viu obrigado a abandonar, tinha-se tornado desolada e presa de inimigos. Mas agora, volta a ganhar vida e refloresce. E os próprios exilados serão como um jardim regado, como uma terra fértil. Israel, reconduzido pelo seu Senhor à pátria, assiste à vitória da vida sobre a morte e da bênção sobre a maldição.

É assim que o povo é fortalecido e confortado por Deus. Esta palavra é importante: confortado! Os repatriados recebem vida de uma fonte que os irriga gratuitamente.

A este ponto, o profeta anuncia a plenitude da alegria, e sempre em nome de Deus proclama: «e tornarei o seu pranto em alegria, / e os consolarei, e transformarei em regozijo a sua tristeza» (31, 13).



O salmo diz-nos que quando regressaram à pátria o rosto encheu-se de sorriso; é uma alegria enorme! É o dom que o Senhor quer fazer também a cada um de nós, com o seu perdão que converte e reconcilia.

O profeta Jeremias deu-nos o anúncio, apresentando o retorno dos exilados como um grande símbolo da consolação concedida ao coração que se converte. O Senhor Jesus, por seu lado, levou a cumprimento esta mensagem do profeta. O regresso verdadeiro e radical do exílio e a luz confortadora depois da escuridão da crise de fé, realiza-se na Páscoa, na experiência plena e definitiva do amor de Deus, amor misericordioso que concede alegria, paz e vida eterna.

Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, especialmente aos grupos vindos do Brasil e às diversas comunidades escolares de Portugal. Queridos amigos, desejo-vos que nada e ninguém possa impedir-vos de viver e crescer na amizade de Deus Pai; mas deixai que o seu amor sempre vos regenere como filhos e vos reconcilie com Ele, com vós mesmos e com os irmãos. Desça, sobre vós e vossas famílias, a abundância das suas bênçãos.

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua árabe, sobretudo os que provêm do Médio Oriente. Quantas experiências de exílio, de expatriação, de sofrimento e de perseguição nos levam a duvidar até da bondade de Deus e do seu amor por nós! Dúvida que se dissipa face à verdade que Deus é fiel e cumpre as suas promessas por aqueles que não duvidam e para quantos esperam contra qualquer esperança. A consolação do Senhor está próxima de quem sabe atravessar a noite dolorosa da dúvida, ancorando-se e esperando na alvorada da misericórdia de Deus, que obscuridade e injustiça alguma jamais poderão derrotar. O Senhor vos abençoe a todos e vos proteja do maligno.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 16 de março de 2016



O Tríduo Pascal no Jubileu da Misericórdia

A nossa reflexão sobre a misericórdia de Deus introduz-nos hoje no Tríduo pascal. Viveremos a Quinta-feira, a Sexta-feira e o Sábado Santo como momentos fortes que nos permitem entrar cada vez mais no grande mistério da nossa fé: a Ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo, nestes três dias, fala de misericórdia, porque torna visível até onde pode chegar o amor de Deus. Ouviremos a narração dos últimos dias de vida de Jesus. O evangelista João oferece-nos a chave para compreender o seu sentido profundo: «Ele que amara os seus que estavam no mundo, levou até ao extremo o seu amor por eles» (13, 1). O amor de Deus não tem limites. Como repetia com frequência santo Agostinho, é um amor que vai «até ao fim sem fim». Verdadeiramente Deus oferece-se todo por cada um de nós sem se poupar em nada. O Mistério que adoramos nesta Semana Santa é uma grande história de amor que não conhece obstáculos. A Paixão de Jesus dura até ao fim do mundo, porque é uma história de partilha com os sofrimentos de toda a humanidade e uma presença permanente nas vicissitudes da vida pessoal de cada um de nós. Resumindo, o Tríduo pascal é memorial de um drama de amor que nos doa a certeza de que nunca seremos abandonados nas provações da vida.

Na *Quinta-feira santa* Jesus institui a Eucaristia, antecipando no banquete pascal o seu sacrifício no Gólgota. Para que os discípulos compreendessem o amor que o anima, lava-lhes os pés, dando mais uma vez pessoalmente o exemplo do modo como eles mesmos deveriam agir. A Eucaristia é o amor que se torna serviço. É a presença sublime de Cristo que deseja saciar todos os homens, sobretudo os mais débeis, para os tornar capazes de percorrer um caminho de testemunho entre as dificuldades do mundo. Não só. Ao dar-se a nós como alimento, Jesus atesta que devemos aprender a repartir com os outros este alimento para que se torne uma



comunhão verdadeira de vida com quantos vivem em necessidade. Ele doa-se a nós e pede-nos que permaneçamos n'Ele para fazermos o mesmo.

A *Sexta-feira santa* é o momento culminante do amor. A morte de Jesus, que na cruz se abandona ao Pai para conceder a salvação ao mundo inteiro, exprime o amor doado até ao fim, sem fim. Um amor que pretende abraçar todos, sem exclusões. Um amor que se estende a todos os tempos e lugares: uma fonte inesgotável de salvação na qual cada um de nós, pecadores, pode beber. Se Deus nos demonstrou o seu amor supremo na morte de Jesus, então também nós, regenerados pelo Espírito Santo, podemos e devemos amar-nos uns aos outros.

E, por fim, o *Sábado santo* é o dia do silêncio de Deus. Deve ser um dia de silêncio, e devemos fazer tudo a fim de que para nós seja deveras um dia de silêncio, como foi naquele tempo: o dia do silêncio de Deus. Jesus deposto no sepulcro partilha com toda a humanidade o drama da morte. É um silêncio que fala e exprime o amor como solidariedade com os abandonados desde sempre, que o Filho de Deus alcança preenchendo o vazio que só a misericórdia infinita de Deus Pai pode colmar. Deus cala-se, mas por amor. Neste dia o amor — aquele amor silencioso — torna-se expectativa da vida na ressurreição. Pensemos no Sábado santo: far-nos-á bem pensar no silêncio de Nossa Senhora, «a Crente», que permanecera em silêncio na expectativa da Ressurreição. Nossa Senhora deve ser o ícone, para nós, daquele Sábado santo. Pensemos no modo como Nossa Senhora viveu aquele Sábado santo; na expectativa. É o amor que não duvida, mas espera na palavra do Senhor, para que se manifeste e resplandeça o dia de Páscoa.

Tudo é um grande mistério de amor e misericórdia. As nossas palavras são pobres e insuficientes para o exprimir plenamente. Pode ajudar-nos a experiência de uma jovem, pouco conhecida, que escreveu páginas sublimes sobre o amor de Cristo. Chamava-se Juliana de Norwich. Era analfabeta esta jovem que teve algumas visões da paixão de Jesus e depois, tornando-se uma prisioneira, descreveu com



linguagem simples, mas profunda e intensa, o sentido do amor misericordioso. Dizia: «Então o nosso bom Senhor perguntou-me: “Estás contente que eu tenha sofrido por ti?”. Respondi: “Sim, bom Senhor, e agradeço-te muitíssimo; sim, bom Senhor, que sejas bendito”. Então Jesus, o nosso bom Senhor, disse: “Se estás feliz, também eu estou. Para mim ter sofrido a paixão por ti é uma alegria, uma felicidade, um júbilo eterno; e se pudesse sofrer mais, fá-lo-ia”». Este é o nosso Jesus, que a cada um de nós diz: «Se pudesse sofrer mais por ti, fá-lo-ia».

Como são bonitas estas palavras! Permitem que compreendamos deveras o amor imenso e sem confins que o Senhor sente por cada um de nós. Deixemo-nos envolver por esta misericórdia que vem ao nosso encontro; e nestes dias, enquanto mantemos fixos os olhos na paixão e na morte do Senhor, acolhamos no nosso coração a grandeza do seu amor e, como Nossa Senhora no Sábado, em silêncio, na expectativa da Ressurreição.

Apelo

Com o coração entristecido segui as terríveis notícias dos atentados terroristas ocorridos ontem em Bruxelas, que causaram numerosas vítimas e feridos. Garanto a minha oração e proximidade à querida população belga, a todos os familiares das vítimas e a todos os feridos. Dirijo novamente um apelo a todas as pessoas de boa vontade para que se unam na condenação unânime destas abominações cruéis que só causam morte, terror e horror. A todos peço que perseverem na oração, rezando ao Senhor, nesta Semana Santa, para confortar os corações aflitos e converter os corações destas pessoas iludidas pelo fundamentalismo cruel, por intercessão da Virgem Maria. Rezemos: «Ave, Maria...». Agora, em silêncio, rezemos pelos mortos, feridos, familiares e por todo o povo belga.

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, particularmente o grupo de Filhas de Maria Auxiliadora acompanhadas de educadores vindos de Portugal, Brasil, Angola e Moçambique: Deixai-vos iluminar e transformar pela força da Ressurreição de Cristo, para que as vossas existências se convertam num testemunho da vida que é mais forte do que o pecado e a morte. Um Santo Tríduo Pascal para todos!



AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 23 de março de 2016

A misericórdia apaga o pecado

Terminamos hoje as catequeses sobre a misericórdia no Antigo Testamento, e fazemo-lo meditando sobre o Salmo 51, chamado *Miserere*. Trata-se de uma oração penitencial na qual o pedido de perdão é precedido pela confissão da culpa e na qual o orante, deixando-se purificar pelo amor do Senhor, se torna uma nova criatura, capaz de obediência, de firmeza e de louvor sincero.

O «título» que a antiga tradição judaica deu a este Salmo refere-se ao rei David e ao seu pecado com Betsabé, a esposa de Urias, o Hitita. Conhecemos bem a história. O rei David, chamado por Deus para apascentar o povo e para o guiar pelos caminhos da obediência à Lei divina, atraiçoa a própria missão e, depois de ter cometido adultério com Betsabé, manda matar o seu marido. Pecado horrível! O profeta Natan revela-lhe a sua culpa e ajuda-o a reconhecê-la. É o momento da reconciliação com Deus, na confissão do próprio pecado. E aqui David foi humilde, foi grande! Quem reza com este Salmo é convidado a ter os mesmos sentimentos de arrependimento e de confiança em Deus que David teve quando se arrependeu e, mesmo sendo rei, se humilhou sem ter receio de confessar a culpa e mostrar a própria miséria ao Senhor, convicto, contudo da certeza da sua misericórdia. E não era um pecado de pouca importância, o que ele tinha cometido: um adultério e um assassinio!



O Salmo começa com estas palavras de súplica: «Tende piedade de mim, Senhor, / segundo a Vossa misericórdia, / segundo a vossa grande misericórdia, apagai os meus pecados. / Lavai-me totalmente das minhas iniquidades» (vv. 3-4).

A invocação é dirigida ao Deus de misericórdia para que, movido por um amor grande como o de um pai ou de uma mãe, tenha piedade, isto é, conceda a graça, mostre o seu favor com benevolência e compreensão. É um apelo urgente a Deus, o único que pode libertar do pecado. São usadas imagens muito plásticas: cancela, lava-me, purifica-me. Manifesta-se, nesta oração, a verdadeira necessidade do homem: a única coisa da qual temos de veras necessidade na nossa vida é ser perdoados, libertados do mal e das suas consequências de morte. Infelizmente, a vida faz-nos experimentar muitas vezes estas situações; e antes de tudo devemos confiar na misericórdia. Deus é maior do que o nosso pecado. Não esqueçamos isto: Deus é maior do que o nosso pecado! «Padre, não sei, fiz tantas, grandes!». Deus é maior que todos os pecados que podemos cometer. Deus é maior do que o nosso pecado. Digamos juntos? Todos juntos: «Deus é maior do que o nosso pecado!». Outra vez: «Deus é maior do que o nosso pecado!». Mais uma vez: «Deus é maior do que o nosso pecado!». E o seu amor é um oceano no qual nos podemos imergir sem receio de ser subjugados: para Deus, perdoar significa dar-nos a certeza de que Ele nunca nos abandona. Independentemente do que nos reprovemos, Ele é ainda e sempre maior do que tudo (cf. *1 Jo 3, 20*), porque Deus é maior do que o nosso pecado.

Neste sentido, quem reza com este Salmo procura o perdão, confessa a própria culpa, mas reconhecendo-a celebra a justiça e a santidade de Deus. E depois pede ainda graça e misericórdia. O salmista confia na bondade de Deus, sabe que o perdão divino é sumamente eficaz, porque cria aquilo que diz. Não esconde o pecado, mas destrói-o e cancela-o; mas cancela-o precisamente pela raiz, não como fazem na lavanderia quando levamos uma veste e tiram uma nódoa. Não! Deus



cancela o nosso pecado precisamente pela raiz, todo! Por isso o penitente volta a ser puro, toda a mancha é eliminada e agora ele está mais branco que a neve incontaminada. Todos nós somos pecadores. É verdade isto? Se algum de vós não se sente pecador que levante a mão... Ninguém! Todos o somos.

Nós, pecadores, com o perdão, tornamo-nos criaturas novas, repletas do espírito e cheias de alegria. Agora começa para nós uma nova realidade: um coração novo, um espírito novo, uma vida nova. Nós, pecadores perdoados, que acolhemos a graça divina, podemos até ensinar aos outros a não voltar a pecar. «Mas Padre, eu sou débil, caio, caio». «Mas se caíres, levanta-te! Levanta-te!». Quando uma criança cai, o que faz? Levanta a mão para a mãe, para o pai, para que a ajude a levantar-se. Façamos o mesmo! Se caíres por debilidade no pecado, levanta a tua mão: o Senhor pega nela para te ajudar a levantar. Esta é a dignidade do perdão de Deus! A dignidade que o perdão de Deus nos confere é a de nos levantarmos, de nos pormos sempre de pé, porque Ele criou o homem e a mulher para que estejam de pé.

Diz o Salmista: «Ó Senhor, cria em mim um coração puro, / e renova em meu interior um espírito reto. [...] Então ensinarei aos iníquos os Vossos caminhos / e converter-se-ão a Vós os pecadores» (vv. 12. 15).

Amados irmãos e irmãs, o perdão de Deus é aquilo de que todos precisamos, e é o maior sinal da sua misericórdia. Um dom que cada pecador perdoado está chamado a partilhar com cada irmão e irmã que encontra. Todos os que o Senhor colocou ao nosso lado, os familiares, os amigos, os colegas, os paroquianos... todos são, como nós, necessitados da misericórdia de Deus. É bom ser perdoado, mas também tu, se quiseres ser perdoado, perdoa por tua vez. Perdoa! Que o Senhor nos conceda, por intercessão de Maria, Mãe de misericórdia, ser testemunhas do seu perdão, que purifica o coração e transforma a vida. Obrigado.



Saudações

De coração saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, particularmente os jovens vindos de Portugal e do Brasil. Neste Ano Santo da Misericórdia, somos chamados a reconhecer que necessitamos do perdão que Deus nos oferece gratuitamente, pois quando somos humildes, o Senhor nos torna mais fortes e alegres na nossa fé cristã. Desça, generosa, pela intercessão da Virgem Maria, a Bênção de Deus sobre cada um de vós e vossas famílias. Obrigado.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 30 de março de 2016



A MISERICORDIA NOS EVANGELHOS

O Evangelho da Misericórdia

Depois de ter refletido sobre a misericórdia de Deus no Antigo Testamento, hoje iniciamos a meditar sobre o modo como o próprio Jesus a levou ao seu pleno cumprimento. Uma misericórdia que Ele expressou, realizou e comunicou sempre, em cada momento da sua vida terrena. Encontrando-se com as multidões, anunciando o Evangelho, curando os doentes, aproximando-se dos últimos, perdoando os pecadores, Jesus torna visível um amor aberto a todos: sem excluir ninguém! Aberto a todos sem confins. Um amor puro, gratuito e absoluto. Um amor que alcança o seu ápice no Sacrifício da cruz. Sim, o Evangelho é de veras o «Evangelho da Misericórdia», porque Jesus é a Misericórdia!

Os quatro Evangelhos afirmam que Jesus, antes de empreender o seu ministério, *quis receber o batismo de João Batista* (cf. *Mt 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3, 21-22; Jo 1, 29-34*). Este evento imprime uma orientação decisiva a toda a missão de Cristo. Com efeito, Ele não se apresentou ao mundo no esplendor do templo: podia fazê-lo. Não se fez anunciar pelo retumbar de trombas: podia fazê-lo. E nem sequer veio nas vestes de um juiz: podia fazê-lo. Ao contrário, depois de trinta anos de vida escondida em Nazaré, Jesus foi até ao rio Jordão, juntamente com muitas pessoas do seu povo e pôs-se em fila com os pecadores. Não sentiu vergonha: estava ali com todos, com os pecadores, para ser batizado. Portanto, desde o início do seu ministério, Ele manifestou-se como Messias que assume a condição humana, movido pela solidariedade e pela compaixão. Como Ele mesmo afirma na sinagoga de Nazaré, identificando-se com a profecia de Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos



a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor» (Lc 4, 18-19). Tudo o que Jesus realizou depois do batismo foi o cumprimento do programa inicial: anunciar a todos o amor de Deus que salva. Jesus não anunciou o ódio nem a inimizade: anunciou-nos o amor! Um amor grande, um coração aberto a todos, a todos nós! Um amor que salva!

Ele fez-se próximo aos últimos, comunicando-lhes a misericórdia de Deus que é perdão, alegria e vida nova. Jesus, o Filho enviado pelo Pai, é realmente o início do tempo da misericórdia para toda a humanidade! Quantos estavam presentes nas margens do Jordão não compreenderam imediatamente a importância do gesto de Jesus. O próprio João Batista admirou-se com a sua decisão (cf. Mt 3, 14). Mas não o Pai celeste! Ele fez ouvir a sua voz do alto: «Tu és o meu Filho muito amado; em ti ponho minha afeição» (Mc 1, 11). De tal modo o Pai confirma o caminho que o Filho empreendeu como Messias, enquanto sobre Ele desce como uma pomba o Espírito Santo. Então o coração de Jesus bate, por assim dizer, em uníssono com o coração do Pai e do Espírito, mostrando a todos os homens que a salvação é fruto da misericórdia de Deus.

Podemos contemplar ainda mais claramente o grande mistério deste amor *dirigindo o olhar para Jesus crucificado*. Enquanto inocente está para morrer por nós, pecadores, suplica ao Pai: «Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). É na cruz que Jesus apresenta à misericórdia do Pai o pecado do mundo: o pecado de todos, os meus, os teus, os vossos. É na cruz que Ele os apresenta ao Pai. E com o pecado do mundo todos os nossos pecados são perdoados. Nada e ninguém permanece excluído desta oração sacrificial de Jesus. Isto significa que não devemos temer reconhecer-nos e confessar-nos pecadores. Quantas vezes dizemos: «Mas, ele é um pecador, fez isto e aquilo...», e julgamos os outros. E tu? Cada um de nós deveria perguntar-se: «Sim, ele é um pecador. E eu?». Todos somos pecadores, mas todos fomos perdoados: temos a possibilidade de receber este perdão que é a



misericórdia de Deus. Portanto, não devemos temer reconhecer-nos e confessar-nos pecadores, porque todo o pecado foi levado à Cruz pelo Filho. E quando nos confessamos arrependidos confiando-nos a Ele, temos a certeza de que somos perdoados. O sacramento da Reconciliação torna atual para cada um a força do perdão que brota da Cruz e renova na nossa vida a graça da misericórdia que Jesus nos conquistou! Não devemos temer as nossas misérias: cada um tem as próprias. O poder do amor do Crucificado não conhece obstáculos e nunca se esgota. E esta misericórdia cancela as nossas misérias.

Caríssimos, neste Ano jubilar peçamos a Deus a graça de fazer a experiência do poder do Evangelho: Evangelho da misericórdia que transforma, que faz entrar no coração de Deus, que nos torna capazes de perdoar e olhar para o mundo com mais bondade. Se acolhermos o Evangelho do Crucificado Ressuscitado, toda a nossa vida será plasmada pela força do seu amor que renova.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, de coração vos saúdo a todos, nomeadamente ao grupo de São Sebastião do Pontal, desejando-vos neste Ano Jubilar a graça de experimentar a força do Evangelho da misericórdia que transforma, que faz entrar no coração de Deus, que nos torna capazes de perdoar e olhar o mundo com mais bondade. Assim Deus vos abençoe a vós e às vossas famílias.

Hoje decorre o Terceiro Dia Mundial do Desporto pela Paz e o Desenvolvimento, promovido pelas Nações Unidas. O desporto é uma linguagem universal, que aproxima os povos e pode contribuir para fazer encontrar as pessoas e superar os conflitos. Por isso encorajo a viver a dimensão desportiva como exercício de virtude no crescimento integral dos indivíduos e das comunidades.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 6 de abril de 2016



Misericórdia e Esmola

O Evangelho que ouvimos permite-nos descobrir um um aspeto essencial da misericórdia: a *esmola*. Dar esmola pode parecer uma coisa simples, mas devemos prestar atenção a não esvaziar este gesto do grande conteúdo que possui. Com efeito, a palavra «esmola» deriva do grego e significa precisamente «misericórdia». Por conseguinte, a esmola deveria conter em si toda a riqueza da misericórdia. E dado que a misericórdia tem numerosos caminhos, múltiplas modalidades, também a esmola se expressa de tantas maneiras, para aliviar o mal-estar de quantos estão em necessidade.

O dever da esmola é tão antigo como a Bíblia. O sacrifício e a esmola eram dois deveres que uma pessoa religiosa tinha que cumprir. Há páginas importantes no Antigo Testamento, nas quais Deus exige uma atenção particular pelos pobres que são, ora indigentes, ora estrangeiros, ora órfãos ou viúvas. E na Bíblia isto é um refrão contínuo: o necessitado, a viúva, o estrangeiro, o forasteiro, o órfão... é um refrão. Porque Deus quer que o seu povo olhe para estes nossos irmãos; aliás, diria que estão precisamente no centro da mensagem: louvar a Deus com o sacrifício e louvar a Deus com a esmola.

Juntamente com a obrigação de se recordar deles, é dada também uma indicação preciosa: «Livramento lhe darás, e que o teu coração não seja maligno, quando lhe deres» (*Dt 15, 10*). Isto significa que a caridade exige, antes de tudo, uma atitude de alegria interior. Oferecer misericórdia não pode ser um peso nem um tédio de que nos libertar depressa. E quanta gente se justifica por não dar esmola dizendo: «Mas como será este? Talvez este a quem darei esmola vá comprar vinho para se embriagar». Mas se ele se embebedar, é porque não tem outro caminho! E tu, o que fazes às escondidas, quando ninguém te vê? E tu és juiz



daquele pobre homem que te pede uma moeda para um copo de vinho? Apraz-me recordar o episódio do velho Tobias que, depois de ter recebido uma grande quantia de dinheiro, chamou seu filho e instruiu-o com estas palavras: «Dá esmola dos teus bens, e não te desvies de nenhum pobre, pois, assim fazendo, Deus tampouco se desviará de ti» (*Tb* 4, 7-8). São palavras muito sábias que ajudam a compreender o valor da esmola.

Jesus, como ouvimos, deixou-nos um ensinamento insubstituível a este propósito. Antes de tudo, pede-nos que não demos esmola para sermos louvados e admirados pelos homens devido à nossa generosidade: faz de maneira que a tua mão direita não saiba o que faz a esquerda (cf. *Mt* 6, 3). Não é a aparência que conta, mas a capacidade de parar para olhar diretamente para a pessoa que pede ajuda. Cada um de nós pode perguntar: «Sou capaz de parar e de olhar para o rosto, para os olhos, da pessoa que me está a pedir ajuda? Sou capaz? Por conseguinte, não devemos identificar a esmola com a simples moeda oferecida de modo apressado, sem olhar para a pessoa e sem parar a falar com ela para compreender do que tem realmente necessidade. Ao mesmo tempo, devemos distinguir entre os pobres e as várias formas de mendicidade que não prestam um bom serviço aos verdadeiros pobres. Em síntese, a esmola é um gesto de amor que se dirige a quantos encontramos; é um gesto de atenção sincera a quem se aproxima de nós e pede a nossa ajuda, feita em segredo, onde só Deus vê e compreende o valor do gesto realizado.

Mas dar esmola deve ser para nós também um sacrifício. Recordo uma mãe: tinha três filhos, de seis, cinco e três anos, mais ou menos. E ensinava sempre aos filhos que se devia dar esmola àquelas pessoas que a pediam. Estavam a almoçar: cada um comia um bife à milanesa, como se diz na minha terra, «empanado». Batem à porta. O mais velho vai abrir e volta: «Mãe, é um pobre que pede de comer». «Que fazemos?», pergunta a mãe. «Damos-lhe — dizem todos — damos-



lhe!» — «Bem: pega em metade do teu bife, tu noutra metade, e tu noutra, e faça duas sandes» — «Ah, não, mãe, não!» — «Não? «Dá do teu, daquilo que te custa a dar». É este o envolver-se com o pobre. Eu privo-me de alguma coisa de meu para o dar a ti. E aos pais digo: educai os vossos filhos a dar assim esmola, a ser generosos com o que têm.

Façamos então nossas as palavras do apóstolo Paulo: «Em tudo vos tenho mostrado que assim, trabalhando, convém acudir os fracos e lembrar-se das palavras do Senhor Jesus, porquanto ele mesmo disse: “É maior felicidade dar que receber!”» (At 20, 35; cf. 2 Cor 9, 7). Obrigado!

Saudações

Com grande afeto, saúdo os peregrinos de língua portuguesa, em particular os grupos de Pontal e do Colégio São Bento do Rio de Janeiro, com votos de que possais vós todos dar-vos sempre conta do dom maravilhoso que é pertencer à Igreja. Vele sobre o vosso caminho a Virgem Maria e vos ajude a ser sinal de confiança e instrumento de caridade no meio dos vossos irmãos. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção de Deus.

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 9 de abril de 2016

Quero misericórdia, não sacrifício

Ouvimos o Evangelho da vocação de Mateus. Mateus era um «publicano», ou seja, um cobrador de impostos em nome do império romano, e por isso era considerado pecador público. Mas Jesus chama-o para o seguir e para se tornar seu discípulo. Mateus aceita e convida-o para jantar na sua casa juntamente com os discípulos. Então, começa um debate entre os fariseus e os discípulos de Jesus,



porque estes compartilham a mesa com os publicanos e os pecadores. «Mas tu não podes ir à casa desta gente!», diziam eles. Com efeito, Jesus não os afasta, mas, pelo contrário, frequenta as suas casas e senta-se ao seu lado; isto significa que também eles podem tornar-se seus discípulos. E é igualmente verdade que ser cristãos não nos torna impecáveis. Como o publicano Mateus, cada um de nós confia na graça do Senhor, não obstante os próprios pecados. Todos nós somos pecadores, todos cometemos pecados. Chamando Mateus, Jesus mostra aos pecadores que não tem em consideração o passado deles, nem a sua condição social, nem sequer as convenções exteriores, mas, ao contrário, abre-lhes um novo futuro. Certa vez ouvi um bonito ditado: «Não há santo sem passado, nem pecador sem futuro». É isto que Jesus faz. Não há santo sem passado, nem pecador sem futuro. É suficiente responder ao convite com o coração humilde e sincero. A Igreja não é uma comunidade de pessoas perfeitas, mas de discípulos a caminho, que seguem o Senhor porque se reconhecem pecadores e necessitados do seu perdão. Por conseguinte, a vida cristã é escola de humildade que nos abre à graça.

Este comportamento não é compreendido por quantos têm a presunção de se julgar «justos», de achar que são melhores que os outros. Soberba e orgulho não nos permitem reconhecer-nos necessitados de salvação, aliás, impedem-nos de ver o rosto misericordioso de Deus e de agir com misericórdia. Elas são um muro. A soberba e o orgulho são um muro que impedem a relação com Deus. E, no entanto, a missão de Jesus é precisamente esta: vir à procura de cada um de nós, para curar as nossas feridas e para nos chamar a segui-lo com amor. Di-lo claramente: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes» (v. 12). Jesus apresenta-se como um bom médico! Anuncia o Reino de Deus, e os sinais da sua vinda são evidentes: Ele cura das doenças, liberta do medo, da morte e do demónio. Diante de Jesus, nenhum pecador deve ser excluído — nenhum pecador deve ser excluído! — porque o poder purificador de Deus não conhece enfermidades que não possam ser curadas; e isto deve dar-nos confiança e abrir o nosso coração ao



Senhor, a fim de que venha e nos cure. Chamando os pecadores à sua mesa, Ele cura-os restabelecendo-os naquela vocação que eles julgavam perdida e que os fariseus tinham esquecido: a de convidados para o banquete de Deus. Segundo a profecia de Isaías: «O Senhor dos exércitos preparou para todos os povos, nesse monte, um banquete de carnes gordas, um festim de vinhos velhos, de carnes gordas, de vinhos velhos purificados... E naquele dia dirão: eis o nosso Deus, do qual esperamos a nossa libertação. Congratulemo-nos, rejubilemo-nos pelo seu socorro» (25, 6-9).

Se os fariseus veem nos convidados somente pecadores e se recusam a sentar-se ao seu lado, Jesus ao contrário recorda-lhes que também aqueles são comensais de Deus. Deste modo, sentar-se à mesa com Jesus significa ser por Ele transformado e salvo. Na comunidade cristã, a mesa de Jesus é dupla: há a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia (cf. *Dei Verbum*, 21). São estes os remédios com que o Médico Divino nos cura e nos alimenta. Com o primeiro — a Palavra — Ele revela-se e convida-nos a um diálogo entre amigos. Jesus não tinha medo de dialogar com os pecadores, os publicanos, as prostitutas... Não, Ele não tinha receio: amava todos! A sua Palavra penetra-nos e, como um bisturi, age em profundidade para nos livrar do mal que se oculta na nossa vida. Às vezes esta Palavra é dolorosa porque incide sobre as hipocrisias, desmascara as falsas desculpas, revela as verdades escondidas; mas ao mesmo tempo ilumina e purifica, dá força e esperança, é um precioso reconstituente no nosso caminho de fé. Por sua vez, a Eucaristia nutre-nos com a própria vida de Jesus e, com um remédio poderosíssimo, de modo misterioso renova continuamente a graça do nosso Batismo. Aproximando-nos da Eucaristia, nós alimentamo-nos com o Corpo e Sangue de Jesus; e no entanto, entrando em nós, é Jesus que nos une ao seu Corpo!

Concluindo aquele diálogo com os fariseus, Jesus recorda-lhes uma palavra do profeta Oseias (6, 6): «Ide e aprendei o que significam estas palavras: *Eu quero a*



misericórdia e não o sacrifício» (Mt 9, 13). Dirigindo-se ao povo de Israel, o profeta repreendia-o porque as preces que elevava eram palavras vazias e incoerentes. Não obstante a aliança de Deus e a misericórdia, o povo vivia frequentemente segundo uma religiosidade «de fachada», sem viver em profundidade o mandamento do Senhor. Eis por que razão o profeta insiste: «Eu quero a misericórdia», ou seja, a lealdade de um coração que reconhece os próprios pecados, que se arrepende e volta a ser fiel à aliança com Deus: «E não o sacrifício»: sem um coração arrependido, todas as obras religiosas são ineficazes! Jesus aplica esta frase profética também aos relacionamentos humanos: aqueles fariseus eram muito observantes na forma, mas não estavam dispostos a compartilhar a mesa com os publicanos e os pecadores; não reconheciam a possibilidade de um arrependimento e por isso de uma cura; não punham em primeiro lugar a misericórdia: embora fossem fiéis guardiões da Lei, demonstravam que não conheciam o Coração de Deus! É como se te oferecessem um pacote com um presente e tu, em vez de ir ver o dom, olhasses somente para o papel com o qual ele foi embrulhado: só as aparências, a forma, e não o núcleo da graça, do dom que é oferecido!

Caros irmãos e irmãs, todos nós somos convidados à mesa do Senhor. Façamos nosso o convite a sentar-nos ao seu lado, juntamente com os seus discípulos. Aprendamos a olhar com misericórdia e a reconhecer em cada um deles um nosso comensal. Somos todos discípulos necessitados de experimentar e viver a palavra consoladora de Jesus. Todos nós temos necessidade de nos alimentarmos da misericórdia de Deus, porque é desta fonte que brota a nossa salvação. Obrigado!

Saudações

De coração saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, particularmente os brasileiros de Uberaba e Uruaçu. Queridos amigos, abandonemos a presunção de nos crermos mais justos e melhores do



que os outros; ao contrário, reconhecamos que somos todos discípulos e pecadores necessitados de ser tocados pela misericórdia de Deus. Sobre vós e sobre vossas comunidades, desça a Bênção do Senhor!

Estimados irmãos e irmãs, no próximo domingo celebraremos o Dia mundial de oração pelas vocações. Pedi a Cristo, Bom Pastor, que envie sempre novos trabalhadores ao seu serviço.

No próximo sábado irei à ilha de Lesbos, por onde nos meses passados transitaram numerosíssimos refugiados. Irei juntamente com os meus irmãos, o Patriarca de Constantinopla Bartolomeu e o Arcebispo de Atenas e de toda a Grécia, Hieronymos, para manifestar proximidade e solidariedade, tanto aos refugiados como aos cidadãos de Lesbos e a todo o povo grego, tão generoso na hospitalidade. Peço por favor que me acompanheis com a oração, invocando a luz e a força do Espírito Santo, bem como a intercessão maternal da Virgem Maria.

Dirijo uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. O anúncio pascal continue a fazer-nos viver o arrebatamento dos discípulos de Emaús: amados jovens, só o Senhor Jesus sabe responder completamente às aspirações de felicidade e de bem na vossa vida; caros enfermos, não há melhor consolação para o vosso sofrimento do que a certeza da Ressurreição de Cristo; e vós, queridos recém-casados, vivei o vosso matrimónio em adesão concreta a Cristo e aos ensinamentos do Evangelho.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 13 de abril de 2016

As lágrimas da pecadora obtiveram-lhe o perdão

Hoje queremos meditar sobre um aspeto da misericórdia bem representado pelo trecho do Evangelho de Lucas que ouvimos. Trata-se de algo que aconteceu a Jesus, quando era hóspede de um fariseu chamado Simão. Ele quis convidar Jesus à sua casa porque tinha ouvido falar bem dele, como de um grande profeta. E enquanto se encontravam sentados para almoçar, entra uma mulher conhecida por todos na cidade como uma pecadora. Sem proferir palavra, ela lança-se aos pés de Jesus e começa a chorar; as suas lágrimas molham os pés de Jesus e ela enxuga-os



com os seus cabelos; depois, beija-os e unge-se com um bálsamo perfumado que trouxera consigo.

Ressalta-se o confronto entre as duas figuras: Simão, o zeloso servidor da lei, e a pecadora anónima. Enquanto o primeiro julga os outros com base nas aparências, a segunda, com os seus gestos, exprime com sinceridade o que tem no seu coração. Não obstante tenha convidado Jesus, Simão, não quer comprometer-se nem empenhar a sua vida com o Mestre; a mulher, pelo contrário, confia-se plenamente a Ele, com amor e veneração.

O fariseu não concebe que Jesus se deixe «contaminar» pelos pecadores. Ele pensa que se fosse realmente um profeta deveria reconhecê-los e mantê-los à distância, para não ser manchado por eles, como se fossem leprosos. Esta atitude é típica de um certo modo de compreender a religião, e é motivada pela constatação de que Deus e o pecado se opõem radicalmente um ao outro. Mas a Palavra de Deus ensina-nos a distinguir entre o pecado e o pecador: não podemos ceder a compromissos com o pecado, enquanto os pecadores — isto é, todos nós! — somos como doentes, que devem ser curados, e para os curar é necessário que o médico se aproxime deles, que os examine, que os toque. E naturalmente, para ser curado o enfermo deve reconhecer que precisa do médico!

Entre o fariseu e a pecadora, Jesus escolhe esta última. Livre de preconceitos que impedem à misericórdia de se manifestar, Jesus deixa-a agir. Ele, o Santo de Deus, deixa-se tocar por ela sem ter medo de ser contaminado. Jesus é livre, porque está próximo de Deus, Pai misericordioso. É esta proximidade a Deus, Pai misericordioso, que confere a liberdade a Jesus. Aliás, entrando em relação com a pecadora, Jesus põe fim àquela condição de isolamento à qual o juízo impiedoso do fariseu e dos seus concidadãos — que a exploravam — a condenava: «Os teus pecados são-te perdoados» (v. 48). Portanto, agora a mulher pode ir «em paz». O Senhor viu a sinceridade da sua fé e da sua conversão; por isso, diante de todos Ele



proclama: «A tua fé te salvou» (v. 50). De um lado, a hipocrisia do doutor da lei; do outro, a sinceridade, a humildade e a fé da mulher. Todos nós somos pecadores, mas muitas vezes caímos na tentação da hipocrisia de nos considerarmos melhores do que os outros, e dizemos: «Olha para o teu pecado...». Ao contrário, todos nós devemos olhar para os nossos pecados, as nossas quedas, os nossos erros, e olhar para o Senhor. Esta é a linha de salvação: a relação entre o «eu» pecador e o Senhor. Se me sinto justo, esta relação de salvação não se verifica.

Nesta altura, uma surpresa ainda maior acomete todos os comensais: «Quem é este homem que até perdoa os pecados?» (v. 49). Jesus não dá uma resposta explícita, mas a conversão da pecadora salta aos olhos de todos, demonstrando que nele resplandece o poder da misericórdia de Deus, capaz de transformar os corações.

A pecadora ensina-nos o vínculo entre fé, amor e reconhecimento. Foram-lhe perdoados «numerosos pecados» e por isso ela ama muito; «mas a quem pouco se perdoa, pouco ama» (v. 47). Até o próprio Simão deve admitir que ama mais quem mais foi perdoado. Deus incluiu todos no mesmo mistério de misericórdia; e deste amor, que sempre nos precede, todos nós aprendemos a amar. Como recorda São Paulo: «Em Cristo, pelo seu sangue temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça, que Ele derramou abundantemente sobre nós» (Ef 1, 7-8). Neste texto, o termo «graça» é praticamente sinónimo de misericórdia, e diz-se que é «abundante», ou seja, vai além da nossa expectativa, porque realiza o plano salvífico de Deus para cada um de nós.

Caros irmãos, reconheçamos o dom da fé, demos graças ao Senhor pelo seu amor tão grandioso e imerecido! Deixemos que o amor de Cristo seja derramado sobre nós: o discípulo haure deste amor e nele se funda; deste amor cada um pode nutrir-se, alimentar-se. Assim, no amor grato que por nossa vez derramamos sobre



os nossos irmãos, as nossas casas, a família e a sociedade transmite-se a todos a misericórdia do Senhor.

Saudações

De coração, saúdo os peregrinos brasileiros da Comunidade Obra de Maria e todos os presentes de língua portuguesa. Sede bem-vindos! Que nada vos impeça de viver e crescer na amizade do Senhor Jesus, e testemunhar a todos a sua grande bondade e misericórdia! Desça generosamente a sua Bênção sobre vós e vossas famílias.

Saúdo os peregrinos vindos da Ucrânia e da Bielorrússia, por ocasião da Conferência internacional no 30º aniversário da tragédia de Chernobyl.

Enquanto renovamos a oração pelas vítimas daquele desastre, manifestamos o nosso agradecimento aos socorristas, e por todas as iniciativas mediante as quais se procurou aliviar os sofrimentos e remediar os danos.

A população da Ucrânia sofre desde há tempos devido às consequências de um conflito armado, esquecido por muitos. Como sabeis, convidei a Igreja na Europa a apoiar a iniciativa por mim tomada para ir ao encontro desta emergência humanitária. Agradeço desde já a quantos contribuírem com generosidade para esta coleta, que terá lugar no próximo domingo, 24 de abril.

Dirijo uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Amanhã celebraremos a festa de santo Anselmo de Aosta, bispo e doutor da Igreja. O seu exemplo de vida vos leve, estimados jovens, a ver em Jesus misericordioso o verdadeiro Mestre de vida; a sua intercessão vos obtenha, amados enfermos, a serenidade e a paz presentes no mistério da Cruz; e a sua doutrina vos sirva de encorajamento, caros recém-casados, para vos tornardes educadores dos vossos filhos com a sabedoria do coração.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 20 de abril de 2016



Vai e faz a mesma coisa

Hoje meditamos sobre a parábola do bom samaritano (cf. *Lc 10, 25-37*). Um doutor da Lei põe Jesus à prova com a seguinte pergunta: «Mestre, que devo fazer para ter a vida eterna?» (v. 25). Jesus diz-lhe que responda ele mesmo, e ele responde-lhe perfeitamente: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu pensamento; e ao teu próximo como a ti mesmo» (v. 27). E Jesus conclui: «Faz isto e viverás!» (v. 28).

Então, aquele homem faz outra pergunta, que se torna muito preciosa para nós: «Quem é o meu próximo?» (v. 29), e quer dizer: «Os meus parentes? Os meus compatriotas? Quantos pertencem à minha religião?...». Em síntese, deseja uma regra clara que lhe permita classificar os outros em «próximos» e «não próximos», naqueles que podem tornar-se próximos e em quantos não podem tornar-se tais.

E Jesus responde com uma parábola, que põe em cena um sacerdote, um levita e um samaritano. Os primeiros dois são figuras ligadas ao culto do templo; o terceiro é um judeu hebreu cismático, considerado como um estrangeiro, pagão e impuro, ou seja, o samaritano. Ao longo do caminho de Jerusalém para Jericó, o sacerdote e o levita deparam-se com um homem moribundo, que os salteadores tinham atacado, roubado e abandonado. Em situações semelhantes, a Lei do Senhor previa a obrigação de o socorrer, mas ambos passam sem parar. Estavam com pressa. O sacerdote talvez tenha olhado para o relógio, dizendo: «Mas eu chegarei tarde à Missa... Devo celebrar a Missa». E o outro disse: «Mas não seu se a Lei me permite fazer isto, porque aí ha sangue, e eu ficarei impuro...». Vão por outro caminho e não se aproximam. E aqui a parábola oferece-nos um primeiro ensinamento: não é automático que quantos frequentam a casa de Deus e conhecem a sua misericórdia saibam amar o próximo. Não é automático! Tu podes conhecer a Bíblia inteira, podes conhecer todas as rubricas litúrgicas, podes



conhecer toda a teologia, mas do conhecer não nasce espontaneamente o amar: o amar segue outro caminho; é necessária a inteligência, mas também algo mais... O sacerdote e o levita veem, mas ignoram; olham, mas não preveem. E no entanto, não existe culto autêntico se ele não se traduzir em serviço ao próximo. Nunca podemos esquecer: diante do sofrimento de tantas pessoas extenuadas pela fome, pela violência e pelas injustiças, não podemos permanecer espectadores. O que significa ignorar o sofrimento do homem? Significa ignorar Deus! Se não me aproximo daquele homem, daquela mulher, daquela criança, daquele idoso ou daquela idosa que sofre, não me aproximo de Deus.

Mas vamos ao âmago da parábola: o samaritano, ou seja, precisamente o desprezado, aquele em quem ninguém teria apostado algo e que, no entanto, também ele, tinha os seus compromissos e os seus afazeres, mas quando viu o homem ferido, não foi além como os outros dois, que estavam ligados ao templo, mas «encheu-se de compaixão» (v. 33). Assim reza o Evangelho: «encheu-se de compaixão», isto é, o seu coração, as suas vísceras comoveram-se! Eis a diferença. Os outros dois «viram», mas os seus corações permaneceram fechados, insensíveis. Ao contrário, o coração do samaritano estava sintonizado com o coração do próprio Deus. Com efeito, a «compaixão» é uma característica essencial da misericórdia de Deus. Deus tem compaixão de nós. O que significa? Padece ao nosso lado, sente os nossos próprios sofrimentos. Compaixão quer dizer «padecer com». O verbo indica que as vísceras se movem e estremeçam à vista do mal do homem. E nos gestos e ações do bom samaritano reconhecemos o agir misericordioso de Deus em toda a história da salvação. É a mesma compaixão com a qual o Senhor vem ao encontro de cada um de nós: Ele não nos ignora, conhece as nossas dores, sabe como temos necessidade de ajuda e de consolação. Aproxima-se de nós e nunca nos abandona. Cada um de nós deve levantar esta pergunta e responder no seu coração: «E eu creio? Acredito que o Senhor tem compaixão de mim, tal como sou, pecador, com tantos problemas e situações?». Pensemos nisto, e a resposta é: «Sim!». Mas cada



um deve olhar para o próprio coração, se tem fé nesta compaixão de Deus, do Deus bom que se aproxima de nós, que nos cura e nos acaricia. E se o rejeitarmos, Ele espera-nos: é paciente, está sempre ao nosso lado.

O samaritano comporta-se com verdadeira misericórdia: cura as feridas daquele homem, transporta-o para uma hospedaria, cuida pessoalmente dele e provê a sua assistência. Tudo isto nos ensina que a compaixão, a caridade, não é um sentimento incerto, mas significa cuidar do outro até pagar pessoalmente por ele. Significa comprometer-se dando todos os passos necessários para «se aproximar» do outro até se identificar com ele: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Eis o Mandamento do Senhor.

Concluindo a parábola, Jesus inverte a questão do doutor da Lei e pergunta-lhe: «Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?» (v. 36). A resposta é finalmente inequívoca: «Aquele que foi misericordioso para com ele» (v. 27). No início da parábola, para o sacerdote e para o levita o próximo era o moribundo; no final, o próximo é o samaritano que se fez próximo. Jesus inverte a perspetiva: não classifiques os outros para ver quem é próximo e quem não é. Tu podes tornar-te próximo de quem quer que se encontre em necessidade, e sê-lo-ás se no teu coração sentires compaixão, ou seja, se tiveres a capacidade de padecer com o outro.

Esta parábola é para todos nós uma dádiva maravilhosa, mas também um compromisso! A cada um de nós, Jesus repete aquilo que disse ao doutor da Lei: «Vai, e também tu faz o mesmo!» (v. 37). Somos todos chamados a percorrer o mesmo caminho do bom samaritano, que é a figura de Cristo: Jesus debruçou-se sobre nós, fez-se nosso servo, e foi assim que nos salvou, para que também nós pudéssemos amar-nos como Ele nos amou, do mesmo modo.



Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, particularmente aos fiéis de Zurique, Brasília, aos sacerdotes de Serrinha e às Irmãs Franciscanas de São José. Queridos amigos, recordem que caminhamos juntos, ajudando-nos uns aos outros e, como o Bom Samaritano, devemos fazer da nossa vida um dom de amor para as pessoas que nos rodeiam. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

Dou as cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, de modo especial ao grupo da Universidade de São José, dos Padres Jesuítas de Beirute, por ocasião do 140º aniversário de fundação da sua Universidade! Estimados irmãos e irmãs, nascemos em Cristo como instrumentos de reconciliação, para anunciar a todos o perdão do Pai, para revelar com gestos de caridade a misericórdia que resplandece no seu rosto. O Senhor vos abençoe!

Saúdo os jovens, especialmente os numerosos alunos das escolas, os doentes e os recém-casados. A vós, caros jovens, faço votos por que sejais sempre fiéis ao vosso Batismo, testemunhando a alegria que brota do encontro com Jesus. Exorto-vos, prezados enfermos, a olhar para Aquele que venceu a morte e que nos ajuda a aceitar os sofrimentos como ocasião de redenção e salvação. E por fim convido-vos, queridos recém-casados, a pensar e viver a experiência familiar de todos os dias com o olhar do amor que «tudo desculpa... tudo suporta» (1 Cor 13, 7).

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 27 de abril de 2016

Misericórdia e reconciliação

Hoje desejo refletir convosco sobre um aspeto importante da misericórdia: a reconciliação. Deus nunca deixou de oferecer o seu perdão aos homens: a sua misericórdia faz-se sentir de geração em geração. Muitas vezes pensamos que os nossos pecados afastam o Senhor de nós: na realidade, pecando, somos nós que nos afastamos d'Ele, mas Ele, ao ver-nos em perigo, vem-nos procurar ainda mais. Deus nunca se resigna à possibilidade de encontrar em nós algum sinal de arrependimento pelo mal cometido.



Unicamente com as nossas forças não conseguimos reconciliar-nos com Deus. O pecado é deveras uma expressão de recusa do seu amor, com a consequência de nos fecharmos em nós próprios, iludindo-nos que encontramos mais liberdade e autonomia. Mas longe de Deus já não temos uma meta, e como peregrinos neste mundo tornamo-nos «errantes». Um modo de dizer comum é que, quando pecamos, nós «voltamos as costas a Deus». É precisamente assim; o pecador só vê a si mesmo e deste modo pretende ser autossuficiente; por isso, o pecado aumenta cada vez mais a distância entre nós e Deus, e esta pode tornar-se um abismo. Contudo, Jesus vem procurar-nos como um bom pastor que não se contenta enquanto não encontra a ovelha perdida, como lemos no Evangelho (cf. *Lc 15, 4-6*). Ele reconstrói a ponte que nos une ao Pai e nos permite reencontrar a dignidade de filhos. Com a oferta da sua vida reconciliou-nos com o Pai e deu-nos a vida eterna (cf. *Jo 10, 15*).

«Reconciliai-vos com Deus!» (*2 Cor 5, 20*): a admoestação que o apóstolo Paulo dirigiu aos primeiros cristãos de Corinto é válida hoje, com o mesmo vigor e convicção, para todos nós. Deixemo-nos reconciliar com Deus! Este Jubileu da Misericórdia é um tempo de reconciliação para todos. Muitas pessoas gostariam de se reconciliar com Deus, mas não se sentem dignas, ou não querem admiti-lo nem sequer a si mesmas. A comunidade cristã pode e deve favorecer o retorno sincero a Deus de quantos sentem a sua nostalgia. Sobretudo quantos realizam o «ministério da reconciliação» (*2 Cor 5, 18*) estão chamados a ser instrumentos dóceis ao Espírito Santo para que onde abundou o pecado possa superabundar a misericórdia de Deus (cf. *Rm 5, 20*). Ninguém fique distante de Deus por causa de obstáculos postos pelos homens! E isto é válido também — e realço este aspeto — para os confesores — é válido para eles: por favor, não ponhais obstáculos às pessoas que querem reconciliar-se com Deus. O confessor deve ser um pai! Está no lugar de Deus Pai! O confessor deve acolher as pessoas que vão ter com ele para se reconciliarem com Deus e ajudá-las no caminho desta reconciliação que estamos a fazer. É um



ministério muito bonito: não é uma sala de tortura nem um interrogatório, não, é o Pai que recebe e acolhe esta pessoa e perdoa. Deixemo-nos reconciliar com Deus! Todos nós! Que este Ano Santo seja o tempo favorável para redescobrir a necessidade da ternura e da proximidade do Pai e voltar para Ele de todo o coração.

Fazer experiência da reconciliação com Deus permite descobrir a necessidade de outras formas de reconciliação: nas famílias, nos relacionamentos interpessoais, nas comunidades eclesiais, assim como nas relações sociais e internacionais. Alguém me dizia, nos dias passados, que no mundo há mais inimigos do que amigos, e penso que tem razão. Mas não, construamos pontes de reconciliação também entre nós, começando pela própria família. Quantos irmãos discutiram e se afastaram unicamente pela herança. Isto não está bem! Este é o ano da reconciliação com Deus e entre nós! Com efeito, a reconciliação é também um serviço à paz, ao reconhecimento dos direitos fundamentais das pessoas, à solidariedade e ao acolhimento de todos.

Então, aceitemos o convite a deixar-nos reconciliar com Deus, para nos tornarmos novas criaturas e podermos irradiar a sua misericórdia entre os irmãos, no meio do povo.

Saudação aos participantes no Jubileu das Forças Armadas e de Polícia

Dou as minhas boas-vindas com alegria aos representantes das forças armadas e de polícia, provenientes de tantas partes do mundo, que vieram em peregrinação a Roma por ocasião do Jubileu extraordinário da Misericórdia. As forças da ordem — militares e de polícia — têm por missão garantir um ambiente seguro, para que cada cidadão possa viver em paz e serenidade. Nas vossas famílias, nos vários ambientes nos quais trabalhais, sede instrumentos de reconciliação, construtores de pontes e semeadores de paz. De facto, estais chamados não só a prevenir, gerir, ou pôr fim aos conflitos, mas também a contribuir para a construção de uma ordem fundada na verdade, na justiça, no amor e na liberdade, segundo a definição de paz de são João XXIII na Encíclica *Pacem in terris* (nn. 18 ss.).

A afirmação da paz não é empreendimento fácil, sobretudo por causa da guerra, que torna os corações áridos e aumenta a violência e o ódio. Exorto-vos a não desanimar. Prossegui o vosso caminho de fé e abri os vossos corações a Deus Pai misericordioso que nunca se cansa de nos perdoar. Face aos desafios de



todos os dias, fazei resplandecer a esperança cristã, que é certeza da vitória do amor sobre o ódio e da paz sobre a guerra.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! Saúdo-vos como membros desta família que é a Igreja, pedindo-vos que renoveis o vosso compromisso para que as vossas comunidades sejam lugares sempre mais acolhedores, onde se faz experiência da misericórdia e do perdão de Deus. Que Nossa Senhora proteja a cada um de vós, e o Senhor vos abençoe a todos!

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 30 de abril de 2016

A ovelha perdida

Todos nós conhecemos a imagem do Bom Pastor, que carrega sobre os ombros a ovelha tresmalhada. Este ícone representa sempre a solicitude de Jesus pelos pecadores e a misericórdia de Deus que não se resigna a perder alguém. A parábola é narrada por Jesus, para levar a compreender que a sua proximidade em relação aos pecadores não deve escandalizar, mas, ao contrário, suscitar em todos uma séria reflexão sobre o nosso modo de viver a fé. A narração vê, por um lado, os pecadores que se aproximam de Jesus para o ouvir e, por outro, os doutores da lei, os escribas desconfiados, que se afastam dele por causa deste comportamento. Afastam-se porque Jesus se aproxima dos pecadores. Eles eram orgulhosos, soberbos, julgavam-se justos.

A nossa parábola move-se em volta de três personagens: o pastor, a ovelha tresmalhada e o resto do rebanho. No entanto, quem age é unicamente o pastor, não as ovelhas. Portanto, o pastor é o único verdadeiro protagonista e tudo



depende dele. Uma pergunta introduz a parábola: «Quem de vós, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até a encontrar?» (v. 4). Trata-se de um paradoxo que induz a duvidar do comportamento do pastor: é sábio abandonar as noventa e nove por uma única ovelha? E além disso não na segurança de um aprisco, mas no deserto? Em conformidade com a tradição bíblica, o deserto é lugar de morte, onde é difícil encontrar alimento e água, sem abrigo e à mercê das feras e dos salteadores. O que podem fazer noventa e nove ovelhas indefesas? Contudo o paradoxo continua afirmando que o pastor, depois de ter encontrado a ovelha, «a carrega sobre os ombros cheio de júbilo e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: “Regozijai-vos comigo!”» (v. 6). Portanto, tem-se a impressão de que o pastor não volta ao deserto para recuperar o rebanho inteiro! Orientado para aquela única ovelha, parece esquecer-se das outras noventa e nove. Mas na realidade não é assim! O ensinamento que Jesus nos quer transmitir é, ao contrário, que nenhuma ovelha se pode perder. O Senhor não pode resignar-se ao facto de que até uma única pessoa possa extraviar-se. A ação de Deus é aquela de quem vai à procura dos filhos perdidos para depois fazer festa e rejubilar com todos porque voltou a encontrá-los. Trata-se de um desejo irrefreável: nem sequer noventa e nove ovelhas podem impedir o pastor e mantê-lo fechado no redil. Ele poderia raciocinar assim: «Faço o balanço: tenho noventa e nove, perdi uma, mas não se trata de uma grande perda». Mas ele vai em busca daquela, porque cada uma é muito importante para ele, e aquela é a mais necessitada, a mais abandonada, a mais descartada; assim, ele vai à sua procura. Todos estamos avisados: a misericórdia pelos pecadores é o estilo com que Deus age, e a esta misericórdia Ele é absolutamente fiel: nada e ninguém poderá desviá-lo da sua vontade de salvação. Deus não conhece a nossa atual cultura do descartável, Deus não tem nada a ver com isto. Deus não descarta pessoa alguma; Deus ama todos, procura todos: um por



um! Ele não conhece a expressão «descartar as pessoas», porque Ele é todo amor e toda misericórdia.

A grei do Senhor está sempre a caminho: ela não possui o Senhor, não pode iludir-se de o aprisionar nos nossos esquemas e nas nossas estratégias. O pastor será encontrado onde estiver a ovelha perdida. Portanto, o Senhor deve ser procurado onde Ele mesmo nos quer encontrar, não onde nós mesmo pretendemos encontrá-lo! De nenhum outro modo será possível reunir o rebanho, a não ser seguindo o caminho traçado pela misericórdia do pastor. Enquanto vai em busca da ovelha tresmalhada, ele suscita as outras noventa e nove a fim de que participem na reunificação da grei. Então não apenas a ovelha carregada nos ombros, mas o rebanho inteiro seguirá o pastor até à sua casa para fazer festa com «amigos e vizinhos».

Deveríamos ponderar com frequência sobre esta parábola, porque na comunidade cristã há sempre alguém que falta, tendo partido e deixado um lugar vazio. Às vezes isto é desanimador e leva-nos a acreditar que se trata de uma perda inevitável, uma doença sem remédio. É então que corremos o perigo de nos fecharmos dentro de um redil, onde não haverá cheiro de ovelhas, mas fedor de fechado! E os cristãos? Não devemos viver fechados, porque teremos em nós o mau cheiro dos lugares fechados. Nunca! Devemos sair, sem nos fecharmos em nós mesmos, nas pequenas comunidades, na paróquia, considerando-nos «justos». Isto acontece quando falta o impulso missionário que nos leva ao encontro dos outros. Na visão de Jesus, não existem ovelhas perdidas definitivamente, mas só ovelhas que devem ser encontradas. Devemos compreender bem isto: para Deus ninguém está definitivamente perdido. Nunca! Deus procura-nos até ao último instante. Pensai no bom ladrão; mas só na visão de Jesus ninguém está definitivamente perdido. Portanto, a perspectiva é totalmente dinâmica, aberta, estimulante e criativa. Impele-nos a sair à procura, para empreender um caminho de fraternidade.



Nenhuma distância pode manter afastado o pastor; e nenhum rebanho pode renunciar a um irmão. Encontrar quem está perdido é a alegria do pastor e de Deus, mas é também o júbilo de toda a grei! Todos nós somos ovelhas reencontradas e reunidas pela misericórdia do Senhor, chamados a congregar juntamente com Ele o rebanho inteiro!

Saudações

Com cordial afeto, saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, em especial os diversos grupos e movimentos de Portugal e os fiéis da paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, de São Tomé. Irmãos e amigos, estais em boas mãos, estais nas mãos da Virgem Maria. Ela vos proteja da tentação de prescindir dos outros, pensando em salvar-vos sozinhos. Rezai por mim! Deus vos abençoe!

Saúdo especialmente os jovens, os doentes e os recém-casados. O mês de maio é dedicado a Nossa Senhora. Caros jovens, cultivai a devoção à Mãe de Deus com a recitação diária do Terço; amados enfermos, senti a proximidade de Maria de Nazaré de modo especial na hora da cruz; e vós, diletos recém-casados, orai a Ela para que no vosso lar nunca faltem o amor e o respeito recíproco.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 4 de maio de 2016

O Pai misericordioso

Hoje esta audiência realiza-se em dois lugares: dado que havia previsão de chuva, os doentes estão na sala Paulo vi, em contacto connosco através de uma grande tela; dois lugares mas uma só audiência. Saudemos os doentes que se encontram na sala Paulo vi! Hoje queremos meditar sobre a parábola do Pai misericordioso. Ela fala de um pai e dos seus dois filhos, e leva-nos a conhecer a misericórdia infinita de Deus.



Começamos pelo fim, ou seja, pela alegria do coração do Pai, que diz: «Façamos uma festa. Este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado» (vv. 23-24). Com estas palavras o pai interrompeu o filho mais jovem no momento em que confessa a sua culpa: «Já não sou digno de ser chamado teu filho...» (v. 19). Mas esta expressão é insuportável para o coração do pai, que ao contrário se apressa a devolver ao filho os sinais da sua dignidade: a roupa bonita, o anel, o calçado. Jesus não descreve um pai ofendido e ressentido, um pai que por exemplo diz ao filho: «Vais pagar»: não, o pai abraça-o, espera por ele com amor. Ao contrário, a única coisa que o pai quer é que o filho esteja diante dele, são e salvo, é o que o torna feliz, e por isso faz festa. A receção do filho que volta é descrita de modo comovedor: «Ainda estava longe, quando o seu pai o viu e, movido de compaixão, correu ao seu encontro, lançou-se ao seu pescoço e beijou-o» (v. 20). Quanta ternura; viu-o de longe: o que significa isto? Que o pai subia continuamente ao terraço para perscrutar a estrada a ver se o filho voltava; aquele filho que tinha feito de tudo, mas o pai esperava-o. Como é bonita a ternura do Pai! A misericórdia do pai é transbordante, incondicional e manifesta-se ainda antes que o filho fale. Sem dúvida, o filho sabe que errou e reconhece-o: «Pequei... Trata-me como a um dos teus servos» (v. 19). Mas estas palavras dissolvem-se diante do perdão do pai. O abraço e o beijo do seu pai levam-no a entender que foi sempre considerado filho, não obstante tudo. Este ensinamento de Jesus é importante: a nossa condição de filhos de Deus é fruto do amor do coração do Pai; não depende dos nossos méritos, nem dos nossos gestos, e, portanto, ninguém no-la pode tirar, nem sequer o diabo! Ninguém nos pode privar desta dignidade.

Esta palavra de Jesus anima-nos a nunca desesperar. Penso nas mães e nos pais em apreensão quando veem os filhos afastar-se seguindo por caminhos perigosos. Penso nos párocos e catequistas que às vezes se interrogam se o seu trabalho foi em vão. Mas penso também em quantos estão na prisão e têm a impressão de que a sua vida acabou; naqueles que fizeram escolhas erradas e não



conseguem olhar para o futuro; em todos os que têm fome de misericórdia e perdão, e julgam que não o merecem... Em qualquer situação da vida, não devo esquecer que nunca deixarei de ser filho de Deus, filho de um Pai que me ama e espera a minha volta. Até na pior situação da vida, Deus espera-me, Deus quer abraçar-me, Deus aguarda-me.

Na parábola há outro filho, o mais velho; também ele tem necessidade de descobrir a misericórdia do pai. Ele permaneceu sempre em casa, mas é muito diverso do pai! As suas palavras carecem de ternura: «Há muitos anos que te sirvo, sem jamais transgredir ordem alguma... E agora que voltou este teu filho» (vv. 29-30). Vemos o desprezo: nunca diz «pai», nunca diz «irmão», só pensa em si mesmo, gaba-se de ter permanecido sempre ao lado do pai e de o ter servido; e, no entanto, nunca viveu esta proximidade com alegria. E agora acusa o pai porque nunca lhe deu um cabrito para fazer festa. Coitado do pai! Um filho foi embora e o outro nunca permaneceu realmente próximo dele! O sofrimento do pai é como o do Deus, o de Jesus quando nos afastamos ou porque vamos embora ou porque estamos perto, mas sem o estar deveras.

Também o filho mais velho precisa de misericórdia. Inclusive os justos, aqueles que se julgam justos, têm necessidade de misericórdia. Este filho representa cada um de nós, quando nos perguntamos se vale a pena labutar tanto, se depois nada recebemos em troca. Jesus recorda-nos que não permanecemos na casa do Pai para receber uma recompensa, mas porque temos a dignidade de filhos corresponsáveis. Não se trata de «negociar» com Deus, mas de seguir Jesus que se entregou incondicionalmente na cruz.

«Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Convinha, porém, fazer festa...» (vv. 31-32). Assim diz o Pai ao filho mais velho. A sua lógica é a da misericórdia! O filho mais jovem pensava que merecia um castigo por causa dos seus pecados, e o filho mais velho esperava uma recompensa pelos seus serviços.



Os dois irmãos não falam entre si, vivem histórias diferentes, mas ambos raciocinam segundo uma lógica alheia a Jesus: se fizeres o bem, receberás uma recompensa, se fizerem o mal serás punido; esta não é a lógica de Jesus, não! Esta lógica é invertida pelas palavras do pai: «Convinha, porém, fazer festa, pois este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado» (v. 31). O pai recuperou o filho perdido e agora pode inclusive restituí-lo ao seu irmão! Sem o filho mais jovem, também o filho mais velho deixa de ser um «irmão». A maior alegria para o pai é ver que os seus filhos se reconheçam irmãos.

Os filhos podem decidir se querem unir-se à alegria do pai ou rejeitá-la. Devem interrogar-se sobre os próprios desejos e sobre a sua visão da vida. A parábola termina deixando o final suspenso: não sabemos o que o filho mais velho decidiu fazer. E isto é um estímulo para nós. Este Evangelho ensina-nos que todos temos necessidade de entrar na casa do Pai e participar da sua alegria, na festa da misericórdia e da fraternidade. Irmãos e irmãs, abramos o nosso coração para sermos «misericordiosos como o Pai»!

Saudações

Saúdo cordialmente todos os peregrinos de língua portuguesa, de modo particular aos fiéis brasileiros de Araxá.

Ao saudar vocês, queridos peregrinos brasileiros, o meu pensamento vai à sua amada Nação. Nestes dias em que nos preparamos para a festa de Pentecostes, peço ao Senhor que derrame abundantemente os dons do seu Espírito, para que o País, nestes momentos de dificuldade, siga por estradas de harmonia e de paz, com a ajuda da oração e do diálogo. Possa a proximidade de Nossa Senhora Aparecida, que como uma boa Mãe nunca abandona os seus filhos, ser defesa e guia no caminho.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. No próximo domingo celebraremos o Pentecostes. Caros jovens, desejo que cada um de vós reconheça, entre as múltiplas vozes do mundo, a do Espírito Santo, que continua a falar ao coração de quem sabe pôr-se à escuta. Amados doentes, confiai-vos ao Espírito que não vos fará faltar a luz consoladora da sua presença. E a vós, prezados recém-casados, desejo que sejais no mundo transparência do amor de Deus com a fidelidade do vosso amor e a união da vossa fé.



AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 11 de maio de 2016

Misericórdia como piedade

O dia não parece muito bom, mas vós sois corajosos e viestes não obstante a chuva. Obrigado! Esta audiência realiza-se em dois lugares: devido à chuva, os enfermos estão na sala Paulo VI: ali eles sentem-se mais à-vontade e através de uma grande tela acompanham-nos, a nós que estamos aqui. Encontramo-nos unidos, nós e eles, e faço-vos a proposta de os saudar com um aplauso. Não é fácil fazer um aplauso com o guarda-chuva na mão!

Entre os numerosos aspetos da misericórdia, há um que consiste em *sentir piedade* ou *dó* de quantos têm necessidade de amor. A *pietas* — a piedade — é um conceito presente no mundo greco-romano, no qual indicava, contudo, um gesto de submissão aos superiores: antes de tudo, a devoção devida aos deuses, depois o respeito dos filhos pelos pais, sobretudo pelos idosos. Hoje, ao contrário, devemos estar atentos a não identificar a piedade com aquele pietismo, bastante difundido, que é somente uma emoção superficial e ofende a dignidade do outro. Do mesmo modo, a piedade também não pode ser confundida com a compaixão que sentimos pelos animais que vivem ao nosso lado; com efeito, às vezes temos este sentimento pelos animais, mas permanecemos indiferentes diante dos sofrimentos dos irmãos. Quantas vezes vemos pessoas muito apegadas a gatos e a cães, mas que não ajudam o vizinho, a vizinha em necessidade... Assim não pode ser!

A piedade da qual queremos falar é uma manifestação da misericórdia de Deus. É um dos sete dons do Espírito Santo que o Senhor oferece aos seus discípulos



para os tornar «dóceis, na obediência pronta, às inspirações divinas» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1830). Nos Evangelhos é muitas vezes citado o clamor espontâneo que as pessoas doentes, endemoninhadas, pobres ou aflitas dirigem a Jesus: «Tem piedade!» (cf. *Mc* 10, 47-48; *Mt* 15, 22; 17, 15). A todos Jesus respondia com o olhar da misericórdia e com o alívio da sua presença. Em tais invocações de ajuda, ou súplicas de piedade, cada um manifestava inclusive a própria fé em Jesus, chamando-lhe «Mestre», «Filho de David», «Senhor». Intuíam que nele havia algo extraordinário, que os podia ajudar a sair da condição de tristeza em que se encontravam. Sentiam nele o amor do próprio Deus. E até quando a multidão se aglomerava, Jesus ouvia aquelas invocações de piedade e sentia compaixão, principalmente quando via pessoas sofredoras e feridas na sua dignidade, como no caso da hemorroíssa (cfr. *Mc* 5, 32). Ele chamava as pessoas a terem confiança nele e na sua Palavra (cf. *Jo* 6, 48-55). Para Jesus, sentir piedade equivale a compartilhar a tristeza de quantos o encontram, mas ao mesmo tempo a agir pessoalmente para a transformar em alegria.

Também nós somos chamados a cultivar em nós atitudes de piedade diante de tantas situações da vida, libertando-nos da indiferença que impede o reconhecimento das exigências dos irmãos que nos circundam, e livrando-nos da escravidão do bem-estar material (cf. *1 Tm* 6, 3-8).

Contemplemos o exemplo da Virgem Maria, que cuida de cada um dos seus filhos e para nós crentes é ícone da piedade. Dante Alighieri exprime-o na prece a Nossa Senhora, posta no ápice do *Paraíso*: «Em ti misericórdia, em ti piedade [...] em ti se reúne toda a bondade que existe na criatura» (XXXIII, 19-21). Obrigado!

Saudações

Uma cordial saudação a todos os peregrinos de língua portuguesa, especialmente aos fiéis da Missão Católica Portuguesa de Friburgo na Suíça, e ao grupo brasileiro do Santuário Jardim da Imaculada, de Cidade Ocidental. Este mês de Maria convida-nos a multiplicar diariamente os atos de devoção e imitação da Mãe de



Deus. Rezai o terço todos os dias! Deixai a Virgem Mãe possuir o vosso coração, confiando-lhe tudo quanto sois e tendes! E Deus será tudo em todos... Assim Deus vos abençoe, a vós e aos vossos entes queridos!

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 14 de maio de 2016

Pobreza e misericórdia

Hoje desejo meditar convosco sobre a parábola do homem rico e do pobre Lázaro. A vida destas duas pessoas parece correr por vias paralelas: as suas condições de vida são opostas e totalmente incomunicantes. O portão da casa do rico está sempre fechado ao pobre, que permanece ali, fora, procurando comer algumas migalhas que caem da mesa do rico. O rico veste-se com roupas de luto, enquanto Lázaro está coberto de chagas; cada dia o rico dá banquetes requintados, enquanto Lázaro morre de fome. Só os cães cuidam dele e vão lambe-las suas feridas. Esta cena recorda a dura admoestação do Filho do homem no Juízo final: «Tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estava [...] nu e não me revestistes» (Mt 25, 42-43). Lázaro representa bem o grito silencioso dos pobres de todos os tempos e a contradição de um mundo em que riquezas e recursos imensos se encontram nas mãos de poucos.

Jesus diz que um dia aquele homem rico faleceu: os pobres e os ricos morrem, têm o mesmo destino, como todos nós, para isto não há exceção. E então aquele homem dirigiu-se a Abraão, suplicando-o com o apelativo de «pai» (vv. 24.27). Portanto, reivindica ser seu filho, pertencente ao povo de Deus. E no entanto, durante a vida não demonstrou consideração alguma por Deus, ao contrário, fez de si mesmo o centro de tudo, fechado no seu mundo de luxo e de desperdício. Excluindo Lázaro, não teve em conta nem o Senhor, nem a sua lei.



Ignorar o pobre significa desprezar a Deus! Devemos aprender bem isto. Ignorar o pobre significa desprezar a Deus! Há um pormenor na parábola que deve ser observado: o rico não tem um nome, mas somente um adjetivo: «o rico»; enquanto o nome do pobre é repetido cinco vezes, e «Lázaro» quer dizer «Deus ajuda». Lázaro, que jaz diante da porta, é uma evocação viva ao rico, para se recordar de Deus, mas o rico não aceita tal evocação. Portanto, será condenado não pelas suas riquezas, mas por ter sido incapaz de sentir compaixão por Lázaro e de o socorrer.

Na segunda parte da parábola, voltamos a encontrar Lázaro e o rico, depois da sua morte (vv. 22-31). No além, a situação inverteu-se: o pobre Lázaro é levado pelos anjos para o céu, para junto de Abraão, enquanto que o rico precipita no meio dos tormentos. Então, o rico «ergueu o olhar e viu Abraão à distância, e Lázaro ao seu lado». Parece que ele vê Lázaro pela primeira vez, mas as suas palavras atraíam-no: «Pai Abraão — diz — compadece-te de mim e manda Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois sou cruelmente atormentado nestas chamas». Agora, o rico reconhece Lázaro e pede-lhe ajuda, mas quando vivia fingia que não o via. Quantas vezes tantas pessoas fingem que não veem os pobres! Para elas, os pobres não existem. Antes, negava-lhe até as migalhas da sua mesa, e agora gostaria que ele lhe desse de beber! Ainda crê que pode aduzir direitos, devido à sua condição social precedente. Declarando que é impossível atender ao seu pedido, o próprio Abraão oferece a chave de toda a narração: explica que bens e males foram distribuídos de modo a compensar a injustiça terrena, e a porta que durante a vida separava o rico do pobre transformou-se num «grande abismo». Enquanto Lázaro jazia diante da sua casa, para o rico havia a possibilidade de salvação, de abrir a porta de par em par e de ajudar Lázaro, mas agora que ambos faleceram, a situação tornou-se irreparável. Deus nunca é diretamente interpelado, mas a parábola alerta de maneira clara: a misericórdia de Deus por nós está vinculada à nossa misericórdia pelo próximo; quando esta falta, também aquela não encontra espaço no nosso coração fechado,



não pode entrar. Se eu não escancarar a porta do meu coração ao pobre, aquela porta permanece fechada. Inclusive para Deus. E isto é terrível!

Nesta altura, o rico pensa nos seus irmãos, que correm o risco de ter o mesmo destino, e pede que Lázaro possa voltar ao mundo para os repreender. Mas Abraão responde: «Eles têm Moisés e os profetas; que os ouçam!». Para nos convertermos, não devemos aguardar acontecimentos prodigiosos, mas abrir o nosso coração à Palavra de Deus, que nos chama a amar a Deus e ao próximo. A Palavra de Deus pode fazer renascer um coração que se tornou insensível e curá-lo da sua cegueira. O rico conhecia a Palavra de Deus, mas não permitiu que ela entrasse no seu coração, não a ouviu, e por isso foi incapaz de abrir os olhos e de sentir compaixão pelo pobre. Nenhum mensageiro nem mensagem alguma poderão substituir os pobres que encontramos no caminho, porque neles é o próprio Jesus que vem ao nosso encontro: «Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (Mt 25, 40), diz Jesus. Assim, na inversão dos destinos que a parábola descreve está escondido o mistério da nossa salvação, na qual Cristo une a pobreza à misericórdia.

Caros irmãos e irmãs, ouvindo este Evangelho, todos nós, juntamente com os pobres da terra, podemos entoar com Maria: «Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos» (Lc 1, 52-53).

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! Com afeto saúdo a todos, em particular as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição e os grupos paroquiais de Porto Nacional e da Póvoa de Varzim, desejando-vos que a peregrinação ao túmulo dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo fortaleça nos vossos corações o sentir e o viver em Igreja, sob o terno olhar da Virgem Mãe. Aprendamos com Ela a ler os sinais de Deus na história, para ser construtores de uma humanidade nova. Deus vos abençoe, a vós e aos vossos familiares.



Dou as mais cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, de maneira particular aos fiéis provenientes do Egito. A Misericórdia de Deus, que nos é concedida gratuitamente, está vinculada pela nossa própria misericórdia em relação ao próximo, ao necessitado e ao indigente. Deus não nos pede unicamente que conheçamos os seus Livros e os seus mandamentos, mas que os coloquemos em prática e os observemos com cada Lázaro que o Senhor põe à porta da nossa casa, como invocação ao arrependimento e como apelo à misericórdia, a fim de que tratemos os outros como nós mesmos desejamos ser tratados. Que o Senhor abençoe todos vós e vos salvaguarde do maligno!

Saúdo com carinho especial as crianças ucranianas, órfãs e refugiadas por causa do conflito armado que ainda perdura no leste do país. Por intercessão de Maria Santíssima renovo a minha prece a fim de que se alcance uma paz duradoura que possa aliviar a população tão provada e ofereça um futuro sereno às novas gerações.

Hoje, dia do nascimento de São João Paulo II, saúdo do íntimo do coração todos os polacos aqui presentes. Uno-me espiritualmente ao presidente da República da Polónia, com os combatentes e os participantes na Santa Missa no cemitério polaco de Montecassino em memória das vítimas da guerra, assim como a quantos estão reunidos em Toruń para a consagração do Santuário da «Bem-Aventurada Virgem Maria Estrela da Nova Evangelização e de São João Paulo II». Que estes acontecimentos importantes sejam para vós um convite a rezar pela paz, pela Igreja na Polónia e pela prosperidade da vossa Pátria. Louvado seja Jesus Cristo!

Dirijo uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Caros jovens, aprendei de São Francisco de Paula que a humildade é força e não debilidade! Amados enfermos, não vos canseis de pedir na oração a ajuda do Senhor, especialmente nas dificuldades. E vós, prezados recém-casados, competi como os santos na estima e ajuda recíprocas.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 18 de maio de 2016

Oração: fonte de misericórdia

A parábola evangélica que há pouco ouvimos (cf. Lc 18, 1-8) contém um ensinamento importante: «A necessidade de orar sempre, sem nunca se cansar» (v.



1). Portanto, não se trata de rezar às vezes, quando tenho vontade. Não! Jesus diz que é preciso «orar sempre, sem se cansar». E cita o exemplo da viúva e do juiz.

O juiz é uma personalidade poderosa, chamada a emitir sentenças com base na Lei de Moisés. Por isso, a tradição bíblica recomendava que os juízes fossem pessoas tementes a Deus, dignas de fé, imparciais e incorruptíveis (cf. Êx 18, 21). Ao contrário, este juiz «não temia a Deus, nem respeitava pessoa alguma» (v. 2). Era um juiz iníquo, sem escrúpulos, que não tinha em consideração a Lei, mas fazia o que queria, segundo o próprio interesse. Uma viúva vai ter com ele para obter justiça. As viúvas, juntamente com os órfãos e com os estrangeiros, eram as categorias mais frágeis da sociedade. Os direitos que lhes eram assegurados pela Lei podiam ser espezinhados com facilidade porque, dado que eram pessoas sós e indefesas, dificilmente podiam fazer-se valer: uma pobre viúva, ali sozinha, ninguém a defendia, podiam ignorá-la, sem lhe fazer justiça. Do mesmo modo também o órfão, o estrangeiro, o migrante: naquela época esta problemática era muito acentuada. Diante da indiferença do juiz, a viúva recorre à sua única arma: continuar insistentemente a importuná-lo, apresentando-lhe o seu pedido de justiça. E é precisamente com esta perseverança que ela alcança a sua finalidade. Com efeito, numa certa altura o juiz atende-a, mas não porque é impelido pela misericórdia, nem porque a consciência lho impõe; ele simplesmente admite: «Dado que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, senão ela não cessará de me molestar» (v. 5).

Desta parábola Jesus haure uma dupla conclusão: se a viúva conseguiu convencer o juiz desonesto com os seus pedidos insistentes, tanto mais Deus, que é Pai bom e justo, «fará justiça aos seus escolhidos, que clamam por Ele dia e noite»; e além disso, não os «fará esperar muito tempo», mas agirá «imediatamente» (vv. 7-8).



Por isso Jesus exorta a rezar «sem se cansar». Todos nós sentimos momentos de cansaço e de desânimo, sobretudo quando a nossa oração parece ineficaz. Mas Jesus tranquiliza-nos: diversamente do juiz desonesto, Deus atende os seus filhos de modo imediato, embora isto não signifique que o faça segundo os tempos e modos que nós gostaríamos. A oração não é uma varinha mágica! Ela ajuda a conservar a fé em Deus, a confiar em Deus até quando não compreendemos a sua vontade. Nisto, o próprio Jesus — que rezava muito! — serve-nos de exemplo. A Carta aos Hebreus recorda que «nos dias da sua vida mortal, [Ele] dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade» (5, 7). À primeira vista esta afirmação parece improvável, porque Jesus morreu na cruz. E, no entanto, a Carta aos Hebreus não se engana: Deus salvou verdadeiramente Jesus da morte, vencendo-a com uma vitória completa, mas o caminho que teve de percorrer para a alcançar passou através da própria morte! A referência à súplica que Deus atendeu remete para a oração de Jesus no Getsémani. Tomado pela angústia incumbente, Jesus reza ao Pai para que o livre do cálice amargo da paixão, mas a sua prece está permeada de confiança no Pai e Ele entrega-se incondicionalmente à sua vontade: «Contudo — diz Jesus — não se faça o que Eu quero, mas sim o que Tu queres» (Mt 26, 39). O objeto da oração passa para segundo plano; o que importa antes de tudo é a relação com o Pai. Eis o que faz a oração: transforma o desejo, modelando-o segundo a vontade de Deus, qualquer que ela seja, porque quem ora aspira em primeiro lugar à união com Deus, que é Amor misericordioso.

A parábola conclui-se com uma pergunta: «Mas quando vier o Filho do Homem, acaso encontrará fé sobre a terra?» (v. 8). E com esta interrogação estamos todos alertados: não devemos desistir da oração, mesmo que não seja correspondida. É a prece que preserva a fé, pois sem ela a fé vacila! Peçamos ao Senhor uma fé que se faz oração incessante, perseverante, como a da viúva da parábola, uma fé que se alimenta do desejo da sua vinda. E na prece



experimentamos a compaixão de Deus que, como um Pai, vem ao encontro dos seus filhos cheio de amor misericordioso.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, nomeadamente os fiéis de São Julião da Barra, Nova Oeiras, Lumiar, Pias e os grupos brasileiros, faço votos de que esta romaria possa reforçar em vós a fé em Jesus Cristo, que chama todos os homens e mulheres a fazerem parte da sua Igreja Santa. Regressai aos vossos lares com a certeza de que a misericórdia de Deus é mais forte que qualquer pecado! Que Deus abençoe a cada um de vós!

Dou as cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, de modo especial aos provenientes do Iraque e da Jordânia. A oração não muda o pensamento de Deus, mas do orante, para se conformar com a vontade divina. Por isso, o Senhor convida-nos a orar sempre sem nos cansarmos, a fim de que a prece se torne o lugar onde manifestamos a Deus o nosso amor, a nossa fé e tudo o que há no nosso coração e na nossa mente, tornando-se sobretudo o nosso alimento diário, a nossa arma poderosa e o cajado para a nossa viagem. O Senhor abençoe todos vós e vos proteja do maligno!

Hoje celebra-se o Dia internacional das crianças desaparecidas. É um dever de todos salvaguardar as crianças, principalmente aquelas expostas a um elevado risco de exploração, tráfico e comportamentos depravados. Faço votos a fim de que as Autoridades civis e religiosas consigam despertar e sensibilizar as consciências, para evitar a indiferença diante da dificuldade das crianças abandonadas, exploradas e afastadas das suas famílias e do seu contexto social, crianças que não podem crescer serenamente nem olhar para o futuro com esperança. Convido todos à oração, para que cada uma delas seja restituída ao carinho dos seus entes queridos.

Amanhã viveremos em Roma a tradicional procissão de Corpus Christi. Às 19h na praça de São João de Latrão celebrarei a Santa Missa e depois adoraremos o Santíssimo Sacramento caminhando até à Basílica de Santa Maria Maior. Convido romanos e peregrinos a participar neste solene gesto público de fé e de amor a Jesus realmente presente na Eucaristia.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebramos a memória do Papa São Gregório vii. O seu amor pelo Senhor vos indique, diletos jovens, a importância da relação com Deus na vossa vida; vos encoraje, amados enfermos, a enfrentar com fé os momentos de sofrimento; e vos estimule, prezados recém-casados, a educar cristãmente os filhos que o Senhor vos quiser conceder.



APELO

Na segunda-feira passada, na amada Síria, foram perpetrados alguns atentados terroristas, que provocaram a morte de uma centena de civis indefesos. Exorto todos a orar ao Pai misericordioso e a Nossa Senhora, para que concedam o descanso eterno às vítimas e a consolação aos familiares, convertendo o coração de quantos semeiam morte e destruição. Oremos todos juntos a Nossa Senhora...

AUDIÊNCIA GERAL- Praça São Pedro

Quarta-feira, 25 de maio de 2016

A oração humilde obtém misericórdia

Na quarta-feira passada ouvimos a parábola do juiz e da viúva, sobre a necessidade de rezar com perseverança. Hoje, com outra parábola, Jesus quer ensinar-nos qual é a atitude certa para rezar e invocar a misericórdia do Pai; como devemos rezar; a atitude correta para orar. É a parábola do fariseu e do publicano (cf. *Lc 18, 9-14*).

Ambos os protagonistas vão ao templo para orar, mas agem de modos muito diferentes, obtendo êxitos opostos. O fariseu reza «de pé» (v. 11) e usa muitas palavras. A sua é uma prece de ação de graças a Deus, mas na realidade é uma manifestação dos próprios méritos, com sentido de superioridade em relação aos «outros homens», qualificados como «ladrões, injustos, adúlteros», como por exemplo — e indica aquele outro que estava ali — «o publicano» (v. 11). Mas este é o problema: o fariseu reza a Deus, mas na verdade olha para si mesmo. Ora por si mesmo! Em vez de ter diante dos olhos o Senhor, tem um espelho. Não obstante esteja no templo, não sente a necessidade de se prostrar diante da majestade de Deus; está de pé, sente-se seguro, como se fosse o dono do templo! E enumera as boas obras realizadas: é irrepreensível, observa a Lei mais do que lhe é devido, jejuava



«duas vezes por semana» e paga o «dízimo» de tudo o que possui. Em síntese, mais do que rezar, o fariseu deleita-se com a sua observância dos preceitos. E no entanto, a sua atitude e as suas palavras estão longe do modo de agir e de falar de Deus, que ama todos os homens, sem desprezar os pecadores. Ao contrário, o fariseu despreza os pecadores, inclusive quando indica o outro ali presente. Em suma, o fariseu que se sente justo descuida o mandamento mais importante: o amor a Deus e ao próximo.

Portanto, não é suficiente perguntar-nos *quanto* oramos, mas devemos interrogar-nos também *como* rezamos, melhor, *como é o nosso coração*: é importante examiná-lo para avaliar os pensamentos, os sentimentos, e extirpar a arrogância e a hipocrisia. Mas eu pergunto: é possível rezar com arrogância? Não! Com hipocrisia? Não! Só devemos orar pondo-nos diante de Deus tais como somos. Não como o fariseu, que rezava com arrogância e hipocrisia. Vivemos todos arrebatados pelo delírio do ritmo diário, muitas vezes à mercê de sensações, atordoados, confusos. É preciso aprender a encontrar o caminho do nosso coração, recuperar o valor da intimidade e do silêncio, pois é ali que Deus nos encontra e nos fala. Só a partir dali podemos por nossa vez encontrar os outros e falar com eles. O fariseu vai ao templo, sente-se seguro de si mesmo, mas não se dá conta de ter perdido o caminho do seu coração.

Ao contrário, o publicano — o outro — vai ao templo com espírito humilde e arrependido: «Mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito» (v. 13). A sua prece é muito breve, não longa como a do fariseu: «Ó Deus, tende piedade de mim, que sou pecador!». Nada mais. Uma linda oração! Com efeito, os cobradores de impostos — chamados precisamente «publicanos» — eram considerados pessoas impuras, submetidas aos dominadores estrangeiros, eram desprezados pelo povo e em geral associados aos «pecadores». A parábola ensina que a pessoa é justa ou pecadora não pela sua pertença social,



mas pelo seu modo de se relacionar com Deus, pelo seu modo de se comportar com os irmãos. Os gestos de penitência e as poucas e simples palavras do publicano atestam a consciência acerca da sua condição miserável. A sua prece é essencial. Age com humildade, só está seguro de ser um pecador necessitado de piedade. Se o fariseu nada pedia porque já possuía tudo, o publicano só pode implorar a misericórdia de Deus. E isto é bonito: suplicar a misericórdia de Deus! Apresentando-se «de mãos vazias», com o coração despojado e reconhecendo-se pecador, o publicano mostra a todos nós a condição necessária para receber o perdão do Senhor. No final é precisamente ele, tão desprezado, que se torna um ícone do autêntico crente.

Jesus conclui a parábola com uma sentença: «Digo-vos: ele — ou seja, o publicano — ao contrário do outro, voltou para casa justificado. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado» (v. 14). Qual deles é o corrupto? O fariseu. Ele é precisamente o ícone do corrupto que faz de conta que reza, mas só consegue pavonear-se diante de um espelho. É um corrupto e finge que reza. Assim, na vida quem se considera justo e julga o próximo desprezando-o é um corrupto, um hipócrita. A soberba compromete todas as boas ações, esvazia a oração, afasta de Deus e do próximo. Se Deus prefere a humildade não é para nos aviltar: a humildade é sobretudo uma condição necessária para sermos elevados por Ele, de modo a experimentarmos a misericórdia que preenche os nossos vazios. Se a prece do soberbo não alcançar a Coração de Deus, a humildade do miserável abre-o de par em par. Deus tem uma fragilidade: a debilidade pelos humildes. Diante de um coração humilde, Deus abre totalmente o seu Coração. É esta humildade que a Virgem Maria exprime no cântico do *Magnificat*: «Olhou para a humildade da sua serva [...] A sua misericórdia estende-se, de geração em geração, sobre os que o temem» (Lc 1, 48.50). Que Ela, nossa Mãe, nos ajude a rezar com um coração humilde. E nós repetamos três vezes esta linda prece: «Ó Deus, tende piedade de mim, que sou pecador!».



Saudações

Saúdo cordialmente os alunos e professores da Escola Eça de Queirós, os fiéis da paróquia da Lapa e do Estado do Paraná, e restantes peregrinos de língua portuguesa: a todos recordo que a oração abre a porta da nossa vida a Deus. Ele ensina-nos a sair de nós mesmos para ir ao encontro dos outros que vivem na provação, levando-lhes consolação, luz e esperança. Sobre vós e vossas famílias, desça a bênção do Senhor.

Sexta-feira celebra-se a Solenidade do Santíssimo Coração de Jesus, este ano enriquecida pelo Jubileu dos Sacerdotes. Convido todos a rezar durante todo o mês de junho ao Coração de Jesus e a apoiar com a proximidade e o carinho os vossos presbíteros a fim de que sejam sempre imagem daquele Coração repleto de amor misericordioso.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Caros jovens, hauri do Coração de Jesus o alimento da vossa vida e a fonte da vossa esperança; diletos enfermos, ofereci o vosso sofrimento ao Senhor, para que continue a instilar o seu amor no coração dos homens; e vós, queridos recém-casados, aproximai-vos frequentemente da Eucaristia para ser, alimentados de Cristo, famílias cristãs tocadas pelo amor do Coração divino.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 1º de junho de 2016

O primeiro sinal da misericórdia

Antes de dar início à catequese, gostaria de saudar um grupo de casais que celebram as bodas de ouro. Este sim que é «o vinho bom» da família! O vosso é um testemunho que os recém-casados — que saudarei mais tarde — e os jovens devem aprender. É um bonito testemunho. Obrigado pelo vosso testemunho. Depois de ter comentado algumas parábolas da misericórdia, hoje refletimos sobre o primeiro dos milagres de Jesus, que o evangelista João chama «sinais», porque Jesus não os realizou para suscitar admiração, mas para revelar o amor do Pai. O primeiro destes sinais prodigiosos é narrado precisamente por João (2, 1-11) e realiza-se em Caná da



Galileia. Trata-se de uma espécie de «portal de entrada», no qual são esculpidas palavras e expressões que iluminam o inteiro mistério de Cristo e abrem o coração dos discípulos à fé. Vejamos algumas delas.

Na introdução encontramos a expressão «*Jesus com os seus discípulos*» (v. 2). Aqueles que Jesus tinha chamado para o seguir, uniu-os a si numa comunidade e então, como uma família única, tinham sido convidados para as núpcias. Dando início ao seu ministério público nas bodas de Caná, Jesus manifesta-se como o esposo do povo de Deus, anunciado pelos profetas, e revela-nos a profundidade da relação que nos une a Ele: é uma nova Aliança de amor. Qual é o fundamento da nossa fé? Um ato de misericórdia com o qual Jesus nos uniu a si. E a vida cristã é a resposta a este amor, é como a história de dois namorados. Deus e o homem encontram-se, procuram-se, acham-se, celebram-se e amam-se: exatamente como o amado e a amada no *Cântico dos Cânticos*. Todo o resto vem como consequência desta relação. A Igreja é a família de Jesus sobre a qual derrama o seu amor; é este amor que a Igreja conserva e deseja doar a todos.

No contexto da Aliança compreende-se também a observação de Nossa Senhora: «*Já não têm vinho*» (v. 3). Como é possível celebrar as núpcias e festejar se falta o que os profetas indicam como um elemento típico do banquete messiânico (cf. *Am* 9, 13-14; *Gl* 2, 24; *Is* 25, 6)? A água é necessária para viver, mas o vinho exprime a abundância do banquete e a alegria da festa. É uma festa de casamento na qual falta o vinho; os noivos envergonham-se disto. Mas imaginai terminar uma festa de casamento bebendo chá; seria uma vergonha. O vinho é necessário para a festa. Transformando em vinho a água das ânforas utilizadas «para a purificação ritual dos judeus» (v. 6), Jesus realiza um sinal eloquente: transforma a Lei de Moisés em Evangelho, portador de alegria. Como disse o próprio João noutra excerto: «A Lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» (1, 17).



As palavras que Maria dirige aos servos coroam o quadro esponsal de Caná: «Fazei o que ele vos disser» (v. 5). É curioso: são as suas últimas palavras narradas pelos Evangelhos. São a sua herança que entregou a todos nós. Também hoje Nossa Senhora diz a todos nós: «Fazei o que ele — Jesus — vos disser». Eis a herança que nos deixou: é bonito! Trata-se de uma expressão que evoca a fórmula de fé utilizada pelo povo de Israel no Sinai em resposta às promessas da aliança: «Faremos tudo o que o Senhor disser!» (Êx 19, 8). E com efeito em Caná os servos obedeceram. «Jesus ordena-lhes: Enchei as ânforas de água. Eles encheram-nas até cima. Tirai agora, disse-lhes Jesus, e levai ao chefe dos serventes. E levaram» (vv. 7-8). Nestas núpcias, foi deveras estabelecida uma Nova Aliança e aos servos do Senhor, isto é, a toda a Igreja, foi confiada a nova missão: «Fazei o que ele vos disser!». Servir o Senhor significa ouvir e praticar a sua Palavra. Foi a recomendação simples, mas essencial da Mãe de Jesus e é o programa de vida do cristão. Para cada um de nós, beber da ânfora equivale a confiar-nos à Palavra de Deus para sentir a sua eficácia na vida. Então, juntamente com o chefe dos serventes que experimentou a água que se transformou em vinho, que também nós possamos exclamar: «Guardaste o vinho melhor até agora» (v. 10). Sim, o Senhor continua a reservar aquele vinho bom para a nossa salvação, assim como continua a brotar do lado trespassado do Senhor.

A conclusão da narração soa como uma sentença: «Este foi o primeiro milagre de Jesus; realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele» (v. 11). As bodas de Caná representam muito mais do que a simples narração do primeiro milagre de Jesus. Como um relicário, Ele conserva o segredo da sua pessoa e a finalidade da sua vinda: o esperado Esposo dá início às núpcias que se realizam no Mistério pascal. Nestas bodas Jesus une a si os seus discípulos com uma Aliança nova e definitiva. Em Caná os discípulos de Jesus tornam-se a sua família e em Caná nasce a fé da Igreja. Para aquelas bodas todos somos convidados, a fim de que o vinho novo já não venha a faltar!



Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos fiéis de Curitiba e ao grupo de magistrados brasileiros. Queridos amigos, sois chamados a ser testemunhas do Evangelho no mundo, transfigurados pela alegria e pela graça misericordiosa de Deus. Desça sobre vós e vossas famílias a bênção de Deus.

Amados peregrinos de língua italiana: sede bem-vindos!

Saúdo com particular afeto a Associação Internacional das Universidades Lassalianas; os Delegados da Sociedade de S. Vivente de Paulo reunidos em Assembleia Geral; assim como os Padres Brancos, durante o seu capítulo geral. Exorto-vos a viver com alegria a missão em fidelidade ao Evangelho e aos respetivos carismas.

Dirijo uma saudação especial à Ação Católica Italiana que hoje relança a experiência de oração «Um minuto pela paz», que culmina na celebração Eucarística na Basílica de Santo Espírito em Sassia.

E exorto os jovens, os doentes e os recém-casados a rezar com particular intensidade aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, a fim de que nos ensinem a amar com dedicação total a Deus e ao próximo.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 8 de junho de 2016

A misericórdia é luz

Um dia Jesus, aproximando-se da cidade de Jericó, fez o milagre de restituir a vista a um cego que mendigava sentado à beira do caminho (cf. *Lc 18, 35-43*). Hoje queremos compreender o significado deste sinal porque diz respeito diretamente também a nós. O evangelista Lucas narra que aquele cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmola (cf. v. 35). Um cego naqueles tempos — mas também até há pouco tempo — podia viver só de esmola. A figura deste cego representa muitas pessoas que, inclusive hoje, se encontram marginalizadas por causa de uma



deficiência física ou de outro tipo. Está afastado da multidão, está ali enquanto as pessoas passam atarefadas, absortas em seus pensamentos e em tantas coisas... E as estradas, que podem ser um lugar de encontro, para ele são ao contrário um lugar de solidão. Uma multidão que passa... E ele sozinho.

É triste a imagem de um marginalizado, sobretudo no pano de fundo da cidade de Jericó, o maravilhoso e luxuriante oásis no deserto. Sabemos que precisamente a Jericó chegou o povo de Israel no final de um longo êxodo do Egito: aquela cidade representa a porta de entrada na terra prometida. Recordemos as palavras que Moisés pronuncia naquela circunstância: «Se houver no meio de ti um pobre entre os teus irmãos, em uma de tuas cidades, na terra que te dá o Senhor, teu Deus, não endurecerás o teu coração e não fecharás a mão diante de teu irmão pobre; pois nunca faltarão pobres na terra, e por isso dou-te esta ordem: abre tua mão ao teu irmão necessitado ou pobre que vive em tua terra» (*Dt 15, 7.11*). É estridente o contraste entre esta recomendação da Lei de Deus e a situação descrita pelo Evangelho: enquanto o cego gritava invocando Jesus, as pessoas repreendiam-no para que calasse, como se não tivesse direito de falar. Não têm compaixão por ele, aliás, ficam incomodados com os seus gritos. Quantas vezes nós, ao ver muita gente na estrada — gente necessitada, doente, que não tem o que comer — ficamos incomodados. Quantas vezes, quando nos deparamos com numerosos migrantes e refugiados, ficamos incomodados. É uma tentação que todos temos. Todos, até eu! É por isso que a Palavra de Deus nos admoesta recordando-nos que a indiferença e a hostilidade tornam cegos e surdos, impedem que vejamos os irmãos e não permitem que reconheçamos o Senhor neles. Indiferença e hostilidade. E por vezes esta indiferença e hostilidade transformam-se também em agressões e insultos: «mandai embora toda esta gente!», «ponde-os noutra lugar!». Esta agressão é a mesma que faziam as pessoas quando o cego gritava: «mas, vai-te embora, por favor, não fales, não grites».



Observemos um pormenor interessante. O Evangelista diz que alguém no meio da multidão explicou ao cego o motivo da presença de toda aquelas pessoas dizendo: «Passa Jesus, o Nazareno!» (v. 37). A passagem de Jesus está indicando com o mesmo verbo com o qual no livro do Êxodo se fala da passagem do anjo exterminador que salva os Israelitas na terra do Egito (cf. Êx. 12, 23). É a «passagem» da Páscoa, o início da libertação: quando Jesus passa, há sempre libertação, sempre salvação! Portanto, ao cego é como se fosse anunciada a sua Páscoa. Sem se deixar atemorizar, o cego grita várias vezes em direção a Jesus reconhecendo-o como o Filho de David, o Messias esperado que, secundo o profeta Isaías, teria aberto os olhos aos cegos (cf. *Is* 35, 5). Diferentemente da multidão, este cego vê com os olhos da fé. Graças a ela a sua súplica tem grande eficácia. Com efeito, ao ouvir a sua voz, «Jesus parou e mandou que lho trouxessem» (v. 40). Deste modo, Jesus tira o cego da beira do caminho e coloca-o no centro da atenção dos seus discípulos e da multidão. Pensemos também nós, quando estivemos em situações difíceis, inclusive em situações de pecado, como foi o próprio Jesus quem nos pegou pela mão e nos tirou da beira da estrada para nos doar a salvação. Realiza-se assim uma dúplice passagem. Primeiro: as pessoas tinham anunciado uma boa nova ao cego, mas não queriam ter nada a ver com ele; agora Jesus obriga todos a tomar consciência de que o bom samaritano implica pôr no centro do próprio caminho aquele que estava excluído. Segundo: por sua vez, o cego não via, mas a sua fé abre-lhe o caminho da salvação, e ele depara-se no meio de quantos desciam pelas ruas para ver Jesus. Irmãos e irmãs, a passagem do Senhor é um encontro de misericórdia que une todos à volta d’Ele para permitir que reconheçamos quem necessita de ajuda e de conforto. Jesus passa também na nossa vida; e quando passa Jesus, eu dou-me conta, é um convite a aproximar-me d’Ele, a ser mais bondoso, a ser um cristão melhor, a seguir Jesus.

Jesus dirige-se ao cego e pergunta-lhe: «Que queres que eu faça por ti?» (v. 41). Estas palavras de Jesus são surpreendentes: o Filho de Deus agora está em



frente do cego como um servo humilde. Ele, Jesus, Deus, diz: «Mas, que queres que eu faça por ti? Como queres que eu te sirva?». Deus faz-se servo do homem pecador. E o cego responde a Jesus já não chamando-lhe «Filho de David», mas «Senhor», o título que a Igreja desde o início aplica a Jesus Ressuscitado. O cego pede para poder voltar a ver e o seu desejo é atendido: «Recupera a vista! Vai, a tua fé te salvou» (v. 42). Ele mostrou a sua fé invocando Jesus e querendo absolutamente encontrá-lo, isto trouxe-lhe em dom a salvação. Graças à fé agora pode ver e, sobretudo, sente-se amado por Jesus. Por esta razão, a narração termina referindo que o cego «começou a segui-lo glorificando Deus» (v. 43): torna-se discípulo. De mendigo a discípulo, também este é o nosso caminho: todos nós somos mendigos, todos. Precisamos sempre de salvação. E todos nós, todos os dias, devemos dar este passo: de mendigos a discípulos. Deste modo, seguindo o Senhor entra a fazer parte da sua comunidade. Aquele que queriam silenciar, agora testemunha em voz alta o seu encontro com Jesus de Nazaré, e «todo o povo, vendo isto, deu louvor a Deus» (v. 43). Acontece um segundo milagre: o que ocorreu ao cego faz com que também o povo veja. A mesma luz ilumina todos unindo-nos na oração de louvor. Assim Jesus infunde a sua misericórdia sobre todos os que encontra: chama-os, faz com que venham ter com ele, reúne-os, cura-os e ilumina-os, criando um novo povo que celebra as maravilhas do seu amor misericordioso. Deixemo-nos também nós chamar por Jesus, e deixemo-nos curar por Jesus, perdoar por Jesus, e vamos atrás de Jesus louvando a Deus. Assim seja!

Saudação

Queridos peregrinos de língua portuguesa, de coração vos saúdo a todos, nomeadamente ao grupo da diocese de Limeira, desejando-vos neste Ano Jubilar a graça de experimentar a força do Evangelho da misericórdia que transforma, que faz entrar no coração de Deus, que nos torna capazes de perdoar e olhar o mundo com mais bondade. Assim Deus vos abençoe a vós e às vossas famílias.



AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 15 de junho de 2016

Misericórdia e conversão

Depois da sua Ressurreição, Jesus apareceu várias vezes aos discípulos, antes de se elevar à glória do Pai. O trecho do Evangelho que há pouco ouvimos (cf. *Lc 24, 45-48*) narra uma destas aparições, na qual o Senhor indica o conteúdo fundamental da pregação que os apóstolos deverão transmitir ao mundo. Podemos resumir-la com estas duas palavras: «conversão» e «perdão dos pecados». Trata-se de dois aspetos qualificadores da misericórdia de Deus que, com amor, cuida de nós. Hoje, tenhamos em consideração a *conversão*.

O que é a conversão? Ela está presente na Bíblia inteira, e de maneira particular na pregação dos profetas, que convidam continuamente o povo a «voltar para o Senhor», pedindo-lhe perdão e mudando o seu estilo de vida. Em conformidade com os profetas, converter-se significa mudar de rumo e voltar de novo para o Senhor, baseando-se na certeza de que Ele nos ama, e que o seu amor é sempre fiel. Voltar para o Senhor!

Jesus fez da conversão a primeira palavra da sua pregação: «Convertei-vos e crede no Evangelho» (*Mc 1, 15*). É com este anúncio que Ele se apresenta ao povo, pedindo-lhe que aceite a sua palavra como a última e definitiva que o Pai dirige à humanidade (cf. *Mc 12, 1-11*). No que se refere à pregação dos profetas, Jesus insiste ainda mais sobre a dimensão interior da conversão. Com efeito, nela está comprometida a pessoa inteira, coração e mente, para se tornar uma criatura nova, uma pessoa renovada. Quem transforma o coração renova-se.



Quando Jesus exorta à conversão não se arvora em juiz das pessoas, mas fá-lo a partir da proximidade, da partilha da condição humana e, por conseguinte, do caminho, da casa, da mesa... A misericórdia por aqueles que tinham necessidade de mudar de vida ocorria com a sua presença amável, para incluir cada um na sua história de salvação. Jesus persuadia as pessoas com a amabilidade, com o amor, e com este seu comportamento Ele tocava profundamente o coração das pessoas, e elas sentiam-se atraídas pelo amor de Deus e impelidas a mudar de vida. Por exemplo, as conversões de Mateus (cf. *Mt* 9, 9-13) e de Zaqueu (cf. *Lc* 19, 1-10) tiveram lugar precisamente deste modo, porque eles sentiam que eram amados por Jesus e, através dele, pelo Pai. A verdadeira conversão verifica-se quando acolhemos o dom da graça; e um sinal claro da sua autenticidade é quando sentimos as necessidades dos irmãos e estamos dispostos a ir ao seu encontro.

Estimados irmãos e irmãs, quantas vezes também nós sentimos a exigência de uma mudança que transforme a nossa pessoa inteira! Quantas vezes dizemos: «Devo mudar, não posso continuar assim... Ao longo deste caminho, a minha vida não dará fruto, será uma existência inútil, e eu não serei feliz!». Quantas vezes pensamos assim, quantas vezes... E Jesus, ao nosso lado, com a mão estendida diz-nos: «Vem, vem ter comigo. Sou eu que ajo: mudarei o teu coração, transformarei a tua vida, far-te-ei feliz!». Mas nós acreditamos nisto ou não? Cremos ou não? O que pensais vós: acreditais nisto ou não? Menos aplausos e mais voz: credes ou não credes nisto? [o povo: «Sim!»]. É assim! Jesus, que está ao nosso lado, convida-nos a mudar de vida. É Ele, mediante o Espírito Santo, que semeia em nós esta inquietação para mudarmos de vida e sermos um pouco melhores. Portanto, aceitemos este convite do Senhor, sem lhe opor resistências, porque somente se nos abirmos à sua misericórdia encontraremos a verdadeira vida, a autêntica alegria. Nós só lhe devemos escancarar a porta, e Ele fará tudo o resto. Ele faz tudo; quanto a nós, compete-nos abrir de par em par o coração para que Ele possa curar-nos e fazer-nos progredir. Asseguro-vos que assim seremos mais felizes. Obrigado!



Saudação

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, convidando-vos a pedir ao Senhor uma fé grande para verdes a realidade com o olhar de Deus, e uma grande caridade para vos aproximardes das pessoas com o seu Coração misericordioso. Confiai em Deus, como a Virgem Maria! Sobre vós e vossas famílias, desça a bênção do Senhor!

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 18 de junho de 2016

A misericórdia purifica o coração

«Senhor, se quiseres, podes purificar-me!» (Lc 5, 12): é o pedido que ouvimos dirigir por um leproso a Jesus. Este homem não pede somente para ser curado, mas para ser «purificado», ou seja, sarado integralmente, no corpo e no coração. Com efeito, a lepra era considerada uma forma de maldição de Deus, de profunda impureza. O leproso devia permanecer distante de todos; não podia entrar no templo, nem participar no serviço divino. Longe de Deus, afastado dos homens. Estas pessoas levavam uma vida triste!

Não obstante, aquele leproso não se resigna à enfermidade, nem sequer às disposições que faziam dele um excluído. Para alcançar Jesus, não teve medo de violar a lei e entrou na cidade — o que não podia fazer, dado que lhe era proibido — e quando o encontrou, «lançou-se com o rosto por terra, suplicando-lhe: Senhor, se quiseres, podes purificar-me!» (v. 12). Tudo o que faz e diz este homem, considerado impuro, é a expressão da sua fé! Reconhece o poder de Jesus: está convicto de que Ele tem o poder de o curar, e que tudo depende da sua vontade. Esta fé foi a força que lhe permitiu violar todas as convenções e procurar ir ao



encontro com Jesus; assim, ajoelhando-se diante dele, chama-lhe «Senhor». A súplica do leproso demonstra que quando nos apresentamos a Jesus não é necessário fazer longos discursos. São suficientes poucas palavras, contanto que sejam acompanhadas pela plena confiança no seu poder absoluto e na sua bondade. Efetivamente, confiar na vontade de Deus significa entregar-se à sua misericórdia infinita. Também eu vos contarei um segredo pessoal. À noite, antes de ir para a cama, recito esta breve oração: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me!». E rezo cinco vezes o «Pai-Nosso», um para cada chaga de Jesus, porque Jesus nos purificou com as suas chagas. Mas se eu o faço, também vós o podeis fazer, em casa, dizendo: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me!»; e, pensando nas chagas de Jesus, receitai um «Pai-Nosso» para cada uma delas. E Jesus ouve-nos sempre!

Jesus sente-se profundamente comovido por este homem. O Evangelho de Marcos realça que «Jesus se compadeceu dele, estendeu a mão, lhe tocou e lhe disse: “Eu quero, fica curado!”» (1, 41). O gesto de Jesus acompanha as suas palavras, tornando mais explícito o seu ensinamento. Contra as disposições da Lei de Moisés, que proibia a aproximação de um leproso (cf. Lv 13, 45-46), Jesus estende a mão e chega a tocá-lo. Quantas vezes nós encontramos um pobre que vem ao nosso encontro! Podemos até ser generosos, podemos ter compaixão dele, mas geralmente não o tocamos. Oferecemos-lhe uma moeda, lançamo-la, mas evitamos de tocar a sua mão. E esquecemos que se trata do corpo de Cristo! Jesus ensina-nos a não ter medo de tocar o pobre e o excluído, pois é Ele que está neles. Tocar o pobre pode purificar-nos da hipocrisia, tornando-nos inquietos diante da sua condição. Tocai os excluídos. Hoje acompanham-me aqui estes jovens. Muitos pensam que seria melhor que eles permanecessem na sua terra, mas ali sofriam muito. São os nossos refugiados, mas por tantos são considerados excluídos. Por favor, eles são nossos irmãos! O cristão não exclui ninguém, deixa um lugar para todos, permite que todos venham!



Depois de ter curado o leproso, Jesus pediu-lhe que não falasse sobre isto com ninguém, e, contudo, disse-lhe: «Vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés prescreveu, para lhes servir de testemunho» (v. 14). Esta disposição de Jesus indica pelo menos três aspetos. O primeiro: a graça que age em nós não busca o sensacionalismo. Em geral, ela move-se com discrição, sem clamores. Para curar as feridas e para nos guiar pelo caminho da santidade, ela trabalha modelando pacientemente o nosso coração segundo o Coração do Senhor, de maneira a assumir cada vez mais os seus pensamentos e sentimentos. O segundo: fazendo com que a cura ocorrida fosse averiguada oficialmente pelos sacerdotes e oferecendo um sacrifício de expiação, o leproso volta a ser admitido no seio da comunidade dos fiéis e na vida social. A sua reintegração completa é a cura. Como ele mesmo tinha suplicado, agora está completamente purificado! Enfim, apresentando-se aos sacerdotes o leproso presta-lhes testemunho acerca de Jesus e da sua autoridade messiânica. A força da compaixão com a qual Jesus curou o leproso levou a fé daquele homem a abrir-se à missão. Era um excluído e agora é um de nós.

Pensem em nós, nas nossas misérias... Cada um tem as suas. Pensem com sinceridade. Quantas vezes as encobrimos com a hipocrisia das «boas maneiras». E precisamente agora é necessário que fiquemos sozinhos, que nos ajoelhemos diante de Deus e rezemos: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me!». Fazei-o, fazei-o antes de ir dormir, todas as noites. E agora recitemos juntos esta bonita oração: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me!».

Saudações

Queridos amigos de língua portuguesa, que hoje tomais parte neste Encontro, obrigado pela vossa presença e sobretudo pelas vossas orações! A todos saúdo, especialmente aos membros da Comunidade brasileira Doce Mãe de Deus e ao grupo de Escuteiros de Leiria, encorajando-vos a apostar em ideais grandes



de serviço, que engrandecem o coração e tornam fecundos os vossos talentos. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção do Senhor!

Dou as boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, de maneira particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, a única coisa de que temos realmente necessidade na nossa vida é de sermos perdoados, libertados do mal e das suas consequências mortais. Que por intercessão de Maria o Senhor nos conceda ser testemunhas da sua misericórdia, que purifica o coração e transforma a vida. O Senhor vos abençoe!

Finalmente, dirijo uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Prezados jovens, Jesus chama-vos a ser «corações ardentes»: respondi com generosidade ao seu convite, cada qual segundo o seu próprio talento; caros enfermos, ofereci o vosso sofrimento a Cristo crucificado, cooperando assim para a redenção do mundo; e vós, diletos recém-casados, estai conscientes da missão insubstituível na qual vos compromete o sacramento do matrimónio!

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 22 de junho de 2016

Obras de misericórdia

Quantas vezes, durante estes primeiros meses do Jubileu, ouvimos falar das *obras de misericórdia!* Hoje o Senhor convida-nos a fazer um sério exame de consciência. Efetivamente, é bom nunca esquecer que a misericórdia não é uma palavra abstrata, mas um estilo de vida: uma pessoa pode ser misericordiosa ou não misericordiosa, é um estilo de vida. Prefiro viver como misericordioso ou como não misericordioso. Uma coisa é *falar* de misericórdia, e outra é *viver* a misericórdia. Parafraseando as palavras do apóstolo são Tiago (cf. 2, 14-17), poderíamos dizer: *Sem obras, a misericórdia está morta em si mesma.* É exatamente assim! O que torna viva a misericórdia é o seu dinamismo constante, para ir ao encontro das carências e necessidades de quantos vivem em dificuldades espirituais e materiais. A misericórdia tem olhos para ver, ouvidos para escutar, mãos para levantar...



A vida quotidiana permite-nos tocar com a mão tantas solicitações que dizem respeito às pessoas mais pobres e mais provadas. De nós é exigida aquela atenção particular que nos leva a *dar-nos conta* das condições de sofrimento e necessidade em que se encontram numerosos nossos irmãos e irmãs. Às vezes passamos diante de situações de pobreza dramática, e parece que elas não nos comovem; tudo continua como se nada fosse, numa indiferença que no final nos torna hipócritas e, sem nos darmos conta, acaba numa forma de letargia espiritual, que torna o espírito insensível e a vida estéril. As pessoas que passam, que vão em frente na vida sem se aperceberem das necessidades de outrem, sem verem as numerosas necessidades espirituais e materiais, são indivíduos que passam sem viver, são pessoas que não servem ao próximo. Recordai-vos bem: quem não vive para servir, não serve para viver.

Quantos são os aspetos da misericórdia de Deus para connosco! Da mesma maneira, quantas pessoas nos pedem misericórdia. Quem experimentou na própria vida a misericórdia do Pai não pode permanecer insensível diante das necessidades dos irmãos. O ensinamento de Jesus que ouvimos não nos permite vias de fuga: Eu tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, estava nu, era forasteiro, estava doente e assististes-me (cf. *Mt 25, 35-36*). Não nos podemos esquivar diante de uma pessoa que sente fome: é preciso dar-lhe de comer. É isto que Jesus nos pede! As obras de misericórdia não são temas teóricos, mas testemunhos concretos. Obrigam-nos a arregaçar as mangas para aliviar o sofrimento.

Por causa das mudanças do nosso mundo globalizado, multiplicaram-se algumas formas de pobreza material e espiritual: portanto, demos espaço à fantasia da caridade para identificar novas modalidades de ajuda. Deste modo, o caminho da misericórdia tornar-se-á cada vez mais concreto. Por conseguinte, exige-se que permaneçamos vigilantes como sentinelas, a fim de que não aconteça que, perante



as formas de pobreza produzidas pela cultura do bem-estar, o olhar dos cristãos se debilita a ponto de se tornar incapaz de visar o essencial. Visar o essencial! Que significa? Olhar para Jesus, fitar Jesus no faminto, no encarcerado, no enfermo, na pessoa nua, em quantos não têm um trabalho e devem e são responsáveis por uma família. Fitar Jesus nestes nossos irmãos e irmãs; ver Jesus em quantos estão sozinhos, tristes, em quem erra e tem necessidade de conselhos, naquele que precisa de percorrer o caminho com Ele, em silêncio, para se sentir em companhia. São estas as obras que Jesus nos pede! Ver Jesus neles, nestas pessoas. Porquê? Porque é assim que Jesus me vê, é assim que Ele vê todos nós!

Agora, passemos para outro assunto.

Nos dias passados, o Senhor concedeu-me visitar a Arménia, a primeira nação que abraçou o cristianismo, no início do século IV. Um povo que, durante a sua longa história, testemunhou a fé cristã mediante o martírio. Dou graças a Deus por esta viagem e estou profundamente grato ao Presidente da República Arménia, ao Catholicos Karekin II, ao Patriarca e aos Bispos católicos, bem como a todo o povo arménio, por me terem recebido como peregrino de fraternidade e de paz.

Daqui a três meses, se Deus quiser, realizarei mais uma viagem, irei à Geórgia e ao Azerbaijão, outros dois países da região caucásica. Aceitei o convite para visitar aqueles países, por dois motivos: por um lado, para valorizar as antigas raízes cristãs presentes naquelas terras — sempre em espírito de diálogo com as demais religiões e culturas — e, por outro, para encorajar esperanças e caminhos de paz. A história ensina-nos que a vereda da paz exige uma grande tenacidade e passos contínuos, a começar pelos pequenos, levando-os a aumentar gradualmente, indo uns ao encontro dos outros. Precisamente por esta razão, formulo votos a fim de que todos e cada um ofereçam a própria contribuição para a paz e a reconciliação.

Como cristãos, somos chamados a fortalecer a comunhão fraterna entre nós, para dar testemunho do Evangelho de Cristo e para ser fermento de uma sociedade



mais justa e solidária. Por isso, a visita inteira foi compartilhada com o Supremo Patriarca da Igreja Apostólica da Arménia, que fraternalmente me hospedou durante três dias na sua casa.

Renovo o meu abraço aos Bispos, aos sacerdotes, às religiosas, aos religiosos e a todos os fiéis na Arménia. A Virgem Maria, nossa Mãe, os ajude a permanecer firmes na fé, abertos ao encontro e generosos nas obras de misericórdia. Obrigado!

Saudações

Queridos amigos de língua portuguesa, que hoje tomais parte nesta Audiência: sede bem-vindos! A todos saúdo, especialmente aos professores e alunos de Guimarães e de Viseu, encorajando-vos a nunca vos cansardes de servir as pessoas necessitadas, como verdadeiras testemunhas da Misericórdia no mundo. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção do Senhor!

Por fim, dirijo a minha saudação aos jovens, aos enfermos e aos recém-casados. Hoje celebramos a memória dos primeiros mártires da Igreja de Roma e rezamos por quantos ainda no presente pagam o caro preço da sua pertença à Igreja de Cristo. Amados jovens, a fé tenha espaço e dê sentido à vossa vida; estimados doentes, ofereci o vosso sofrimento para que quantos vivem afastados encontrem o amor de Cristo; diletos recém-casados, sede educadores de vida e modelos de fé para os vossos filhos.

AUDIÊNCIA JUBILAR

Quinta-feira, 30 de junho de 2016

A consolação para uma mãe

O trecho do Evangelho de Lucas que acabámos de ouvir (7, 11-17) apresenta-nos um milagre de Jesus deveras grandioso: a ressurreição de um jovem. No entanto, o núcleo desta narração não é o milagre, mas a ternura de Jesus para com a mãe deste jovem. Aqui a misericórdia assume o nome de grande compaixão por



uma mulher que tinha perdido o marido e que agora leva ao cemitério o seu único filho. Esta grande dor da mãe comove Jesus e provoca o milagre da ressurreição.

Ao introduzir este episódio, o Evangelista hesita sobre muitos pormenores. Na porta da cidade de Naim — uma aldeia — encontram-se dois grupos numerosos que provêm de direções opostas e que nada têm em comum. Jesus, seguido pelos discípulos e por uma multidão prepara-se para entrar no povoado, enquanto sai o triste cortejo que acompanha o defunto, com a mãe viúva e muitas pessoas. Junto da porta os dois grupos cruzam-se cada um indo pela própria estrada, mas é então que são Lucas comenta o sentimento de Jesus: «Vendo-a, o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: Não chores! E aproximando-se, tocou no esquife, e os que o levavam pararam» (vv. 13-14). Grande compaixão guia as ações de Jesus: é Ele que para o cortejo ao tocar o esquife e, movido por profunda misericórdia por esta mãe, decide enfrentar a morte, por assim dizer, cara a cara. E enfrentá-la-á definitivamente, face a face, na Cruz.

Durante este Jubileu, seria bom que, ao atravessar a Porta Santa, a Porta da Misericórdia, os peregrinos se recordassem deste episódio do Evangelho, ocorrido na porta de Naim. Quando Jesus vê esta mãe em lágrimas, ela entrou no seu coração! Cada um chega à Porta Santa trazendo a própria vida, com as suas alegrias e sofrimentos, os projetos e as falências, as dúvidas e os temores, para a apresentar à misericórdia do Senhor. Estamos certos de que, junto da Porta Santa, o Senhor se faz próximo para encontrar cada um de nós, para trazer e oferecer a sua poderosa palavra consoladora: «Não chores!» (v. 13). Esta é a Porta do encontro entre a dor da humanidade e a compaixão de Deus. Atravessando o limiar realizamos a nossa peregrinação dentro da misericórdia de Deus que, como ao jovem morto, repete a todos: «Ordeno-te, levanta-te!» (v. 14). A cada um de nós diz: «Levanta-te». Deus quer-nos em pé. Criou-nos para estar em pé: por isso, a compaixão de Jesus leva àquele gesto da cura, a sarar-nos, do qual a palavra-chave é: «Levanta-te! Põe-te em



pé, como Deus te criou!». Em pé. «Mas, padre, caímos tantas vezes» — «Em frente, levanta-te!». Esta é a palavra de Jesus, sempre. Ao atravessar a Porta Santa, procuremos ouvir no nosso coração esta palavra: «Levanta-te!». A palavra poderosa de Jesus pode fazer com que nos levantemos e provocar também em nós a passagem da morte para a vida. A sua palavra faz-nos reviver, doa esperança, encoraja os corações cansados, abre para uma visão de mundo e de vida que vai além do sofrimento e da morte. Na Porta Santa está gravado para cada um o inesgotável tesouro da misericórdia de Deus!

Ao ouvir a palavra de Jesus, «sentou-se o que estivera morto e começou a falar, e Jesus entregou-o à sua mãe» (v. 15). Esta frase é muito bonita: indica a ternura de Jesus: «Entregou-o à sua mãe». A mãe reencontra o filho. Recebendo-o das mãos de Jesus ela torna-se mãe pela segunda vez, mas o filho que agora lhe foi restituído não recebeu a vida dela. Mãe e filho recebem assim a respetiva identidade graças à palavra poderosa de Jesus e ao seu gesto amoroso. Deste modo, especialmente no Jubileu, a mãe Igreja recebe os seus filhos reconhecendo neles a vida doada pela graça de Deus. É em virtude desta graça, a graça do Batismo, que a Igreja se torna mãe e que cada um de nós se tornar seu filho.

Diante do jovem ressuscitado e restituído à mãe, «apoderou-se de todos o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: um grande profeta surgiu entre nós: Deus dirigiu o olhar para o seu povo». Por conseguinte, quanto Jesus fez não é uma ação de salvação destinada à viúva e ao seu filho, nem um gesto de bondade limitado àquela cidadezinha. No socorro misericordioso de Jesus, Deus vai ao encontro do seu povo, n'Ele aparece e continuará a aparecer à humanidade toda a graça de Deus. Celebrando este Jubileu, que desejei que fosse vivido em todas as Igrejas particulares, isto é, em todas as Igrejas do mundo, e não só em Roma, é como se toda a Igreja espalhada pelo mundo se unisse no único canto de louvor ao Senhor. Também hoje a Igreja reconhece que recebe a visita de Deus. Por isso,



encaminhando-se rumo à Porta da Misericórdia, cada um sabe que se encaminha para a porta do coração misericordioso de Jesus: de facto é Ele a verdadeira Porta que leva à salvação e nos restitui a uma vida nova. A misericórdia, quer em Jesus quer em nós, é um caminho que começa do coração para chegar às mãos. O que isto significa? Jesus olha para ti, cura-te com a sua misericórdia, dizendo-te: «Levanta-te!» e o teu coração renova-se. O que significa realizar um caminho a partir do coração até às mãos? Quer dizer que com o coração novo, sarado por Jesus, posso realizar as obras de misericórdia através das mãos, procurando ajudar, curar muitos necessitados. A misericórdia é um caminho que tem início no coração e chega às mãos, isto é, às obras de misericórdia.

Disse que a misericórdia é um caminho que vai do coração às mãos. No coração recebemos a misericórdia de Jesus que nos doa o perdão de tudo, porque Deus perdoa tudo e levanta-nos, dá-nos a vida nova e contagia-nos com a sua compaixão. Do coração perdoado e com a compaixão de Jesus, começa o caminho rumo às mãos, isto é, para as obras de misericórdia. Dizia-me um bispo outro dia que na sua catedral e noutras igrejas fez portas de misericórdia de entrada e de saída. Perguntei o porquê e a resposta foi: «Porque uma porta é para entrar, pedir perdão e obter a misericórdia de Jesus; a outra é a porta da misericórdia em saída, para levar a misericórdia aos outros, com as nossas obras de misericórdia». Como é inteligente este bispo! Também nós façamos o mesmo com o caminho que vai do coração às mãos: entremos na igreja pela porta da misericórdia, a fim de receber o perdão de Jesus, que nos diz «Levanta-te! Vai, vai!»; e com este «vai!» — em pé — saíamos pela porta de saída. É a Igreja em saída: o caminho da misericórdia que vai do coração às mãos. Percorrei este caminho!

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular aos fiéis de Portugal e do Brasil. Queridos amigos, a experiência da compaixão misericordiosa de Deus nos deve impelir a levar os



outros ao encontro com Jesus que espera a cada homem e mulher nas Portas da Misericórdia espalhadas por todas as Igrejas particulares do mundo. Que Deus vos abençoe!

Dirijo uma cordial saudação de boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em particular aos que provêm do Médio Oriente! Queridos irmãos e irmãs, a Porta Santa é a Porta do encontro entre a dor da humanidade e a compaixão de Deus; ao atravessar o limiar realizamos a nossa peregrinação dentro da misericórdia de Deus que a todos repete: «Ordeno-te, levanta-te!». O Senhor vos abençoe!

Por fim, dirijo uma saudação aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Na segunda-feira passada recordamos a figura de são Domingos de Gusmão, cuja Ordem dos Pregadores celebra o oitavo centenário de fundação. A palavra iluminada deste grande santo vos estimule, queridos jovens, a ouvir e a viver os ensinamentos de Jesus; a sua fortaleza interior vos apoie, estimados doentes, nos momentos de dificuldade; e a sua dedicação apostólica, recorde, caros jovens casais, a importância da educação cristã na vossa família.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 10 de agosto de 2016

A misericórdia: instrumento de comunhão

Hoje queremos meditar sobre o milagre da multiplicação dos pães. No início da narração feita por Mateus (cf. 14, 13-21), Jesus acaba de receber a notícia da morte de João Batista, e de barca atravessa o lago, «para se retirar num lugar deserto» (v. 13). No entanto as pessoas compreendem e precedem-no a pé, de tal modo que, «quando desembarcou, vendo [Jesus] uma grande multidão, encheu-se de compaixão por ela e curou os seus doentes» (v. 14). Jesus era assim: tinha sempre compaixão, pensava sempre nos outros. Impressiona a determinação do povo, que tem medo de ser deixado sozinho, como que abandonado. Depois da morte de João Batista, profeta carismático, confia-se a Jesus, de quem o próprio João tinha dito: «Aquele que virá depois de mim é mais poderoso do que Eu» (Mt 3, 11). Assim a multidão segue-o por toda a parte para o ouvir e para lhe levar os



enfermos. E ao ver isto, Jesus comove-se. Jesus não é insensível, não tem um coração arrefecido. Jesus é capaz de se comover. Por um lado, Ele sente-se ligado àquela multidão e não quer que ela vá embora; por outro, tem necessidade de momentos de solidão e de oração, com o Pai. Muitas vezes passa a noite em oração com o seu Pai.

Por conseguinte, também naquele dia o Mestre dedicou-se à multidão. A sua compaixão não é um sentimento indefinido; ao contrário, mostra toda a força da sua vontade de estar próximo de nós e de nos salvar. Jesus ama-nos em grande medida e quer permanecer perto de nós.

Ao cair da noite, Jesus preocupa-se em dar de comer a todas aquelas pessoas, cansadas e famintas, e cuida de quantos o seguem. E quer que os seus discípulos se tornem partícipes disto. Com efeito, diz-lhes: *«Dai-lhes vós mesmos de comer»* (v. 16). E demonstrou-lhes que os poucos pães e peixes que tinham, com a força da fé e da oração, podiam ser compartilhados com toda aquela multidão. Jesus realiza um milagre, o milagre da fé e da oração, suscitado pela compaixão e pelo amor. Assim, Jesus *«partiu os pães e deu-os aos seus discípulos, que os distribuíram ao povo»* (v. 19). O Senhor vai ao encontro das necessidades dos homens, mas deseja tornar cada um de nós concretamente partícipe da sua compaixão.

Agora, meditemos sobre o gesto de bênção de Jesus: Ele *«tomou os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu, abençoou-os. Em seguida, partiu os pães e deu-os...»* (v. 19). Como se vê, trata-se dos mesmos sinais que Jesus fez durante a última Ceia; e são também os mesmos gestos que cada sacerdote cumpre quando celebra a Sagrada Eucaristia. A comunidade cristã nasce e renasce continuamente desta comunhão eucarística. Por isso, viver a comunhão com Cristo é totalmente oposto ao permanecer passivo e alheio à vida de todos os dias mas, ao contrário, insere-nos cada vez mais no relacionamento com os homens e as



mulheres do nosso tempo, para lhes oferecer o sinal concreto da misericórdia e da atenção de Cristo. Enquanto nos alimenta de Cristo, a Eucaristia que celebramos também nos transforma gradualmente em corpo de Cristo e alimento espiritual para os irmãos. Jesus quer alcançar cada um, para levar a todos o amor de Deus. Por isso, faz de cada crente um servidor da misericórdia. Jesus viu a multidão, encheu-se de compaixão por ela e multiplicou os pães; e assim faz a mesma coisa com a Eucaristia. Quanto a nós, crentes, que recebemos este pão eucarístico somos levados por Jesus a oferecer este serviço ao próximo, com a sua própria compaixão. Este é o percurso.

A narração da multiplicação dos pães e dos peixes conclui-se com a constatação de que todos ficaram saciados e com a recolha dos pedaços que sobejaram (cf. v. 20). Quando Jesus, com a sua compaixão e o seu amor nos concede uma graça, perdoa os pecados, abraça-nos e ama-nos, não faz as coisas pela metade, mas completamente. Como aconteceu aqui: todos ficaram saciados. Jesus enche o nosso coração e a nossa vida com o seu amor, o seu perdão, a sua compaixão. Portanto, Jesus permitiu que os seus discípulos cumprissem a sua ordem. Deste modo, eles descobrem o caminho que devem percorrer: dar de comer ao povo e mantê-lo unido; ou seja, permanecer *ao serviço da vida e da comunhão*. Portanto invoquemos o Senhor, para que torne a sua Igreja sempre capaz deste serviço santo e para que cada um de nós possa ser instrumento de comunhão na própria família, no trabalho, na paróquia e nos grupos de pertença, um sinal visível da misericórdia de Deus que não quer deixar ninguém na solidão e na necessidade, a fim de que desçam a comunhão e a paz entre os homens, e a comunhão dos homens com Deus, porque esta comunhão é vida para todos.

Saudação

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, de modo particular aos fiéis de Portugal e do Brasil. Estimados amigos, Jesus faz-se próximo das multidões e vem ao encontro das



necessidades dos homens com a Eucaristia, tornando-nos assim partícipes da sua compaixão. Fortalecidos pelo Pão eucarístico, sejamos um sinal visível da misericórdia de Deus. Que Ele vos abençoe!

Cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, em especial aos provenientes do Médio Oriente! Caros irmãos e irmãs, como discípulos de Cristo somos chamados a pôr-nos ao serviço da vida e da comunhão; portanto, peçamos ao Senhor que nos transforme em instrumentos de comunhão e em sinais da sua misericórdia. O Senhor vos abençoe!

Enfim, dirijo-me aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. A solenidade da Assunção, que pudemos celebrar há poucos dias, convidou-nos a viver comprometidos no caminho deste mundo, constantemente voltados para os bens eternos. Amados jovens, na construção do vosso porvir ponde sempre em primeiro lugar o chamamento de Cristo. Vós, diletos enfermos, encontrai no sofrimento o conforto da presença maternal de Maria, sinal de esperança. E a vós, prezados recém-casados, desejo que o vosso amor seja um espelho do amor infinito e eterno de Deus.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 17 de agosto de 2016

A misericórdia oferece dignidade

Tinha preparado a catequese de hoje, como em todas as quartas-feiras deste Ano da Misericórdia, sobre o tema da proximidade de Jesus, mas diante da notícia do terremoto que atingiu o centro da Itália, devastando zonas inteiras e deixando mortos e feridos, não posso deixar de manifestar a minha grande dor e a minha proximidade a todas as pessoas presentes nos lugares atingidos pelo sismo, a todas as pessoas que perderam os seus caros e aquelas que ainda se sentem abaladas pelo medo e pelo terror. Ouvir o Prefeito de Amatrice dizer: «A cidade não existe mais», e saber que entre os mortos há também crianças, realmente comove-me muito.



Por isso, quero garantir a todas essas pessoas nos entornos de Accumoli, Amatrice e outras localidades, na Diocese de Rieti e de Ascoli Piceno e em todo o Lácio, na Umbra e nas Marcas, da minha oração e dizer-lhes que estejam certos da carícia e do abraço de toda a Igreja, que neste momento deseja abraçar-vos com o seu amor materno e também do nosso abraço aqui na Praça.

Ao agradecer a todos os voluntários e aos agentes da proteção civil que estão socorrendo estas populações, peço-vos que vos unais comigo na oração para que o Senhor Jesus, que sempre se comoveu diante da dor humana, console estes corações aflitos e lhes conceda a paz pela intercessão da Beata Virgem Maria.

Deixemo-nos comover com Jesus!

Assim deixemos para a próxima semana a catequese desta quarta-feira. E convido-vos a recitar comigo uma parte do Santo Rosário: os *Mistérios dolorosos*.

Saudações

Dirijo uma saudação especial aos membros do Comité Paralímpico Internacional e aos atletas que se preparam para participar nos próximos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro. Além disso, saúdo os participantes na Assembleia geral promovida pela Conferência Mundial dos Institutos Seculares. Com fervorosos bons votos de que o atual Jubileu da Misericórdia seja para vós e para as vossas famílias um tempo de graça e de renovação espiritual, invoco sobre vós a alegria e a paz do Senhor Jesus!

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa, do Brasil e de Portugal. Queridos amigos, Jesus vos chama a levar aos outros a alegria do Evangelho, que nos ensina que homens e mulheres participam da mesma dignidade, porque somos todos uma só coisa em Cristo Jesus! Que Deus vos abençoe a todos!

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua árabe, de maneira particular aos provenientes do Egito, do Iraque e do Médio Oriente. Que o Senhor abençoe todos vós e vos proteja do maligno!

Apelo pela Ucrânia

Durante estas últimas semanas, os Observadores internacionais manifestaram preocupação pela recrudescência da situação na Ucrânia Oriental. Hoje, enquanto aquela querida Nação celebra a sua festa nacional, que este ano coincide com o vigésimo quinto aniversário da independência, garanto a minha oração



pela paz e renovo o meu apelo a todas as partes comprometidas e às instâncias internacionais, a fim de revigorar as iniciativas para resolver o conflito, para libertar os reféns e para responder à emergência humanitária.

Finalmente, dirijo o meu pensamento aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebra-se a festa do Apóstolo São Bartolomeu. Diletos jovens, aprendei dele que a verdadeira força é a humildade; amados enfermos, não vos canseis de pedir a ajuda do Senhor mediante a oração; e vós, estimados recém-casados, competi na estima e na ajuda mútuas.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 24 de agosto de 2016

É a misericórdia que salva

O Evangelho que ouvimos apresenta-nos uma figura que sobressai pela sua fé e coragem. Trata-se da mulher que Jesus curou da sua perda de sangue (cf. *Mt 9, 20-22*). Passando pelo meio da multidão, aproxima-se de Jesus pelas costas para tocar a orla do seu manto. «Dizia consigo mesma: se eu tocar a sua túnica, serei curada» (v. 21). Quanta fé! Como era grande a fé desta mulher! Ela raciocina assim porque se sente animada por tanta fé e tanta esperança e, com um pouco de astúcia, realiza o que tem no seu coração. O desejo de ser salva por Jesus é tão grande que a impele além das prescrições estabelecidas pela lei de Moisés. Com efeito, desde há muitos anos esta pobre mulher não só está doente, mas é também considerada impura, porque sofre de hemorragias (cf. *Lv 15, 19-30*). Por isso, é excluída das liturgias, da vida conjugal, dos relacionamentos normais com o próximo. O evangelista Marcos acrescenta que ela já tinha consultado muitos médicos, esgotando os seus meios para os pagar e suportando curas dolorosas, mas só tinha piorado. Era uma mulher descartada da sociedade. É importante considerar



esta condição — de descarte — para compreender o seu estado de espírito: ela sente que Jesus pode libertá-la da enfermidade e da condição de marginalização e de indignidade em que se encontra há anos. Em síntese: sabe, sente que Jesus pode *salvá-la*.

Este caso faz refletir sobre o modo como esta mulher é muitas vezes vista e representada. Todos estamos alertados, inclusive as comunidades cristãs, contra visões da feminilidade deturpadas por preconceitos e suspeitas lesivas da sua dignidade intangível. Neste sentido, são precisamente os Evangelhos que restabelecem a verdade e reconduzem a um ponto de vista liberatório. Jesus admirou a fé desta mulher que todos evitavam, transformando a sua esperança em salvação. Não sabemos qual é o seu nome, mas as poucas linhas com que os Evangelhos descrevem o seu encontro com Jesus delineiam um itinerário de fé capaz de restabelecer a verdade e a grandeza da dignidade de cada pessoa. No encontro com Cristo abre-se para todos, homens e mulheres de qualquer lugar e tempo, o caminho da libertação e da salvação.

O Evangelho de Mateus diz que quando a mulher tocou o manto de Jesus, Ele «virou-se», «viu-a» (v. 22) e depois dirigiu-lhe a palavra. Como dizíamos, devido à sua condição de exclusão, a mulher agiu às escondidas, por detrás de Jesus, com um pouco de medo, para não ser vista porque era uma descartada. Mas Jesus vê-a e o seu olhar não é de reprovação, Ele não diz: «Vai embora, és uma descartada!», como se dissesse: «Tu és uma leprosa, vai embora!». Não, não a repreende, mas o olhar de Jesus é cheio de misericórdia e ternura. Ele sabe o que aconteceu e procura o encontro pessoal com ela, aquilo que no fundo a própria mulher desejava. Isto significa que Jesus não apenas a recebe, mas também a considera digna de tal encontro, a ponto de lhe conceder a sua palavra e a sua atenção.

Na parte central da narração, o termo *salvação* é repetido *três vezes*. «Se eu tocar a sua túnica, serei *curada*. Jesus virou-se, viu-a e disse: “Ânimo, minha filha, a



tua fé te *salvou!*”. E a partir daquele instante, a mulher foi *salva*» (vv. 21-22). A expressão «Ânimo, minha filha» manifesta toda a misericórdia de Deus por aquela pessoa e por cada pessoa descartada. Quantas vezes nos sentimos interiormente descartados por causa dos nossos pecados, pois cometemos muitos, tantos... E o Senhor diz-nos: «Coragem, vem! Para mim tu não és um descartado, uma descartada. Ânimo, minha filha! Tu és um filho, uma filha!». E este é o momento da graça, o instante do perdão, o tempo da inclusão na existência de Jesus, na vida da Igreja. É o momento da misericórdia. Hoje a todos nós, pecadores, que somos grandes ou pequenos pecadores, mas todos o somos, a todos o Senhor diz: «Coragem, vem! Já não és um descartado, já não és uma descartada: eu perdoo-te, abraço-te!». Esta é a misericórdia de Deus. Devemos ter a coragem de ir ao seu encontro, pedir perdão pelos nossos pecados e seguir em frente, com coragem, a exemplo desta mulher. Depois, a «salvação» adquire múltiplas conotações: antes de tudo, restitui a saúde à mulher; em seguida, liberta-a das discriminações sociais e religiosas; além disso, realiza a esperança que ela trazia no coração, anulando os seus temores e o seu desânimo; finalmente, restitui-a à comunidade, livrando-a da necessidade de agir às escondidas. E este último elemento é importante: uma pessoa descartada age sempre às escondidas, de vez em quando ou durante a vida inteira: pensemos nos leprosos daquela época, nos desabrigados de hoje... pensemos nos pecadores, em nós, pecadores: fazemos sempre algo às escondidas, temos necessidade de fazer alguma coisa secretamente, porque nos envergonhamos daquilo que somos... Ele livra-nos disto, Jesus liberta-nos, põe-nos de pé: «Levanta-te, vem, permanece em pé!». Do mesmo modo como Deus nos criou: Deus criou-nos de pé, não humilhados. De pé. A salvação que Jesus oferece é total, reintegra a vida da mulher na esfera do amor de Deus e, ao mesmo tempo, restabelece-a na sua plena dignidade.

Em síntese, não é o manto tocado pela mulher que lhe confere a salvação, mas a *palavra de Jesus recebida na fé*, capaz de a consolar, curar e restabelecer na



relação com Deus e com o seu povo. Jesus é a única nascente de bênçãos da qual brota a salvação para todos os homens, e a fé constitui a disposição fundamental para a acolher. Com o seu comportamento cheio de misericórdia, Jesus indica mais uma vez à Igreja a senda a percorrer para ir ao encontro de cada pessoa, para que cada um possa ser curado no corpo e no espírito, recuperando a dignidade de filho de Deus. Obrigado!

Saudações

Saúdo a todos os peregrinos de língua portuguesa, em particular aos sacerdotes do Pontifício Colégio Pio Brasileiro em Roma, aos tripulantes da Marinha do Brasil e aos fiéis de Vitória. Queridos amigos, Jesus vos chama a levar a alegria e a consolação do Evangelho a todos os homens e mulheres, como suas autênticas testemunhas! Que Deus vos abençoe a todos!

Dirijo uma saudação particular aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. O martírio heróico de São João Batista — que recordamos segunda-feira — vos inspire, caros jovens, a projetar o vosso porvir sem comprometer com o Evangelho; vos ajude, amados doentes, a ser intrépidos, encontrando a tranquilidade e o alívio em Cristo crucificado; e vos leve, diletos recém-casados, a um profundo amor a Deus e entre vós, para experimentar cada dia a alegria consoladora que brota do dom recíproco de si.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 31 de agosto de 2016

Mistério de Jesus

Ouvimos um trecho do Evangelho de Mateus (11, 2-6). A intenção do evangelista consiste em fazer-nos entrar mais profundamente no mistério de Jesus, para compreender a sua bondade e a sua misericórdia. O episódio é o seguinte: João Batista manda os seus discípulos ao encontro de Jesus — João estava na prisão — para lhe dirigir uma pergunta muito clara: «És Tu aquele que deve vir, ou



devemos esperar por outro?» (v. 3). Era precisamente o momento da escuridão... João Batista esperava ansiosamente o Messias e, na sua pregação, já o descrevera com expressões fortes, como um juiz que finalmente teria instaurado o reino de Deus e purificado o seu povo, recompensando os bons e castigando os maus. E pregava assim: «O machado já está posto à raiz das árvores: toda a árvore que não produzir bons frutos será cortada e lançada ao fogo» (Mt 3, 10). Agora Jesus dá início à sua missão pública com um estilo diferente; João sofre porque se encontra numa dupla obscuridade: na escuridão do cárcere e de uma cela, e naquela do coração. Não entende o estilo de Jesus e quer saber se é precisamente Ele o Messias, ou então se deve esperar por outro.

E à primeira vista a resposta de Jesus não parece corresponder à interrogação de João Batista. Com efeito, Jesus diz: «Ide e contai a João o que ouvistes e o que vistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, o Evangelho é anunciado aos pobres... Bem-aventurado aquele para quem eu não for ocasião de escândalo!» (vv. 4-6). Aqui a intenção do Senhor Jesus torna-se clara: Ele responde que é o instrumento concreto da misericórdia do Pai, que vai ao encontro de todos, levando a consolação e a salvação, e deste modo manifesta o juízo de Deus. Os cegos, os coxos, os leprosos e os surdos recuperam a sua dignidade e já não vivem excluídos por causa da sua enfermidade, os mortos voltam a viver, enquanto aos pobres é anunciada a Boa Notícia. E esta torna-se a síntese do agir de Jesus, que desta forma torna visível e tangível a ação do próprio Deus.

A mensagem que a Igreja recebe desta narração da vida de Cristo é muito clara. Deus não mandou o seu Filho ao mundo para punir os pecadores, nem para aniquilar os malvados. Pelo contrário, é-lhes dirigido o convite à conversão, a fim de que, vendo os sinais da bondade divina, possam encontrar o caminho de volta. Como diz o Salmo: «Se tiverdes em conta os nossos pecados, Senhor / Senhor,



quem poderá subsistir diante de vós? / Mas é em Vós que se encontra o perdão... / e é assim que vos temeremos» (130, 3-4).

A justiça que João Batista punha no centro da sua pregação, em Jesus manifesta-se em primeiro lugar como misericórdia. E as dúvidas do Precursor simplesmente antecipam a perplexidade que Jesus suscitará em seguida com os seus gestos e com as suas palavras. Então compreende-se a conclusão da resposta de Jesus. Ele diz: «Bem-aventurado aquele para quem eu não for ocasião de escândalo!» (v. 6). Escândalo significa «obstáculo». Por isso, Jesus chama a atenção para um perigo particular: se os obstáculos à crença são sobretudo as suas ações de misericórdia, isto significa que temos uma imagem falsa do Messias. Ao contrário, bem-aventurados aqueles que, diante dos gestos e das palavras de Jesus, dão glória ao Pai que está no Céu.

A admoestação de Jesus é sempre atual: ainda hoje o homem constrói imagens de Deus que lhe impedem de sentir a sua presença real. Alguns modelam uma fé «particular» que reduz Deus ao espaço limitado dos próprios desejos e das próprias convicções. Mas esta fé não é conversão ao Senhor que se revela; ao contrário, impede-lhe de estimular a nossa vida e a nossa consciência. Outros reduzem Deus a um ídolo falso; usam o seu nome santo para justificar os seus interesses ou até o ódio e a violência. Para outros ainda, Deus é somente um refúgio psicológico no qual se sentir seguro nos momentos difíceis: trata-se de uma fé fechada em si mesma, impermeável à força do amor misericordioso de Jesus que impele rumo aos irmãos. E outros ainda consideram Cristo apenas um bom mestre de ensinamentos éticos, um dos tantos da história. Há finalmente aqueles que sufocam a fé numa relação puramente intimista com Jesus, anulando o seu impulso missionário, capaz de transformar o mundo e a história. Nós cristãos acreditamos no Deus de Jesus Cristo, e o nosso desejo consiste em crescer na experiência viva do seu mistério de amor.



Por conseguinte, comprometamo-nos a não opor obstáculo algum à ação misericordiosa do Pai, mas peçamos o dom de uma fé grande para nos tornarmos, também nós, sinais e instrumentos de misericórdia.

Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos vindos de Portugal, de Moçambique e do Brasil, particularmente os grupos de Faro, Funchal, Maputo e Aparecida, acompanhados pelos seus respetivos Bispos. Queridos amigos, faço votos de que esta romaria possa reavivar em vós a fé no Deus de Jesus Cristo, que nos ensina que a misericórdia é mais forte que qualquer pecado! Que Deus abençoe a cada um de vós!

Uma cordial saudação aos peregrinos de língua árabe, de modo particular aos provenientes da Síria, do Líbano e do Médio Oriente. Deus não enviou o seu Filho para condenar o mundo, nem para punir os malvados, mas para convidar todos à conversão e à salvação. A justiça, que representava o cerne da pregação de João Batista, revelou-se nas obras e nas palavras de Jesus, antes de tudo como misericórdia. Portanto, «bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5, 7). O Senhor abençoe todos e vos proteja do maligno!

Uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. No domingo passado pudemos celebrar a canonização de madre Teresa de Calcutá. Prezados jovens, tornai-vos como ela, artífices de misericórdia; amados doentes, senti a sua proximidade compassiva, de modo particular na hora da cruz; e vós, caros recém-casados sede generosos: invocai-a para que nas famílias nunca falte esmero e atenção aos mais frágeis.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 7 de setembro de 2016

Misericórdia e redenção

O trecho que ouvimos fala-nos da misericórdia de Deus que se realiza na Redenção, ou seja, na salvação que nos foi oferecida mediante o sangue do seu Filho Jesus (cf. 1 Pd 1, 18-21). A palavra «redenção» é pouco utilizada e, no entanto,



é fundamental, porque indica a libertação mais radical que Deus podia ter alcançado para nós, para a humanidade inteira e para toda a criação. Parece que o homem de hoje já não gosta de ser libertado e salvo por uma intervenção de Deus; com efeito, o homem contemporâneo ilude-se com a própria liberdade, como força para obter tudo. E chega a vangloriar-se disto, mas na realidade não é assim! Quantas ilusões são vendidas sob o pretexto da liberdade, e quantas novas formas de escravidão são criadas nos nossos dias em nome de uma falsa liberdade! Existem tantos escravos: «Faço isto porque o quero, uso drogas porque gosto, sou livre, faço isto e aquilo». Trata-se de escravos! Tornam-se escravos em nome da liberdade. Todos nós vimos pessoas deste tipo que, no final, ficam arrasadas. Temos necessidade de Deus para que nos liberte de todas as formas de indiferença, egoísmo e autossuficiência.

As palavras do apóstolo Pedro exprimem muito bem o sentido da nova condição de vida à qual somos chamados. Fazendo-se um de nós, o Senhor Jesus não assume apenas a nossa condição humana, mas também nos eleva à possibilidade de ser filhos de Deus. Mediante a sua morte e ressurreição Jesus Cristo, Cordeiro sem mancha, venceu a morte e o pecado para nos libertar do seu domínio. Ele é o Cordeiro que foi sacrificado por nós, a fim de que nós pudéssemos receber uma vida nova, feita de perdão, amor e alegria. São bonitas estas três palavras: perdão, amor e alegria. Tudo aquilo que Ele assumiu foi também redimido, libertado e salvo. Sem dúvida, é verdade que a vida nos põe à prova e às vezes por este motivo nós sofremos. No entanto, nestes momentos somos convidados a fixar o nosso olhar em Jesus Crucificado, que sofre por nós e connosco, como prova certa de que Deus não nos abandona. Contudo, nunca podemos esquecer que nas angústias e nas perseguições, assim como nas dores quotidianas, somos sempre libertados da mão misericordiosa de Deus que nos eleva a Si, conduzindo-nos a uma vida nova.



O amor de Deus é ilimitado: podemos descobrir sinais sempre novos que indicam a sua atenção por nós e sobretudo a sua vontade de nos alcançar e de nos preceder. Não obstante seja marcada pela fragilidade do pecado, a nossa vida inteira encontra-se sob o olhar de Deus que nos ama. Quantas páginas da Sagrada Escritura nos falam da presença, da proximidade e da ternura de Deus por cada homem, de forma particular pelos mais pequeninos, pobres e atribulados! Deus tem uma grande ternura, um amor profundo pelos mais pequeninos, pelos mais frágeis, pelos descartados da sociedade. Quanto mais carências temos, tanto mais o seu olhar sobre nós se enche de misericórdia. Ele sente uma compaixão piedosa por nós, porque conhece as nossas fraquezas. Conhece os nossos pecados e perdoa-nos; perdoa-nos sempre! Ele é deveras bom, o nosso Pai é muito bom!

Por isso, estimados irmãos e irmãs, abramo-nos a Ele e acolhamos a sua graça porque, como reza o Salmo, «a misericórdia se encontra no Senhor / nele é copiosa a redenção» (130 [129], 7).

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, especialmente aos fiéis de Uberaba, desejando-vos que nada e ninguém possa impedir-vos de viver e crescer na amizade de Deus; mas deixai que o seu amor sempre vos regenere como filhos e vos reconcilie com Ele e com os irmãos. Desça, sobre vós e vossas famílias, a abundância das suas bênçãos!

Dirijo cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, de maneira particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, nunca devemos esquecer que Deus sente uma compaixão misericordiosa por todos nós, porque conhece as nossas debilidades. Por conseguinte, abramo-nos a Ele e acolhamos a sua graça. Que o Senhor vos abençoe!

O meu pensamento dirige-se antes de tudo ao Serviço Nacional de Proteção Civil, que hoje devia estar aqui presente, e que anulou a sua participação para dar continuidade à sua inestimável obra de socorro e de assistência às populações atingidas pelo sismo ocorrido no passado dia 24 de agosto. Agradeço-lhes a dedicação e a ajuda generosa que ofereceram durante estes dias. Obrigado, irmãos e irmãs!

Por fim, exorto os jovens, os doentes e os recém-casados a invocarem com particular intensidade os Nomes de Jesus e de Maria, para que nos ensinem a amar a Deus e ao próximo com plena dedicação.



AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 10 de setembro de 2016

Aprendeí de mim

Durante este Jubileu refletimos várias vezes sobre o modo como Jesus se exprime com uma ternura singular, sinal da presença e da bondade de Deus. Hoje meditamos sobre um trecho comovedor do Evangelho (cf. *Mt* 11, 28-30), no qual Jesus diz: «Vinde a mim, vós todos que estais aflitos, e Eu aliviá-vo-ei [...] Aprendeí de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis o repouso para as vossas almas» (vv. 28-29). O convite do Senhor é surpreendente: chama a segui-lo pessoas simples e oprimidas por uma vida difícil, chama a segui-lo pessoas com tantas necessidades, prometendo-lhes que nele encontrarão repouso e alívio. O convite é dirigido de forma imperativa: «*Vinde a mim*», «*tomai o meu jugo*», «*aprendeí de mim*». Se todos os líderes do mundo pudessem dizer isto! Procuremos entender o significado destas palavras.

O primeiro imperativo é: «*Vinde a mim*». Dirigindo-se àqueles que estão cansados e oprimidos, Jesus apresenta-se como o Servo do Senhor, descrito no livro do profeta Isaías. Assim reza o trecho de Isaías: «O Senhor Deus deu-me a língua de discípulo para que eu saiba confortar pela palavra o que está abatido» (50, 4). Ao lado destes abatidos da vida, o Evangelho põe muitas vezes também os pobres (cf. *Mt* 11, 5), os mais pequeninos (cf. *Mt* 18, 6). Trata-se de quantos não podem contar com os próprios meios, nem com amizades importantes. Eles podem confiar só em Deus. Conscientes da sua condição humilde e miserável, sabem que dependem da misericórdia do Senhor e dele esperam a única ajuda possível. No convite de Jesus



finalmente encontram resposta à sua expectativa: tornando-se seus discípulos recebem a promessa de encontrar alívio para toda a sua vida. Uma promessa que no final do Evangelho é ampliada a todos: «Ide, pois — diz Jesus aos Apóstolos — e ensinai a todas as nações...» (Mt 28, 19). Aceitando o convite a celebrar este ano de graça do Jubileu, no mundo inteiro os peregrinos passam pela Porta da Misericórdia aberta nas catedrais, nos santuários, em muitas igrejas do mundo, nos hospitais, nas prisões. Por que passam pela Porta da Misericórdia? Para encontrar Jesus, a amizade de Jesus, o alívio que só Jesus oferece. Este caminho exprime a conversão de cada discípulo que se põe no seguimento de Jesus. E a conversão consiste sempre em descobrir a misericórdia do Senhor. Ela é infinita e inesgotável: é grande a misericórdia do Senhor! Portanto, atravessando a Porta Santa professamos «que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que todo mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos» (João Paulo II, Enc. *Dives in misericordia*, 7).

O segundo imperativo diz: «*Tomai o meu jugo*». No contexto da Aliança, a tradição bíblica usa a imagem do fardo para indicar o vínculo estreito que une o povo a Deus e, portanto, a submissão à sua vontade expressa na Lei. Na controvérsia com os escribas e os doutores da lei, Jesus põe sobre os seus discípulos o *seu jugo*, no qual a Lei encontra o seu cumprimento. Quer ensinar-lhes a descobrir a vontade de Deus, mediante a sua pessoa: através de Jesus, não por meio de leis e prescrições frias que o próprio Jesus condena. É suficiente ler o capítulo 23 de Mateus! Ele está no centro da sua relação com Deus, no núcleo das relações entre os discípulos e põe-se como fulcro da vida de cada um. Recebendo o «jugo de Jesus», cada discípulo entra em comunhão com Ele e participa no mistério da sua cruz e do seu destino de salvação.

Segue-se o terceiro imperativo: «*Aprendei de mim*». Aos seus discípulos Jesus indica um caminho de conhecimento e imitação. Jesus não é um mestre que impõe



severamente a outros, pesos que Ele não carrega: era esta a acusação que fazia aos doutores da lei. Ele dirige-se aos humildes, frágeis, pobres, necessitados, porque Ele mesmo se fez pequenino e humilde. Entende os pobres e sofredores porque Ele mesmo é pobre, provado pelas dores. Para salvar a humanidade Jesus não trilhou um caminho fácil; ao contrário, a sua senda foi dolorosa e árdua. Como recorda a Carta aos Filipenses: «Humilhou-se, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz» (2, 8). O fardo dos pobres e oprimidos é o mesmo jugo que Ele carregou antes deles: por isso é suave. Ele carregou nos ombros as dores e os pecados da humanidade inteira. Para o discípulo, portanto, carregar o jugo de Jesus significa receber a sua revelação e aceitá-la: nele a misericórdia de Deus assumiu a pobreza do homem, oferecendo assim a todos a possibilidade da salvação. Mas por que é capaz Jesus de dizer isto? Porque Ele se fez tudo por todos, aproximou-se de todos, dos mais pobres! Era um pastor no meio do povo, dos pobres: labutava o dia inteiro com eles. Jesus não era um príncipe. É negativo para a Igreja, quando os pastores se tornam príncipes, longe do povo, distantes dos mais pobres: este não é o espírito de Jesus. Jesus repreendia estes pastores, dizendo ao povo: «Fazei o que eles dizem, não o que fazem».

Caros irmãos e irmãs, também nós temos momentos de fadiga e desilusão. Então, recordemos estas palavras do Senhor; elas dão-nos muita consolação e fazem-nos entender se pomos as nossas forças ao serviço do bem. Com efeito, às vezes o cansaço deriva da nossa confiança em coisas que não são essenciais, porque nos afastamos do que realmente tem valor na vida. O Senhor ensina-nos a não ter medo de o seguir, porque a esperança que temos nele não será desiludida. Assim, somos chamados a aprender dele o que significa viver de misericórdia para sermos instrumentos de compaixão. Viver de misericórdia para sermos instrumentos de compaixão: viver de misericórdia é sentir-se necessitado da misericórdia de Jesus, e quando nos sentimos carentes de perdão e consolação, aprendemos a ser misericordiosos com o próximo. Manter o olhar fixo no Filho de Deus faz-nos



entender como é longo o caminho que ainda devemos percorrer; ao mesmo tempo, infunde-nos a alegria de saber que caminhamos com Ele e nunca estamos sozinhos. Ânimo, pois, coragem! Não deixemos que nos tirem a alegria de ser discípulos do Senhor. «Mas Padre, sou pecador, como posso fazer?» — «Deixa que o Senhor olhe para ti, abre o teu coração, sente sobre ti o seu olhar, a sua misericórdia, e o teu coração será cheio de alegria, do júbilo do perdão, se te aproximares para pedir perdão». Não permitamos que nos roubem a esperança de levar esta vida com Ele e com a força da sua consolação. Obrigado!

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, especialmente aos fiéis do Rio de Janeiro e de São José do Rio Pardo, convidando-vos a pedir ao Senhor uma fé grande para verdes a realidade com o olhar de Jesus e uma grande caridade para vos aproximardes das pessoas com o seu coração misericordioso. Confiai em Deus, como a Virgem Maria! De bom grado abençoo a vós e aos vossos entes queridos.

Enfim, dirijo um pensamento aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebramos a Festa da Exaltação da Santa Cruz. Amados jovens, retomando depois das férias as atividades habituais, revigorai também o vosso diálogo com Deus, difundindo a sua luz e paz; diletos enfermos, encontrai alívio na Cruz do Senhor Jesus, que continua a sua obra de redenção na vida de cada homem; e vós, queridos recém-casados, procurai ter uma relação permanente com Cristo Crucificado, a fim de que o vosso amor seja cada vez mais genuíno, fecundo e duradouro.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 14 de setembro de 2016



Misericordiosos como o Pai

Ouvimos o trecho do Evangelho de Lucas (6, 36-38), do qual foi tirado o lema deste Ano Santo Extraordinário: *Misericordiosos como o Pai*. A expressão completa é: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (v. 36). Não se trata de um slogan de efeito, mas de um compromisso de vida. Para compreender bem esta expressão, podemos confrontá-la com a paralela do Evangelho de Mateus, onde Jesus diz: «Sede, pois, perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus» (5, 48). No chamado sermão da montanha, que começa com as Bem-Aventuranças, o Senhor ensina que a perfeição consiste no amor, cumprimento de todos os preceitos da Lei. Nesta mesma ótica, São Lucas explicita que a perfeição é o amor misericordioso: ser *perfeito* significa ser *misericordioso*. Alguém que não é misericordioso é perfeito? Não! É boa a pessoa que não é misericordiosa? Não! A bondade e a perfeição radicam-se na misericórdia. Sem dúvida, Deus é perfeito. No entanto, se o considerarmos assim, para os homens será impossível tender para esta perfeição absoluta. Contudo, tê-lo diante dos olhos como misericordioso permite-nos entender melhor em que consiste a sua perfeição, impelindo-nos a ser como Ele, cheios de amor, compaixão, misericórdia. Mas questiono-me: são realistas as palavras de Jesus? É realmente possível amar como Deus ama, ser misericordioso como Ele?

Se olharmos para a história da salvação, veremos que toda a revelação de Deus é um amor incessante e incansável pelos homens: Deus é como um pai ou como uma mãe que ama com um amor insondável, derramando-o copiosamente sobre cada criatura. A morte de Jesus na cruz é o ápice da história de amor de Deus pelo homem. Um amor tão grande que só Deus o pode concretizar. É evidente que, comparado com este amor desmedido, o nosso amor será sempre imperfeito. Mas quando Jesus nos pede para ser misericordiosos *como* o Pai, não pensa na



quantidade! Pede aos seus discípulos que se tornem *senal, canais, testemunhas* da sua misericórdia.

E a Igreja não pode deixar de ser sacramento da misericórdia de Deus no mundo, em todos os tempos e para a humanidade inteira. Portanto, cada cristão está chamado a ser testemunha da misericórdia, e isto acontece no caminho da santidade. Pensemos em quantos santos se tornaram misericordiosos porque deixaram que seus corações se enchessem de misericórdia divina. Deram corpo ao amor do Senhor, derramando-o nas múltiplas necessidades da humanidade sofredora. Neste florescer de tantas formas de caridade é possível entrever os reflexos da face misericordiosa de Cristo.

Interroguemo-nos: para os discípulos, o que significa ser misericordiosos? Jesus explica-o com dois verbos: «perdoar» (v. 37) e «doar» (v. 38).

A misericórdia exprime-se antes de tudo no *perdão*: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados» (v. 37). Jesus não tenciona subverter o curso da justiça humana, mas recorda aos discípulos que para manter relações fraternas é preciso suspender o juízo e a condenação. Com efeito, o perdão é o pilar que sustenta a vida da comunidade cristã, porque é nele que se manifesta a gratuidade do amor com que Deus nos amou primeiro. O cristão deve perdoar! Mas porquê? Porque foi perdoado. Todos nós que estamos hoje aqui, na praça, fomos perdoados. Todos nós, na nossa vida, tivemos necessidade do perdão de Deus. E dado que fomos perdoados, devemos perdoar. Recitamos todos os dias no *Pai-Nosso*: «Perdoai-nos os nossos pecados, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido». Ou seja, perdoar as ofensas, perdoar tantas coisas, porque nós fomos perdoados de tantas ofensas, de tantos pecados. Assim, é fácil perdoar: se Deus me perdoou, por que razão não devo perdoar os outros? São maiores do que Deus? Este pilar do perdão mostra-nos a gratuidade do amor de



Deus, que nos amou primeiro. É errado julgar e condenar o irmão que peca. Não porque não queremos reconhecer o pecado, mas porque condenar o pecador interrompe o vínculo de fraternidade com ele e despreza a misericórdia de Deus, que, no entanto, não quer renunciar a nenhum dos seus filhos. Não temos o poder de condenar o nosso irmão que erra, não estamos acima dele: ao contrário, temos o dever de o resgatar para a dignidade de filho do Pai e de o acompanhar no seu caminho de conversão.

À sua Igreja, a nós, Jesus indica também um segundo pilar: «doar». Perdoar é o primeiro pilar; doar é o segundo. «Dai e ser-vos-á dado [...] também vós sereis julgados segundo a medida com a qual medirdes» (v. 38). Deus doa muito além dos nossos méritos, mas será ainda mais generoso com quantos, aqui na terra, tiverem sido generosos. Jesus não diz o que acontecerá com quantos não doam, mas a imagem da «medida» constitui uma admoestação: com a medida do amor que dermos, somos nós mesmos que decidimos como seremos julgados, como seremos amados. Observando bem, há uma lógica coerente: na medida em que se recebe de Deus, dá-se ao irmão; e na medida em que se dá ao irmão, recebe-se de Deus!

Por isso, o amor misericordioso é o único caminho a percorrer. Quanta necessidade temos todos nós de ser um pouco mais misericordiosos, de não falar mal do próximo, de não julgar, de não «depenar» os outros com críticas, invejas e ciúmes. Devemos perdoar, ser misericordiosos, viver a nossa existência no amor. Este amor permite que os discípulos de Jesus não percam a identidade recebida dele, reconhecendo-se como filhos do mesmo Pai. Assim, no amor que eles puserem em prática na vida reflete-se a Misericórdia que não conhece ocaso (cf. *1 Cor 13, 1-12*). Mas não nos esqueçamos disto: misericórdia e dom; perdão e dom. É assim que o coração se dilata, abrindo-se ao amor. Ao contrário, o egoísmo e a raiva reduzem o coração, que se endurece como uma pedra. O que preferis, um coração



de pedra ou um coração repleto de amor? Se escolherdes um coração cheio de amor, sede misericordiosos!

Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, em particular a todos os fiéis brasileiros. Queridos amigos, ser misericordioso significa saber estender a mão, oferecer um sorriso, realizar um gesto de amor para com todos os que necessitam. Quando somos generosos, nunca nos faltam as bênçãos de Deus. Obrigado!

Hoje celebra-se o 23º dia mundial da doença de Alzheimer, que tem como tema: «Recorda-te de mim». Convido todos os presentes a «recordar-se», com a solicitude de Maria e a ternura de Jesus Misericordioso, de quantos sofrem desta enfermidade e dos seus familiares, para que sintam a nossa proximidade. Oremos também pelas pessoas que estão ao lado dos doentes, para que saibam sentir as suas necessidades, até as mais impercetíveis, porque vistas com olhos cheios de amor.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 21 de setembro de 2016

O perdão na cruz

As palavras que Jesus pronuncia durante a sua Paixão encontram o seu ápice no perdão. Jesus *perdoa*: «Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). Não são apenas palavras, porque se tornam um gesto concreto no perdão oferecido ao «bom ladrão», que estava ao seu lado. São Lucas fala de *dois malfeitores* crucificados com Jesus, que se dirigem a Ele com atitudes opostas.

O primeiro insulta-o, assim como o insulta todo o povo, e como fazem os chefes do povo, mas este pobre homem, impelido pelo desespero, diz: «Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós!» (Lc 23, 39). Este grito dá testemunho



da angústia do homem diante do mistério da morte e da trágica consciência de que só Deus pode ser a resposta libertadora: por isso, é impensável que o Messias, o Enviado de Deus, possa estar na cruz sem fazer nada para se salvar. Não compreendiam isto. Não entendiam o mistério do *sacrifício* de Jesus. E, no entanto, Jesus salvou-nos *permanecendo* na cruz. Todos nós sabemos que não é fácil «permanecer na cruz», nas nossas pequenas cruzes de cada dia. Mas Ele permaneceu naquela grande cruz, naquele enorme sofrimento, e foi ali que nos salvou; foi ali que nos mostrou o seu poder supremo e que nos perdoou. É ali que se cumpre o seu dom de amor e que brota para sempre a nossa salvação. Morrendo na cruz, inocente entre dois criminosos, Ele testemunha que a salvação de Deus pode alcançar qualquer homem, em todas as condições, até na mais negativa e dolorosa. A salvação de Deus é para todos, sem excluir ninguém. É oferecida a todos. Por isso, o Jubileu constitui um tempo de graça e de misericórdia para todos, bons e maus, quantos são saudáveis e aqueles que sofrem. Recordai-vos daquela parábola que Jesus narra sobre a festa de casamento do filho de um poderoso da terra: quando os convidados não queriam participar, disse aos seus empregados: «Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas todos aqueles que encontrardes» (Mt 22, 9). Todos nós somos chamados: *bons e maus*. A Igreja não existe só para os bons ou para quantos parecem bons ou para aqueles que se julgam bons; a Igreja existe para todos, e até de preferência para os maus, porque a Igreja é misericórdia. E este tempo de graça e de misericórdia faz-nos recordar que nada nos pode separar do amor de Cristo! (cf. Rm 8, 39). A quem está bloqueado num leito de hospital, a quantos vivem fechados numa prisão, àqueles que se encontram impedidos pelas guerras, digo: olhai para o Crucifixo; Deus está convosco, permanece convosco na cruz e oferece-se como Salvador a todos, a todos nós. A vós que sofreis tanto, digo: Jesus foi crucificado por vós, por nós, por todos. Deixai que o vigor do Evangelho penetre no vosso coração e vos console, dando-vos esperança e a íntima certeza de que ninguém está excluído do seu perdão. Contudo, podeis perguntar-me: «Mas



diga-me, Padre, quem fez as piores coisas na vida, tem a possibilidade de ser perdoado?» — «Sim, sim!»: ninguém está excluído do perdão de Deus. Deve simplesmente aproximar-se arrependido de Jesus, com a vontade de ser abraçado por Ele!».

Assim era o primeiro malfeitor. *O outro é o chamado «bom ladrão»*. As suas palavras são um maravilhoso modelo de arrependimento, uma catequese concentrada para aprender a pedir perdão a Jesus. Primeiro, ele dirige-se ao seu companheiro: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício?» (Lc 23, 40). Deste modo, põe em evidência o ponto de partida do arrependimento: o temor de Deus. Mas não o *medo* de Deus, não: o temor filial de Deus. Não é receio, mas aquele respeito que se deve a Deus, porque Ele é Deus. Trata-se de um respeito filial, porque Ele é Pai. O bom ladrão evoca a atitude fundamental que abre à confiança em Deus: a consciência do seu poder supremo e da sua bondade infinita. É este respeito confiante que ajuda a deixar espaço a Deus e a confiar na sua misericórdia.

Depois, o bom ladrão declara a inocência de Jesus e confessa abertamente a sua culpa: «Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas Ele não cometeu mal algum» (Lc 23, 41). Portanto, Jesus está ali na cruz para permanecer com os culpados: através desta proximidade, Ele oferece-lhes a salvação. Aquilo que é escândalo para os chefes, para o primeiro ladrão e para quantos se encontravam ali e zombavam de Jesus, na realidade é o fundamento da sua fé. E assim o bom ladrão torna-se testemunha da Graça; aconteceu o impensável: Deus amou-me a tal ponto que morreu na cruz por mim. A própria fé deste homem é fruto da graça de Cristo: os seus olhos contemplam no Crucificado o amor de Deus por ele, pobre pecador. É verdade, era ladrão, tinha roubado durante a vida inteira. Mas no fim, arrependido daquilo que fizera, olhando para Jesus, tão bom e misericordioso, conseguiu *roubar* o céu: ele é um bom ladrão!



Por fim, o bom ladrão dirige-se diretamente a Jesus, invocando a sua ajuda: «Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino» (Lc 23, 42). Chama-o pelo nome, «Jesus», com confiança, e assim confessa o que aquele nome indica: «O Senhor salva»: é isto que significa «Jesus». Aquele homem pede a Jesus que se recorde dele. Quanta ternura naquela expressão, quanto humanidade! É a necessidade que o ser humano tem de não ser abandonado, que Deus esteja sempre perto dele. Deste modo, um condenado à morte torna-se modelo do cristão que se confia a Jesus. Um condenado à morte é um modelo para nós, um modelo para o homem, para o cristão que confia em Jesus; e também modelo da Igreja que, na liturgia, muitas vezes invoca o Senhor, rezando: «Recorda-te... Recorda-te do teu amor...».

Enquanto o bom ladrão fala no futuro: «Quando entrares no teu Reino», a resposta de Jesus não se faz esperar; mas Ele fala no presente: «*Hoje* estarás comigo no Paraíso» (v. 43). Na hora da cruz, a salvação de Cristo alcança o seu apogeu; e a sua promessa ao bom ladrão revela o cumprimento da sua missão, ou seja, salvar os pecadores. No início do seu ministério, na sinagoga de Nazaré, Jesus tinha proclamado «a liberdade aos cativos» (Lc 4, 18); em Jericó, na casa do pecador público Zaqueu, proclamou que «o Filho do homem — isto é, Ele mesmo — veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19, 10). Na cruz, o derradeiro ato confirma a realização deste desígnio salvífico. Do início ao fim, Ele revelou-se como misericórdia, revelou-se como encarnação definitiva e irrepetível do amor do Pai. Jesus é verdadeiramente o semblante da misericórdia do Pai. E o bom ladrão chamou-o pelo nome: «Jesus». Trata-se de uma invocação breve, e todos nós podemos fazê-la muitas vezes durante o dia: «Jesus». Simplesmente «Jesus». E assim, fazei-a durante o dia inteiro.



Queridos peregrinos de língua portuguesa, saúdo-vos cordialmente a todos, nomeadamente aos membros da «Comunidade católica de língua portuguesa na Alemanha», com votos de que, neste Ano Santo, possais fazer experiência da misericórdia de Deus para serdes testemunhas daquilo que mais lhe agrada: perdoar aos seus filhos e filhas. Rezai também por mim! Deus vos abençoe!

Dirijo mais uma vez o meu pensamento à amada e martirizada Síria. Continuo a receber notícias dramáticas sobre o destino das populações de Aleppo, às quais me sinto unido no sofrimento, através da oração e da proximidade espiritual. Enquanto manifesto profunda dor e sentida preocupação pelo que continua a acontecer naquela cidade já martirizada, onde morrem crianças, idosos, doentes, jovens, idosos, tantos... renovo a todos o apelo, a fim de que se comprometam com todas as forças a favor da tutela dos civis, como obrigação imperativa e urgente. Apelo à consciência dos responsáveis pelos bombardeamentos, que deverão prestar contas a Deus!

Enfim, dirijo a minha saudação aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. O exemplo de caridade de São Vicente de Paulo — que ontem recordamos como padroeiro das associações de caridade — vos leve, amados jovens, a realizar os projetos do vosso futuro com um alegre e abnegado serviço ao próximo; vos ajude, caros doentes, a enfrentar o sofrimento com o olhar fixo em Cristo; e vos anime, diletos recém-casados, a construir uma família sempre aberta aos pobres e ao dom da vida.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 28 de setembro de 2016

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

Introdução

Nas catequeses precedentes entramos gradualmente no grande mistério da misericórdia de Deus. Meditámos sobre a ação do Pai no Antigo Testamento e depois, através das narrações evangélicas, vimos que Jesus, nas suas palavras e nos seus gestos, é a encarnação da Misericórdia. Ele, por sua vez, ensinou aos seus discípulos: «Sede misericordiosos como o Pai» (Lc 6, 36). É um compromisso que interpela a consciência e a ação de cada cristão. Com efeito, não é suficiente



experimentar a misericórdia de Deus na própria vida; é necessário que quem a recebe se torne também sinal e instrumento para os outros. Além disso, a misericórdia não está reservada só para alguns momentos particulares, mas abraça toda a nossa existência diária.

Por conseguinte, como podemos ser testemunhas de misericórdia? Não pensemos que se trata de realizar grandes esforços nem gestos sobre-humanos. Não, não é assim. O Senhor indica-nos um caminho muito simples, feito de pequenos gestos que, contudo, aos seus olhos têm um grande valor, a tal ponto que nos disse que com base neles seremos julgados. De facto, uma das páginas mais bonitas do Evangelho de Mateus oferece-nos o ensinamento que poderíamos considerar, de qualquer maneira, como «o testamento de Jesus» por parte do evangelista, que experimentou diretamente sobre si a ação da Misericórdia. Jesus diz que todas as vezes que damos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, que vestimos uma pessoa nua e acolhemos um estrangeiro, que visitamos um doente ou um preso, é a Ele que o fazemos (cf. *Mt 25, 31-46*). A Igreja definiu estes gestos «*obras de misericórdia corporal*», porque socorrem as pessoas nas suas necessidades materiais.

Contudo, há também outras sete *obras de misericórdia* chamadas «*espirituais*», relativas a outras exigências igualmente importantes, sobretudo hoje, porque tocam o íntimo das pessoas e com frequência fazem sofrer mais. Certamente todos se recordam de uma que entrou na linguagem comum: «Suportar pacientemente as pessoas inoportunas». E há; há muitas pessoas inoportunas! Poderia parecer algo sem importância, que nos faz sorrir, mas contém um sentimento de caridade profunda; e assim é também para as outras seis, que é bom recordar: aconselhar os que têm dúvidas, ensinar os ignorantes, advertir os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos. São ações diárias! «Sinto-me aflito...» — «Mas Deus ajudar-te-á, não tenho



tempo...». Não! Paro, ouço, perco o meu tempo e consolo a pessoa, este é um gesto de misericórdia que é feito não só a ela, mas também a Jesus!

Nas próximas Catequeses refletiremos sobre estas obras, que a Igreja nos apresenta como o modo concreto de viver a misericórdia. Ao longo dos séculos, muitas pessoas simples as puseram em prática, dando assim testemunho genuíno da fé. Por outro lado, a Igreja, fiel ao seu Senhor, nutre um amor preferencial pelos mais débeis. Frequentemente são as pessoas mais próximas de nós que precisam da nossa ajuda. Não devemos ir em busca de sabe-se lá quais feitos a realizar. É melhor iniciar pelas mais simples, que o Senhor nos indica como as mais urgentes. Infelizmente num mundo atingido pelo vírus da indiferença, as obras de misericórdia são o melhor antídoto. De facto, orientam a nossa atenção para as exigências mais elementares dos nossos «irmãos mais necessitados» (Mt 25, 40), nos quais Jesus está presente. Jesus está sempre presente neles. Onde houver uma necessidade, uma pessoa carente, quer material quer espiritualmente, Jesus está ali. Reconhecer o seu rosto no de quem é carente é um verdadeiro desafio contra a indiferença. Permite que estejamos sempre vigilantes, evitando que Cristo passe ao nosso lado sem que o reconheçamos. Vem à mente a frase de Santo Agostinho: «*Timeo Iesum transeuntem*» (Serm., 88, 14, 13), «Temo que o Senhor passe» e eu não o reconheça, que o Senhor passe ao meu lado numa dessas pessoas simples, necessitadas e eu não me dê conta de que é Jesus. Tenho medo de que o Senhor passe e não o reconheça! Perguntei-me por que Santo Agostinho disse que *temia* a passagem de Jesus. Infelizmente, a resposta está nos nossos comportamentos: porque com frequência estamos distraídos, somos indiferentes, e quando o Senhor passa ao nosso lado nós perdemos a ocasião do encontro com Ele.

As obras de misericórdia despertam em nós a exigência e a capacidade de tornar viva e operante a fé com a caridade. Estou convicto de que através destes simples gestos diários podemos realizar uma verdadeira revolução cultural, como



aconteceu no passado. Se cada um de nós, todos os dias, realizar uma delas, isto será uma revolução no mundo! Mas todos, cada um de nós! Quantos Santos ainda hoje são recordados não pelas grandes obras que realizaram, mas pela caridade que souberam transmitir! Pensemos na Madre Teresa de Calcutá, que foi canonizada recentemente: não nos lembramos dela por tantas casas que abriu no mundo, mas porque se inclinava sobre cada pessoa que encontrava no meio da rua para lhe restituir a dignidade. Quantas crianças abandonadas abraçou; quantos moribundos acompanhou até ao limiar da eternidade, segurando-os pela mão! Estas obras de misericórdia são os traços do Rosto de Jesus Cristo que cuida dos seus irmãos mais débeis para levar a cada um a ternura e a proximidade de Deus. Que o Espírito Santo nos ajude, que o Espírito Santo acenda em nós o desejo de viver este estilo de vida: pelo menos de fazer uma por dia, pelo menos! Memorizemos de novo as obras de misericórdia corporais e espirituais e peçamos ao Senhor que nos ajude a pô-las em prática diariamente e no momento em que vemos Jesus numa pessoa carente.

APELO PELA SÍRIA

Gostaria de frisar e confirmar a minha proximidade a todas as vítimas do desumano conflito na Síria. É com um sentido de urgência que renovo o meu apelo, implorando, com todas as minhas forças, os responsáveis, a fim de que se providencie a um imediato cessar-fogo, que seja imposto e respeitado pelo menos durante o tempo necessário para permitir a retirada dos civis, sobretudo das crianças, que ainda estão encurralados sob os sangrentos bombardeamentos.

APELO

Amanhã, 13 de outubro, decorre o Dia internacional para a redução dos desastres naturais, que neste ano propõe o tema: «Reduzir a mortalidade». De facto os desastres naturais poderiam ser evitados ou pelo menos limitados, porque os seus efeitos muitas vezes se devem às faltas de cuidados do meio ambiente por parte do homem. Portanto, encorajo a unir os esforços de modo clarividente na tutela da nossa casa comum, promovendo uma cultura de prevenção, com a ajuda também dos novos conhecimentos, reduzindo os riscos para as populações mais vulneráveis.



Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, saúdo-vos cordialmente a todos, com menção especial para o grupo de Cabanelas e Cervães, de São Paulo e para os membros da Comunidade Shalom. Voltemos a aprender de cor as obras de misericórdia e peçamos ao Senhor que nos ajude a pô-las em prática. Sobre vós e vossas famílias, desça, misericordiosa, a Bênção de Deus.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 12 de outubro de 2016

Alimentar os famintos e saciar os sedentos

Uma das consequências do chamado «bem-estar» é que as pessoas tendem a fechar-se em si mesmas, tornando-se insensíveis às exigências dos outros, iludindo-se com a apresentação de modelos de vida efémeros, que desaparecem depois de alguns anos, como se a nossa vida fosse uma moda para seguir e mudar em cada estação. Não é assim. A realidade deve ser recebida e enfrentada pelo que é, e com frequência nos deparamos com situações de necessidade urgente. É por isso que, entre as obras de misericórdia, encontramos a referência à fome e à sede: dar de comer aos famintos — há muitos hoje em dia — e de beber aos sedentos. Quantas vezes os meios de comunicação informam sobre populações que sofrem por falta de alimentos e de água, com graves consequências, especialmente para as crianças.

Face a determinadas notícias e sobretudo a certas imagens, a opinião pública comove-se e têm início campanhas de ajuda para estimular a solidariedade. As doações são generosas e deste modo podemos contribuir para aliviar o sofrimento de muitos. Esta forma de caridade é importante, mas talvez não nos envolve diretamente. Quando, ao contrário, indo pelas ruas, nos cruzamos com uma pessoa em necessidade, ou um pobre bate à porta da nossa casa, é muito diferente porque



já não estamos diante de uma imagem, mas somos envolvidos em primeira pessoa. Já não há distância alguma entre mim e ele ou ela, e sinto-me interpelado. A pobreza em abstrato não nos interpela, mas faz-nos pensar, faz-nos lamentar; contudo quando vemos a pobreza na carne de um homem, de uma mulher, de uma criança, isto nos interpela! E portanto, o hábito que temos de fugir dos necessitados, de não nos aproximarmos deles, colorindo um pouco a realidade dos necessitados com os hábitos da moda para nos afastar dela. Quando me cruzo com o pobre já não há distância alguma entre nós. Neste caso, qual é a minha reação? Desvio o olhar e sigo em frente? Ou paro para falar e interesso-me do seu estado? E se fizermos isto haverá alguém que diz «Este é louco porque fala com um pobre!». Verifico se posso acolher a pessoa de algum modo ou procuro livrar-me dela rapidamente? Mas talvez ela peça só o necessário: algo para comer e beber. Pensemos um momento: quantas vezes recitamos o «Pai-Nosso», e, no entanto, não prestamos atenção àquelas palavras: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje».

Na Bíblia, um Salmo diz que Deus é aquele que «dá o alimento a todos os viventes» (136, 25). A experiência da fome é dura. Quantos viveram períodos de guerra ou carestia sabem-no. Entretanto esta experiência repete-se todos os dias e convive ao lado da abundância e do desperdício. São sempre atuais as palavras do apóstolo Tiago: «De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salvá-lo? Se a um irmão ou a uma irmã faltarem roupas e o alimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos”, mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se não tiver obras, está morta em si mesma» (2, 14-17) porque é incapaz de realizar obras, de praticar caridade, de amar. Há sempre alguém que sente fome e sede e precisa de mim. Não posso delegar outra pessoa. Este pobre precisa de *mim*, da *minha* ajuda, da *minha* palavra, do *meu* compromisso. Estamos todos envolvidos nisto.



Também este é o ensinamento daquela página do Evangelho na qual Jesus, vendo o povo que há horas o seguia, pergunta aos seus discípulos: «Onde compraremos pão para que todos estes tenham o que comer?» (cf. *Jo* 6, 5). E os discípulos respondem: «É impossível, é melhor que os dispense...», Mas Jesus diz-lhes: «Não. Dai-lhes vós mesmos de comer» (cf. *Mc* 14. 16). Então entregaram a Jesus os poucos pães e peixes que traziam consigo, e Ele benzeu-os, partiu-os e fez com que fossem distribuídos a todos. É uma lição muito importante para nós. Diz-nos que o pouco que temos, se nos confiarmos às mãos de Jesus e o partilharmos com fé, torna-se uma riqueza superabundante.

O Papa Bento XVI, na Encíclica *Caritas in veritate*, afirma: «Dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja. [...] O direito à alimentação e à água revestem um papel importante para a consecução de outros direitos [...] É necessária a maturação duma consciência solidária que considere a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações» (n. 27). Não nos esqueçamos das palavras de Jesus: «Eu sou o pão da vida» (*Jo* 6, 35) e «Venha a mim quem tem sede» (*Jo* 7, 37). Para todos nós, crentes, estas palavras são uma provocação a reconhecer que, através do dar de comer aos famintos e de beber aos sedentos, passa a nossa relação com Deus, um Deus que revelou em Jesus o seu rosto de misericórdia.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, de coração vos saúdo a todos, nomeadamente aos grupos de Mogi Guaçu e de Pereiras, desejando-vos neste Ano Jubilar a graça de experimentar a grande força da Misericórdia, que nos faz entrar no coração de Deus e nos torna capazes de olhar o mundo com mais bondade. Assim Deus vos abençoe a vós e às vossas famílias.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 19 de outubro de 2016



Misericórdia e diálogo

O trecho do evangelho de João que ouvimos (cf. 4, 6-15) narra o encontro de Jesus com uma mulher samaritana. O que surpreende deste encontro é o *diálogo* muito conciso entre a mulher e Jesus. Isto permite-nos frisar hoje um aspeto muito importante da misericórdia, que é precisamente o *diálogo*.

O diálogo permite que as pessoas se conheçam e compreendam as exigências uns dos outros. Antes de tudo, ele é um sinal de grande respeito, porque coloca as pessoas numa atitude de escuta e na condição de compreender os aspetos melhores do interlocutor. Em segundo lugar, o diálogo é expressão de caridade, porque, mesmo sem ignorar as diferenças, pode ajudar a procurar e a partilhar o bem comum. Além disso, o diálogo convida-nos a pôr-nos diante do outro vendo-o como um dom de Deus, que nos interpela e nos pede para ser reconhecido.

Muitas vezes nós não nos encontramos com os irmãos, mesmo vivendo ao lado deles, sobretudo quando fazemos prevalecer a nossa posição sobre a do outro. Não dialogamos quando não ouvimos o suficiente ou quando tendemos a interromper o outro para demonstrar que temos razão. Mas quantas vezes, quantas vezes estamos a ouvir uma pessoa e impedimos que continue a falar dizendo: «Não, não! Não é assim!» e não deixamos que a pessoa acabe de explicar o que pretende dizer. E isto impede o diálogo: esta é agressão. O verdadeiro diálogo, ao contrário, necessita de momentos de silêncio, nos quais captar o dom extraordinário da presença de Deus no irmão.

Queridos irmãos e irmãs, dialogar ajuda as pessoas a humanizar as relações e a superar as incompreensões. Há tanta necessidade de diálogo nas nossas famílias, e como se resolveriam mais facilmente as questões se aprendêssemos a ouvir-nos reciprocamente! É assim no relacionamento entre marido e esposa, e entre pais e filhos. Quanta ajuda pode vir também do diálogo entre os professores e os seus



alunos; ou entre dirigentes e trabalhadores, para descobrir as exigências melhores do trabalho.

Também a Igreja vive de diálogo com os homens e as mulheres de todos os tempos, para compreender as necessidades que estão no coração de cada pessoa e para contribuir para a realização do bem comum. Pensemos no grande dom da criação e na responsabilidade que todos temos de salvaguardar a nossa casa comum: o diálogo sobre um tema tão central é uma exigência iniludível. Pensemos no diálogo entre as religiões, para descobrir a verdade profunda da sua missão no meio dos homens, a fim de contribuir para a construção da paz e de uma rede de respeito e de fraternidade (cf. Enc. *Laudato si'*, 201).

Para concluir, todas as formas de diálogo são expressão da grande exigência de amor de Deus, que vai ao encontro de todos e lança em cada um a semente da sua bondade, para que possa colaborar na sua obra criadora. O diálogo derruba os muros das divisões e das incompreensões; cria pontes de comunicação e não permite que alguém se isole, fechando-se no seu pequeno mundo. Não vos esqueçais: dialogar significa ouvir o que me diz o outro e dizer com mansidão aquilo que penso. Se as coisas correrem assim, a família, o bairro, o lugar de trabalho serão melhores. Mas se eu não deixo que o outro diga tudo o que tem no coração e começo a gritar — hoje grita-se muito — esta relação não terá bom êxito; o relacionamento entre marido e esposa, entre pais e filhos não terá bom êxito. Ouvir, explicar, com mansidão, não agredir o outro, não gritar, mas ter um coração aberto.

Jesus sabia bem o que a samaritana, uma grande pecadora, tinha no coração; não obstante, não lhe negou a possibilidade de se expressar, deixou que falasse até ao fim, e entrou pouco a pouco no mistério da sua vida. Este ensinamento é válido também para nós. Através do diálogo, podemos fazer crescer os sinais da misericórdia de Deus e fazer deles instrumento de acolhimento e de respeito.



Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, com menção particular do grupo de Póvoa de Varzim. Recordemos que a Virgem Maria nos ensina a escutar no silêncio e a meditar todas as coisas no coração, de tal modo que se possa ir ao encontro das necessidades do próximo. Possa o seu exemplo nos ajudar a servir sempre mais os nossos irmãos e irmãs. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 22 de outubro de 2016

Acolher o estrangeiro e vestir o que está nu

Prossigamos a reflexão sobre as obras de misericórdia corporais, que o Senhor Jesus nos confiou a fim de que a nossa fé se mantenha sempre viva e dinâmica. De facto, estas obras tornam evidente que os cristãos não estão cansados nem são preguiçosos na expectativa do encontro final com o Senhor, mas que todos os dias vão ter com Ele, reconhecendo o seu rosto naquele de tantas pessoas que pedem ajuda. Hoje meditemos sobre esta palavra de Jesus: «Era estrangeiro e acolhestes-me; estava nu e vestistes-me» (*Mt 25, 35-36*). No nosso tempo é atual como nunca a obra relativa aos estrangeiros. A crise económica, os conflitos armados e as mudanças climáticas impelem muitas pessoas a emigrar. Contudo, as migrações não são um fenómeno novo, mas pertencem à história da humanidade. Consiste em falta de memória histórica pensar que elas sejam próprias apenas da nossa época.

A Bíblia oferece-nos muitos exemplos concretos de migração. É suficiente pensar em Abraão. A chamada de Deus impeliu-o a deixar o seu país e ir para outro: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te



mostrar» (*Gn 12, 1*). E assim aconteceu também para o povo de Israel, que do Egito, onde era escravo, caminhou durante quarenta dias no deserto até alcançar a terra prometida por Deus. A própria Sagrada Família — Maria, José e o menino Jesus — foi obrigada a emigrar para fugir das ameaças de Herodes: «José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito. Ali permaneceu até à morte de Herodes» (*Mt 2, 14-15*). A história da humanidade é feita de migrações: em cada latitude não há povo que não tenha conhecido o fenómeno migratório.

A propósito, durante os séculos assistimos a grandes expressões de solidariedade, embora não tenham faltado também tensões sociais. Hoje, o contexto de crise económica infelizmente favorece o emergir de comportamentos de fechamento e não acolhimento. Nalgumas partes do mundo erguem-se muros e barreiras. Às vezes parece que a obra silenciosa de muitos homens e mulheres que, de várias maneiras, se prodigalizam para ajudar e assistir os refugiados e os migrantes seja obscurecida pelo rumor de outros que dão voz a um egoísmo instintivo. Contudo o fechamento não é uma solução, pelo contrário, acaba por favorecer os tráficos criminosos. A única solução é a solidariedade. Solidariedade com o migrante, solidariedade com o estrangeiro...

Hoje o compromisso dos cristãos neste âmbito é urgente assim como era no passado. Observando só o século passado, recordamos a admirável figura de Santa Francisca Cabrini, que dedicou a sua vida juntamente com as suas companheiras aos migrantes rumo aos Estados Unidos da América. Também hoje precisamos destes testemunhos a fim de que a misericórdia possa alcançar muitos necessitados. É um compromisso que envolve todos, sem exclusão. As dioceses, as paróquias, os institutos de vida consagrada, as associações e os movimentos, assim como cada cristão, todos são chamados a acolher os irmãos e as irmãs que fogem da guerra, da fome, da violência e das condições de vida desumanas. Todos juntos somos uma



grande força de apoio para quantos perderam pátria, família, trabalho e dignidade. Há alguns dias aconteceu uma pequena história urbana. Havia um refugiado à procura de uma rua e uma senhora aproximando-se dele, disse-lhe: «O senhor está a procurar algo?». O refugiado, que estava descalço, respondeu: «Gostaria de ir à praça de São Pedro para atravessar a Porta Santa». E a senhora pensou: «Mas sem sapatos como fará para caminhar?». E chamou um táxi. Mas o migrante, aquele refugiado cheirava mal e o motorista do táxi quase não o deixava entrar, mas no final aceitou levá-lo. E a senhora, ao lado dele, durante o percurso perguntou-lhe sobre a sua história de refugiado e de migrante: dez minutos para chegar à praça. O homem narrou a sua história de dor, de guerra, de fome e a razão pela qual fugiu da sua pátria para migrar para aqui. Quando chegaram, a senhora abriu a bolsa para pagar o táxi e o taxista, que no início não queria que o migrante entrasse porque cheirava mal, disse à senhora: «Não, senhora, sou eu que devo pagar-lhe porque me fez ouvir uma história que mudou o meu coração». Esta senhora sabia o que significa a dor de um migrante porque tem sangue arménio e conhece o sofrimento do seu povo. Quando fazemos algo deste tipo, no início não aceitamos porque nos incomoda um pouco, «... o mau cheiro...». Mas no final, a história perfuma-nos a alma e faz-nos mudar. Pensai nesta história e pensemos no que podemos fazer pelos refugiados.

Outro aspeto é vestir quem está nu: o que significa senão restituir dignidade a quem a perdeu? Certamente, dando roupas a quem não as tem; mas pensemos também nas mulheres vítimas do tráfico obrigadas a estar pelas ruas, ou noutras pessoas, são demasiados os modos de usar o corpo humano como mercadoria, até dos menores. E também não ter um trabalho, uma casa, um salário justo é uma forma de nudez, ou ser discriminados pela raça, pela fé, são todas formas de «nudez», diante das quais como cristãos somos chamados a estar atentos, vigilantes e prontos a agir.



Queridos irmãos e irmãs, não caíamos na armadilha de nos fecharmos em nós mesmos, indiferentes às necessidades dos irmãos e preocupados só com os nossos interesses. É precisamente na medida em que nos abrimos aos outros que a vida se torna fecunda, as sociedades restabelecem a paz e as pessoas recuperam a sua plena dignidade. E não vos esqueçais daquela senhora, do migrante que cheirava mal, nem do taxista ao qual o migrante mudou a alma.

Saudações

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, particularmente aos fiéis das várias paróquias do Brasil e de Portugal. Queridos amigos, não deixemos de nos fazer solidários com os mais necessitados, lembrando que, quando os acolhemos, tocamos na carne sofredora de Cristo. Deus vos abençoe! Obrigado.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 26 de outubro de 2016

Visitar os enfermos e os encarcerados

A vida de Jesus, sobretudo nos três anos do seu ministério público, foi um encontro incessante com as pessoas. Entre elas, ocuparam um lugar especial os doentes. Quantas páginas dos Evangelhos narram estes encontros! O paralítico, o cego, o leproso, o endemoninhado, o epilético e numerosos enfermos de todos os tipos... Jesus fez-se próximo de cada um deles e curou-os com a sua presença e com o poder da sua força purificadora. Portanto, não pode faltar entre as obras de misericórdia a de visitar e assistir as pessoas enfermas.



Juntamente com ela podemos inserir também a de estar próximo das pessoas que se encontram na prisão. Com efeito, quer os doentes quer os presos vivem uma condição que limita a sua liberdade. E exatamente quando ela nos falta, sentimos como é preciosa! Jesus deu-nos a possibilidade de ser livres, não obstante os limites da doença e as restrições. Oferece-nos a liberdade que deriva do encontro com Ele e do sentido novo que este encontro confere à nossa condição pessoal.

Com estas obras de misericórdia o Senhor convida-nos a um gesto de grande humanidade: a *partilha*. Recordemos esta palavra: a partilha. Quem está doente, sente-se muitas vezes só. Não podemos esconder que, sobretudo nos nossos dias, é exatamente na doença que experimentamos de maneira mais profunda a solidão, que permeia uma grande parte da vida. Uma visita pode levar a pessoa doente a sentir-se menos só e um pouco de companhia é um ótimo remédio! Um sorriso, uma carícia, um aperto de mão, são gestos simples, mas muito importantes para quem se sente abandonado a si mesmo. Quantas pessoas se dedicam a visitar os enfermos nos hospitais ou nas casas! É uma impagável obra de voluntariado! Quando ela é feita em nome do Senhor, então torna-se inclusive *expressão eloquente e eficaz de misericórdia*. Não deixemos sós as pessoas doentes! Não impeçamos que elas encontrem alívio, e que nós sejamos enriquecidos pela proximidade a quantos sofrem. Os hospitais são verdadeiras «catedrais da dor», onde, contudo se torna evidente também a força da caridade que sustém e sente compaixão.

Penso igualmente em quantos se encontram presos no cárcere. Jesus não se esqueceu também deles. Inserindo a visita aos encarcerados entre as obras de misericórdia, Ele quis convidar-nos antes de tudo a não sermos juízes de ninguém. Sem dúvida, se alguém está na prisão é porque errou, não respeitou a lei e a convivência civil. É por isso que se encontra na prisão, para cumprir a sua pena. Mas independentemente do que tiver feito, o preso continua a ser sempre amado por



Deus. Quem pode entrar no íntimo da sua consciência, para compreender o que ele sente? Quem pode entender a sua dor e o seu remorso? É demasiado fácil lavar as mãos, afirmando que ele errou. Ao contrário, o cristão está chamado a responsabilizar-se por ele, para que quem errou compreenda o mal cometido e volte a cair em si mesmo. A falta de liberdade é indubitavelmente uma das maiores privações para o ser humano. Se a ela se acrescentar a degradação devida às condições muitas vezes desprovidas de humanidade nas quais estas pessoas se encontram a viver, então é verdadeiramente o caso em que o cristão se sente provocado a fazer de tudo para lhes restituir a dignidade.

Visitar as pessoas na prisão é uma obra de misericórdia que, sobretudo hoje, adquire um valor especial para as variadas formas de justicialismo às quais estamos submetidos. Portanto, ninguém aponte o dedo contra alguém. Ao contrário, todos nos tornemos instrumentos de misericórdia, com atitudes de partilha e de respeito. Penso com frequência nos presos... penso muitas vezes neles e trago-os no coração. Interrogo-me sobre o que os levou a cometer crimes e como puderam ceder às várias formas de mal. E no entanto, juntamente com tais pensamentos, sinto que todos precisam de proximidade e de ternura, porque a misericórdia de Deus realiza prodígios. Quantas lágrimas vi escorrer no rosto de prisioneiros que talvez nunca tinham chorado na sua vida; e isto só porque se sentiram acolhidos e amados.

E não nos esqueçamos que também Jesus e os Apóstolos fizeram a experiência da prisão. Nas narrações da Paixão, conhecemos os sofrimentos aos quais o Senhor foi submetido: capturado, arrastado como malfeitor, escarnecido, coroado de espinhos... Ele, o único Inocente! E inclusive são Pedro e são Paulo estiveram no cárcere (cf. *At 12, 5; Fl 1, 12-17*). Na tarde do domingo passado — dedicado ao Jubileu dos Presos — veio visitar-me um grupo de encarcerados paduanos. Perguntei-lhes o que teriam feito no dia seguinte, antes de voltar para Pádua. Disseram-me: «Iremos ao cárcere Mamertino para compartilhar a



experiência de são Paulo». Foi bom, fez-me bem ouvir isto. Aqueles presos queriam encontrar Paulo prisioneiro. É algo bom, fez-me bem. E também ali, no cárcere, rezaram e evangelizaram. É comovedora a página dos Atos dos Apóstolos, onde se descreve o aprisionamento de Paulo: ele sentia-se só e desejava que alguns dos seus amigos o visitassem (cf. *2 Tm 4, 9-15*). Sentia-se só, porque a grande maioria o tinha abandonado... o grande Paulo.

Como se vê, estas obras de misericórdia são antigas, e, no entanto, sempre atuais. Jesus deixou aquilo que fazia para ir visitar a sogra de Pedro; uma antiga obra de caridade. Jesus cumpriu-a. Não caímos na indiferença, mas tornemo-nos instrumentos da misericórdia de Deus. Todos nós podemos ser instrumentos da misericórdia de Deus, e isto fará mais bem a nós do que aos outros, porque a misericórdia passa através de um gesto, de uma palavra, de uma visita, e esta misericórdia é um ato para restituir alegria e dignidade a quem a perdeu.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, especialmente aos membros dos grupos e entes vindos do Brasil e de Portugal, convidando-vos a pedir ao Senhor uma fé grande para verdes a realidade com o olhar de Jesus e uma caridade generosa para vos aproximardes das pessoas com o seu coração misericordioso. Assim Deus vos abençoe a vós e às vossas famílias!

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de expressão árabe, de maneira particular aos provenientes da Jordânia e da Terra Santa. A visita aos doentes e aos encarcerados infunde-lhes muito alívio e encorajamento, a fim de que não sintam a amargura da solidão. A visita proporciona uma grande riqueza também a quantos a realizam e leva a dar graças a Deus pela bênção da saúde e da liberdade. Somos nós que nos enriquecemos, quando nos aproximamos daqueles que sofrem, porque quem sofre desperta em nós a certeza da nossa pequenez e da nossa necessidade de Deus e dos outros. Que o Senhor abençoe todos vós e vos proteja do maligno!

Dirijo uma especial saudação aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebramos a Dedicção da Basílica de São João de Latrão, Catedral de Roma. Rezai pelo Sucessor do Apóstolo Pedro, amados jovens, a fim de que ele confirme sempre os irmãos na fé; senti a proximidade do Papa na oração,



estimados enfermos, para enfrentar a prova da enfermidade; ensinai com simplicidade a fé aos vossos filhos, diletos recém-casados, alimentando-a com o amor pela Igreja e pelos seus Pastores.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 9 de novembro de 2016

A misericórdia e a inclusão

Nesta última audiência jubilar de sábado, gostaria de apresentar um aspeto importante da misericórdia: a *inclusão*. Com efeito, Deus, no seu desígnio de amor, não quis *excluir* ninguém, mas sim *incluir* todos. Por exemplo, mediante o Batismo, torna-nos seus filhos em Cristo, membros do seu corpo que é a Igreja. E nós, cristãos, somos convidados a ter o mesmo critério: a misericórdia é aquela maneira de agir, aquele estilo, com que procuramos *incluir* os outros na nossa vida, evitando fechar-nos em nós mesmos e nas nossas certezas egoístas.

No trecho do Evangelho de Mateus que acabamos de ouvir, Jesus dirige um convite realmente universal: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei» (11, 28). Ninguém está excluído deste apelo, porque a missão de Jesus consiste em revelar a cada pessoa o amor do Pai. Compete a nós abrir o coração, confiar em Jesus e acolher esta mensagem de amor, que nos faz entrar no mistério da salvação.

Este aspeto da misericórdia, a *inclusão*, manifesta-se no gesto de abrir os braços para acolher sem excluir; sem classificar os outros com base na condição social, na língua, na raça, na cultura, na religião: diante de nós há apenas *uma pessoa para amar como Deus ama*. Aquele com o qual me encontro no meu trabalho, no meu bairro, é uma pessoa para amar, como Deus ama. «Mas ele é



deste país, daquele país, desta religião, de outra... É uma pessoa que Deus ama e eu devo amá-la». Isto significa *incluir*, é esta a *inclusão*.

Quantas pessoas cansadas e oprimidas encontramos também hoje! Pela rua, nos escritórios públicos, nos ambulatórios médicos... O olhar de Jesus pousa sobre cada um destes rostos, também através do nosso olhar. E como é o nosso coração? É misericordioso? E o nosso modo de pensar e de agir, é *inclusivo*? O Evangelho chama-nos a reconhecer na história da humanidade o desígnio de *uma grande obra de inclusão* que, respeitando plenamente a liberdade de todas as pessoas, de qualquer comunidade, de cada povo, chama todos a formar uma família de irmãos e irmãs, na justiça, na solidariedade e na paz, e a fazer parte da Igreja, que é o corpo de Cristo.

Como são verdadeiras as palavras de Jesus que convida todos os que estão cansados e oprimidos a dirigir-se a Ele para encontrar repouso! Os seus braços abertos na cruz demonstram que ninguém está excluído do seu amor e da sua misericórdia, nem sequer o maior pecador: ninguém! Todos estamos incluídos no seu amor e na sua misericórdia. A expressão mais imediata com a qual nos sentimos acolhidos e inseridos n'Ele é a do seu perdão. Todos temos necessidade de ser perdoados por Deus. E todos precisamos de encontrar irmãos e irmãs que nos ajudem a ir ao encontro de Jesus, a abrir-nos ao dom que nos fez na cruz. Não nos impeçamos uns aos outros! Não excluamos ninguém! Aliás, com humildade e simplicidade tornemo-nos instrumentos da misericórdia inclusiva do Pai. A misericórdia inclusiva do Pai: é assim. A santa mãe Igreja prolonga no mundo o grande abraço de Cristo morto e ressuscitado. Também esta Praça, com a sua colonata, expressa este abraço. Deixemo-nos envolver neste movimento de *inclusão* dos outros, para sermos testemunhas da misericórdia com a qual Deus acolheu e acolhe cada um de nós.



Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, de coração vos saúdo a todos, desejando-vos que possais experimentar nesta peregrinação jubilar a força do Evangelho da misericórdia que transforma, que faz entrar no coração de Deus, que nos torna capazes de perdoar e olhar para o mundo com mais bondade. Que Deus vos abençoe a vós e às vossas famílias.

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 12 de novembro de 2016

Suportar pacientemente as fraquezas do próximo

Dedicamos a catequese de hoje a uma obra de misericórdia que todos conhecemos muito bem, mas que talvez não a ponhamos em prática como deveríamos: *suportar pacientemente as pessoas inoportunas*. Todos somos capazes de identificar uma presença que pode incomodar: acontece quando encontramos alguém pela rua, ou quando recebemos um telefonema... imediatamente pensamos: «Por quanto tempo tenho que ouvir as lamentações, as conversas, as solicitações ou as ostentações desta pessoa?». Às vezes acontece até que as pessoas inoportunas são as mais próximas de nós: entre os parentes há sempre alguma; no lugar de trabalho nunca faltam; e nem no tempo livre ficamos isentos delas. O que devemos fazer com as pessoas inoportunas? Mas também nós muitas vezes somos inoportunos para os outros. Por que entre as obras de misericórdia também ela está inserida? *Suportar pacientemente as pessoas inoportunas?*

Na Bíblia vemos que o próprio Deus deve usar misericórdia para suportar as lamentações do seu povo. Por exemplo no livro do Êxodo o povo resulta deveras insuportável: primeiro chora porque é escravo no Egito, e Deus liberta-o; depois, no deserto, lamenta-se porque não tem o que comer (cf. 16, 3), e Deus manda-lhe o



maná (cf. 16, 13-16), e não obstante tudo as lamentações não cessam. Moisés era o mediador entre Deus e o povo, e também ele às vezes foi inoportuno para o Senhor. Mas Deus teve paciência e assim ensinou a Moisés e ao povo esta dimensão essencial da fé.

Portanto, surge espontânea uma primeira pergunta: às vezes fazemos o exame de consciência para verificar se também nós resultamos inoportunos aos outros? É fácil apontar o dedo contra defeitos e falhas dos outros, mas devemos aprender a pôr-nos no lugar dos outros.

Olhemos sobretudo para Jesus: quanta paciência teve nos três anos da sua vida pública! Certa vez, enquanto caminhava com os discípulos, foi interpelado pela mãe de Tiago e João, a qual lhe disse: «Ordena que estes meus dois filhos se sentem no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda» (Mt 20, 21). A mãe fazia a lobby pelos seus filhos, mas era a mãe... Jesus aproveita também esta situação para oferecer um ensinamento fundamental: o seu não é um reino de poder, e não é um reino de glória como os terrenos, mas de serviço e doação aos outros. Jesus ensina a ir sempre ao essencial e a olhar mais longe para assumir com responsabilidade a própria missão. Poderíamos ver aqui a evocação a outras duas obras de misericórdia espiritual: *advertir os pecadores* e *ensinar os ignorantes*. Pensemos no grande compromisso que podemos assumir quando ajudamos as pessoas a crescer na fé e na vida. Por exemplo, os catequistas — entre os quais se inserem muitas mães e religiosas — que dedicam tempo para ensinar aos jovens os elementos basilares da fé. Quanto esforço sobretudo quando os jovens prefeririam divertir-se a ouvir o catecismo!

Acompanhar na busca do essencial é bom e importante, porque nos faz partilhar a alegria de saborear o sentido da vida. Com frequência, acontece que nos encontramos com pessoas que dão importância a aspetos superficiais, efêmeros e banais; muitas vezes porque não encontraram alguém que as estimulasse a procurar



outra coisa, a apreciar os tesouros verdadeiros. Ensinar a olhar para o essencial é uma ajuda determinante, especialmente numa época como a nossa que parece ter perdido a orientação e persegue satisfações a curto prazo. Ensinar a descobrir o que o Senhor quer de nós e como lhes podemos corresponder significa pôr-nos a caminho para crescer na própria vocação, na vereda da alegria autêntica. Assim, as palavras de Jesus à mãe de Tiago e João, e depois ao grupo inteiro dos discípulos, indicam o caminho para evitar a queda na inveja, na ambição e na adulação, tentações que estão sempre à espreita também entre nós cristãos. A exigência de aconselhar, advertir e ensinar não nos deve fazer sentir superiores aos outros, mas obriga-nos antes de tudo a penetrar em nós mesmos para verificar se somos coerentes com quanto exigimos dos outros. Não nos esqueçamos das palavras de Jesus: «Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho?» (Lc 6, 41). O Espírito Santo nos ajude a ser pacientes no suportar e humildes e simples no aconselhar.

Saudações

Saúdo a todos os peregrinos de língua portuguesa, em particular aos sacerdotes e fiéis do Rio de Janeiro, bem como os de Votuporanga e Patos de Minas. Queridos amigos, nesta última semana do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Jesus nos chama a levar a alegria e a consolação do Evangelho a todos os homens, como suas autênticas testemunhas misericordiosas! Que Deus vos abençoe a todos!

No próximo domingo, 20 de novembro, celebrar-se-á o *Dia mundial dos direitos da infância e da adolescência*. Faço apelo à consciência de todos, instituições e famílias, a fim de que as crianças sejam sempre protegidas e o seu bem-estar tutelado, para que nunca caiam em formas de escravidão, recrutamento em grupos armados e maus-tratos. Faço votos por que a Comunidade internacional possa vigiar sobre a sua vida, garantindo a cada menino e menina o direito à escola e à educação, para que o seu crescimento seja sereno e olhem confiantes para o futuro.

Saúdo de modo especial os jovens, os doentes e os novos casais. No mês de novembro a liturgia convida-nos à oração pelos defuntos. Não esqueçamos todos os que nos amaram e nos precederam na fé, assim como também aqueles dos quais ninguém se recorda: o sufrágio na Celebração Eucarística é a melhor ajuda espiritual que podemos oferecer às suas almas. Recordemos com afeto especial as vítimas do recente



terramoto na Itália central: rezemos por elas e pelos familiares e continuemos a ser solidários com quantos sofreram danos.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça São Pedro

Quarta-feira, 16 de novembro de 2016

Aconselhar e ensinar

Acabado o jubileu, hoje voltamos à normalidade, mas permanecem ainda algumas reflexões sobre as obras de misericórdia, e assim continuemos a falar sobre isto.

A reflexão sobre as obras de misericórdia espiritual hoje diz respeito a duas ações fortemente interligadas entre elas: *aconselhar os duvidosos e ensinar aos ignorantes*, ou seja, a quantos não sabem. A palavra ignorante é demasiado forte, mas quer dizer aqueles que não sabem algo e aos quais se deve ensinar. São obras que se podem viver quer numa dimensão simples, familiar, ao alcance de todos, quer — especialmente a segunda, a de ensinar — num plano mais institucional, organizado. Pensemos, por exemplo, em quantas crianças sofrem ainda de analfabetismo. Não se pode compreender isto: num mundo onde o progresso técnico-científico chegou a um patamar tão alto, há crianças analfabetas! É uma injustiça. Quantas crianças sofrem por falta de instrução. É uma condição de grande injustiça que mina a própria dignidade da pessoa. Além disso, sem instrução tornam-se facilmente reféns da exploração e de várias formas de degradação social.

A Igreja, ao longo dos séculos, sentiu a exigência de se comprometer no âmbito da instrução porque a sua missão de evangelização comporta o empenho de restituir dignidade aos mais pobres. Desde o primeiro exemplo de uma «escola»



fundada precisamente aqui em Roma por São Justino, no segundo século, para que os cristãos conhecessem melhor a Sagrada Escritura, até São José de Calasanz, que abriu as primeiras escolas populares gratuitas da Europa, temos uma longa lista de santos e santas que em várias épocas levaram instrução aos mais desfavorecidos, sabendo que através deste caminho teriam ultrapassado a miséria e a discriminação. Quantos cristãos, leigos, irmãos e irmãs consagrados, sacerdotes dedicaram a própria vida à instrução, à educação das crianças e dos jovens. Isto é grande: convido-vos a prestar-lhe uma homenagem com uma calorosa salva de palma! [aplausos dos fiéis]. Estes pioneiros da instrução tinham compreendido profundamente a obra de misericórdia, tornando-a um estilo de vida capaz de transformar a própria sociedade. Através de um trabalho simples e com poucas estruturas souberam restituir dignidade a muitas pessoas! E a instrução que proporcionavam era muitas vezes orientada também para o trabalho. Mas pensemos em São João Bosco, que preparava os meninos de rua para o trabalho, com o oratório e também com as escolas, os ofícios. Foi assim que surgiram muitas e diversas escolas profissionais, que habilitavam para o trabalho e educavam nos valores humanos e cristãos. Portanto, a instrução é deveras uma forma peculiar de evangelização.

Quanto mais cresce a instrução, mais as pessoas adquirem certezas e consciências, das quais todos necessitamos na vida. Uma boa instrução ensina-nos o método crítico, que inclui também um certo tipo de dúvida, útil para colocar perguntas e verificar os resultados alcançados, em vista de um conhecimento maior. Mas a obra de misericórdia de aconselhar os duvidosos não diz respeito a este tipo de dúvida. Ao contrário, expressar a misericórdia para com os duvidosos equivale a aliviar aquela dor e aquele sofrimento que provém do medo e da angústia que são consequências da dúvida. Portanto, é um ato de verdadeiro amor com o qual se tenta apoiar uma pessoa na debilidade provocada pela incerteza.



Penso que alguém poderia questionar-me: «Padre, mas eu tenho tantas dúvidas sobre a fé, o que devo fazer? O senhor nunca tem dúvidas?». Tenho muitas... certamente nalguns momentos as dúvidas surgem para todos! As dúvidas mexem com a fé, no sentido positivo, são o sinal de que queremos conhecer melhor e mais profundamente a Deus, Jesus, e o mistério do seu amor por nós. «Mas, tenho esta dúvida: procuro, estudo, vejo e peço conselhos sobre como agir». Estas são dúvidas que fazem crescer! Por conseguinte, é bom que façamos algumas perguntas sobre a nossa fé, porque deste modo somos impelidos a aprofundá-la. Todavia, as dúvidas devem ser também ultrapassadas. Por isso é necessário ouvir a Palavra de Deus, e compreender o que nos ensina. Um caminho importante que pode ajudar muito neste sentido é a *catequese*, com a qual o anúncio da fé vem ao nosso encontro no concreto da vida pessoal e comunitária. E há, ao mesmo tempo, outro caminho igualmente importante, o de *viver* o mais possível a fé. Não façamos da fé uma teoria abstrata onde as dúvidas se multiplicam. Ao contrário, façamos da fé a nossa vida. Procuremos praticá-la no serviço aos irmãos, especialmente dos mais necessitados. E então muitas dúvidas esvaecem, porque sentimos a presença de Deus e a verdade do Evangelho no amor que, sem o nosso mérito, habita em nós e compartilhemos com os outros.

Como podemos observar, queridos irmãos e irmãs, também estas duas obras de misericórdia não estão distantes da nossa vida. Cada um de nós pode comprometer-se em vivê-las para pôr em prática a palavra do Senhor quando diz que o mistério do amor de Deus não foi revelado aos sábios e aos inteligentes, mas aos pequeninos (cf. *Lc* 10, 21; *Mt* 11, 25-26). Portanto, o ensinamento mais profundo que somos chamados a transmitir e a certeza mais verdadeira para sair da dúvida, é o amor de Deus com o qual fomos amados (cf. *1 Jo* 4, 10). Um grande amor, gratuito e concedido para sempre. Deus nunca retrocede com o seu amor! Vai sempre em frente e espera; doa para sempre o seu amor, do qual devemos



sentir grande responsabilidade, para sermos o seu testemunho oferecendo misericórdia aos nossos irmãos. Obrigado.

Saudações

Saúdo cordialmente os fiéis brasileiros de Araguari, Lorena e Manaus e todos os peregrinos presentes de língua portuguesa: obrigado pela vossa presença e sobretudo pelas vossas orações! À Virgem Maria confio os vossos passos ao serviço do crescimento em dignidade humana e divina dos nossos irmãos e irmãs. Sobre vós, vossas famílias e paróquias desça a Bênção do Senhor!

Dirijo por fim um pensamento aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. No domingo passado concluímos o Jubileu Extraordinário. Contudo não foi encerrado o coração misericordioso de Deus para nós pecadores, que não cessará de nos inundar com a sua graça. Do mesmo modo nunca se fechem os nossos corações e não deixemos de cumprir sempre as obras de misericórdia corporais e espirituais. A experiência do amor e do perdão de Deus que vivemos neste Ano Santo permaneça em nós como inspiração permanente à caridade em relação aos irmãos.

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 23 de novembro de 2016

Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos

Com a catequese de hoje concluímos o ciclo dedicado à misericórdia. As catequese acabam, mas a misericórdia deve continuar! Demos graças a Deus por tudo isto, conservando-o no coração como consolação e conforto.

A última obra de misericórdia espiritual pede que se *reze pelos vivos e pelos defuntos*. Ao seu lado podemos pôr também a última obra de misericórdia corporal que exorta a *sepultar os mortos*. Este último pedido pode parecer estranho, mas nalgumas regiões do mundo nas quais se vive sob o flagelo da guerra, com bombardeamentos que dia e noite semeiam medo e vítimas inocentes, esta obra é



tristemente atual. A Bíblia oferece um bonito exemplo a este propósito: o do velho Tobit, o qual, arriscando a própria vida, sepultava os mortos apesar da proibição do rei (cf. *Tb* 1, 17-19; 2, 2-4). Também hoje há quem põe em risco a vida para dar sepultura às pobres vítimas das guerras. Por conseguinte, esta obra de misericórdia corporal não está distante da nossa existência diária. E faz-nos pensar no que acontece na Sexta-Feira Santa, quando a Virgem Maria, com João e algumas mulheres estavam ao pé da cruz de Jesus. Depois da sua morte, veio José de Arimateia, um homem rico, membro do Sinédrio que se tornou discípulo de Jesus, e ofereceu-lhe o seu sepulcro novo, escavado na rocha. Foi pessoalmente ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus: uma verdadeira obra de misericórdia realizada com grande coragem (cf. *Mt* 27, 57-60)! Para os cristãos, a sepultura é um ato de piedade e também de grande fé. Depomos no túmulo o corpo dos nossos entes queridos com a esperança da sua ressurreição (cf. *1 Cor* 15, 1-34). Este rito permanece muito forte e sentido no nosso povo, e encontra ressonâncias especiais no mês de novembro dedicado em particular à recordação e à oração pelos defuntos.

Rezar pelos defuntos, antes de tudo, é um sinal de gratidão pelo testemunho que nos deixaram e pelo bem que praticaram. É uma ação de graças ao Senhor por no-los ter doado e pelo seu amor e amizade. A Igreja reza pelos defuntos de modo particular durante a Santa Missa. O sacerdote diz: «Recordai Senhor dos vossos fiéis que nos precederam com o sinal da fé e dormem o sono da paz. Doai, Senhor, a eles e a todos os que repousam em Cristo, a beatitude, a luz e a paz» (Cânone romano). Uma recordação simples, eficaz, cheia de significado, porque confia os nossos entes queridos à misericórdia de Deus. Rezemos com esperança cristã para que estejam com Ele no paraíso, na expectativa de nos encontrarmos naquele mistério de amor que não compreendemos, mas que sabemos ser verdadeiro porque é uma promessa que Jesus fez. Todos ressuscitaremos e permaneceremos para sempre com Jesus, com Ele.



A recordação dos fiéis defuntos não deve fazer com que nos esqueçamos de rezar também *pelos vivos*, que conosco diariamente enfrentam as provações da vida. A necessidade desta oração é ainda mais evidente se a pusermos à luz da profissão de fé que diz: «Creio na comunhão dos santos». É o mistério que exprime a beleza da misericórdia que Jesus nos revelou. De facto, a comunhão dos santos indica que todos estamos imersos na vida de Deus e vivemos no seu amor. Todos, vivos e defuntos, estamos na comunhão, isto é, como uma união; unidos na comunidade de quantos receberam o Batismo, e de quantos se nutriram do Corpo de Cristo e fazem parte da grande família de Deus. Todos somos a mesma família, unidos. E por isso rezemos uns pelos outros.

Quantos modos diversos temos para rezar pelo nosso próximo! Todos são válidos e aceites por Deus se feitos com o coração. Penso de maneira particular nas mães e pais que abençoam os seus filhos de manhã e à noite. Ainda permanece este hábito nalgumas famílias: abençoar o filho é uma oração; penso na oração pelos doentes, quando vamos visitá-los e rezamos por eles; na intercessão silenciosa, às vezes com as lágrimas, em muitas situações difíceis pelas quais rezar. Ontem veio à Missa em Santa Marta um homem bom, um empresário. Aquele homem jovem deve fechar a sua fábrica porque não consegue mantê-la e chorava dizendo: «Não tenho coragem de deixar sem trabalho mais de cinquenta famílias. Poderia declarar a falência da empresa: volto para casa com o meu dinheiro, mas o meu coração chorará a vida inteira por estas cinquenta famílias». Eis um bom cristão que reza com as obras: veio à missa para rezar a fim de que o senhor lhe indique uma solução, não só para ele, mas para as cinquenta famílias. Este é um homem que sabe rezar, com o coração e com as ações, sabe orar pelo próximo. Está numa situação difícil. E não procura a saída mais fácil: «Que se arranjem eles». Este é um cristão. Fez-me muito bem ouvi-lo! E talvez haja tantos como ele, hoje, neste momento em que muitas pessoas sofrem pela falta de trabalho; penso também no agradecimento por uma boa notícia sobre um amigo, um parente, um colega...



«Obrigado, Senhor, por esta boa coisa!», também isto é rezar pelos outros! Agradecer ao Senhor quando as coisas correm bem. Às vezes, como diz São Paulo, «não sabemos como rezar de modo conveniente, mas o próprio Espírito intercede com gemidos inexprimíveis» (Rm 8, 26). É o Espírito que ora dentro de nós. Portanto, abramos o nosso coração de maneira que o Espírito Santo, perscrutando os desejos que estão no mais profundo de nós, possa purificá-los e realizá-los. Contudo, por nós e pelos outros, peçamos sempre que se faça a vontade de Deus, como no Pai-Nosso, porque a sua vontade é certamente o maior bem, o bem de um Pai que nunca nos abandona: rezar e deixar que o Espírito Santo reze em nós. Isto é bonito na vida: rezar agradecendo, louvando a Deus, pedindo algo, chorando quando há uma dificuldade, como aquele homem. Mas o coração esteja sempre aberto ao Espírito para que reze em nós, conosco e por nós.

Concluindo estas catequeses sobre a misericórdia, comprometamo-nos a rezar uns pelos outros para que as obras de misericórdia corporais e espirituais se tornem cada vez mais o estilo da nossa vida. As catequeses, como disse no início, acabam aqui. Fizemos o percurso das catorze obras de misericórdia, mas a misericórdia continua e devemos exercê-la nestes catorze modos. Obrigado.

Saudação

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa aqui presentes. Neste início de Advento, somos convidados a ir ao encontro de Jesus que nos espera em todos os necessitados, aos quais podemos levar ajuda com as obras de misericórdia. Também eu quero recordar hoje a dor do povo brasileiro pela tragédia do time de futebol e rezar pelos jogadores defuntos, pelas suas famílias. Na Itália sabemos bem o que isso significa, pois lembramos o acidente aéreo de Superga em 1949. São tragédias duras. Rezemos por eles!

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 30 de novembro de 2016